

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO E PRECEITOS DA FÉ:
O COLÉGIO DO SALVADOR (ARACAJU 1935-1959)**

FRANCE ROBERTSON PEREIRA DA SILVA

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2016**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO E PRECEITOS DA FÉ:
O COLÉGIO DO SALVADOR (ARACAJU/SE, 1935-1959).

FRANCE ROBERTSON PEREIRA DA SILVA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação da Profa. Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas e co-orientação do Prof. Dr. Marcos Santana de Souza.

SÃO CRISTÓVÃO/SE
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO



FRANCE ROBERTSON PEREIRA DA SILVA

“EDUCAÇÃO E PRECEITOS DA FÉ: O COLÉGIO DO SALVADOR
(ARACAJU, 1935-1959)”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em: 02. 05. 2016

Prof.^a Dr.^a Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.^a Dr.^a Marizete Lucini
Programa de Pós- Graduação em Educação/UFS

Prof.^a Dr.^a Milena Cristina Aragão Ribeiro de Souza
Universidade Estácio/ FASE

Prof. Dr. Marcos Santana de Souza
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFS

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2016

AGRADECIMENTOS

É imensa a gratidão que sinto pela professora e orientadora, Doutora Anamaria Bueno Gonçalves de Freitas que desde as nossas primeiras conversas acerca da minha pretensão em fazer a seleção para o mestrado em Educação e sua possível orientação, se dispôs a ajudar de forma bastante acolhedora e generosa. Cheguei a imaginar que era apenas uma resposta encorajadora, porém pouco provável. Depois, ao conhecê-la mais de perto, quando trabalhamos junto na Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação percebi a sua franqueza, seriedade e carinho. Para que eu tivesse maior interação com a área da história da educação fui por ela convidado a participar do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, na época coordenado pelo professor Jorge Carvalho e pela professora Anamaria. Mais tarde ela se dispôs a construir junto comigo o projeto de pesquisa para a seleção, fazendo-me a indicação de leituras de obras, artigos e filmes visando facilitar minha compreensão sobre a história da educação, algo ainda fora dos meus objetos de pesquisas, haja vista que sou licenciado em História e os trabalhos anteriores não se relacionavam com o que estava sendo pleiteado. Passei então a conhecê-la mais de perto e tive a grata satisfação de lidar com uma das pessoas mais nobre e digna que havia encontrado nesses meus trinta e seis anos de trabalho na Universidade Federal de Sergipe. Quando fui discente na sua disciplina Cultura e Práticas Escolares: memória, literatura e história, aprendi, realmente o que é ser um docente de verdade, na mais pura acepção da palavra. Paciente e doce nas nossas dificuldades, exigente e enérgica quando os momentos assim requeriam. Sempre preocupada em indicar as leituras apropriadas para o desenvolvimento da nossa pesquisa, preocupada com saúde e bem estar dos seus orientandos e nos enchendo de ânimo quando estávamos esmorecendo. A ela e ao meu co-orientador, devo a construção do meu trabalho, pois diante do meu pouco domínio na área de história da educação e das fragilidades pelos poucos passos que eu tinha dado anteriormente como pesquisador, sem dúvida alguma, não teria atingido os objetivos que conseguimos granjear.

Também sou igualmente grato ao meu co-orientador e grande amigo, o professor Doutor Marcos Santana de Souza, meu orientador no Curso de Especialização, que desde o primeiro momento em que o convidei para contribuir com o meu trabalho, também aceitou de forma muito generosa a possibilidade de orientação, mesmo que não fosse oficializada pelo Programa de Pós-Graduação. Agradeço a esse bom amigo por ter disponibilizado seu precioso tempo nos finais de semana e nas horas do seu descanso para discutir questões relativas ao meu trabalho, corrigir os meus deslizes semânticos e ainda contribuindo de maneira

significativa para o enriquecimento e aprofundamento de questões onde eu tinha pouco ou quase nenhum domínio.

Agradeço a professora Doutora e boa amiga Vera Maria Santos, que me deu grande incentivo para que eu pudesse participar da seleção do mestrado em educação, inclusive sugerindo em nossas agradáveis conversas uma questão ainda inédita, pois na sua visão de excelente pesquisadora, trabalhar um tema tão pouco discutido traria bons frutos e seria uma pesquisa instigante, o que de fato assim ocorreu.

Agradecimentos especiais à professora Doutora Verônica Mariano que de forma tão brilhante conduziu e disciplina Seminário de Pesquisa, que tanto contribuiu para a evolução da minha pesquisa, as professoras Doutora Marizete Lucini e Milena Cristina que desde a minha qualificação apontaram questões importantes que enriqueceram de forma significativa a minha dissertação e o mesmo fizeram quando defendi o trabalho.

Agradeço aos meus queridos professores Doutores Silvana Bretas, Anselmo Menezes, Jorge Carvalho, Luiz Eduardo Oliveira, Edmilson Menezes, Bernard Charlot, que em suas disciplinas, também contribuíram de forma significativa para o meu amadurecimento na área da pesquisa e da História da Educação.

Aos coordenadores do PPGEIO professora Doutora Josefa e Lisboa e Eloizio Costa que não puseram qualquer obstáculo para que eu pudesse me ausentar e cursar as disciplinas ou escrever minha dissertação.

Agradecimento carinhoso a Direção do Colégio do Salvador que permitiu que eu tivesse acesso aos seus arquivos. A Claudia Lobão que me conduziu aos arquivos do colégio permitindo que eu visitasse documentos que, às vezes, eram restritos as demais pessoas.

Agradeço aqueles que de forma tão receptiva me concederam suas lembranças e que contribuíram de forma decisiva para a condução e escrita do meu trabalho, dos quais cito a professora Bernadete Galvão (*in memoriam*); a professora Maria Angélica Galvão (dona Mariá) que muito simpática me recebeu em seu gabinete; Renato Darcy Almeida que mesmo à distância compartilhou suas memórias; Pedro Antonio, que incógnito também quis prestar sua contribuição; aos professores Alexandre e Diana Diniz que me receberam em sua residência de forma tão gentil e acolhedora prestando informações bastante lúcidas; Dona Margareth de Carvalho, Dona Maria Stael e a professora Maria Auxiliadora que também deixaram suas impressões de forma muito detalhadas, parecendo que haviam vivenciado aqueles momentos há poucos anos atrás.

A minha colega Carmem, que contribuiu significativamente com a correção gramatical do meu trabalho e com dicas e que contribuíram bastante para que eu pudesse me sentir

seguro com o trato da língua portuguesa. Aos colegas Josineide (e nossos intermináveis colóquios), Marluce, Rosemary, Nayara, Socorro, Carolina, Maria José, Douglas, Risia, os meus colegas do grupo de pesquisas e demais colegas do mestrado e doutorado que compartilharam e discutiram ideias e pontos de vista, enriquecendo o debates sobre os assuntos propostos.

A minha irmã Nélia que com suas palavras de incentivo deram-me força para vencer as dificuldades impostas por aqueles que não conseguem avaliar a importância dessa pesquisa.

A Coordenação e servidores do PPGED, que sempre estiveram solícitos todas às vezes que buscamos contar com aqueles serviços.

RESUMO

A educação brasileira, entre as décadas de 1930 e 1940, passou por várias transformações, a exemplo da expansão do ensino primário e ginásial, associado à ampliação das escolas privadas. Nesse contexto, foi fundado o Colégio do Salvador, instituição de ensino primário, administrado por mulheres, membros de uma família católica, oriunda da cidade de Santo Amaro da Purificação, no interior da Bahia, na qual, desenvolveram processos educativos baseados na fé que professavam. Esta dissertação teve como objetivo analisar o processo de criação e o funcionamento dos primeiros vinte e quatro anos desse colégio, localizado na cidade de Aracaju-SE. O marco que delimita a nossa pesquisa inicia-se no ano de 1935, data da sua fundação, até 1959, quando o Colégio passa a oferecer o curso ginásial. Conferindo suporte a esse estudo, enfocamos a Cultura Escolar e a Cultura Material Escolar, subsídios importantes que serviram para mostrar a relevância desse colégio no período estudado. Para a realização desta investigação utilizamos: jornais e revistas da época; fontes e arquivos existentes no Colégio; entrevistas com ex-alunos, ex-professores e diretores; fotografias; cadernetas, entre outros, além de pesquisa bibliográfica. Como categorias de análises priorizamos: História (LE GOFF, 2003); Memória (LE GOFF, 2003; HALBWACHS, 2006; BOSI, 2013); Cultura Escolar (JULIA, 2001). Espera-se, com esse estudo, contribuir com a historiografia educacional sergipana.

Palavras chave: Colégio do Salvador. Cultura Escolar. História da Educação. Memórias.

ABSTRACT

The Brazilian education, between the decades 1930 and 1940, experienced several transformations, for example the expansion of elementary school and secondary school, associated with the expansion of private schools. In this context, the Colégio do Salvador was founded, an elementary teaching institution administered by women, members of a Catholic family originating from the city of Santo Amaro da Purificação, in Bahia, who developed educational processes based on their faith. This thesis aimed to analyse the process of foundation and operation of the first twenty-four years of the school, located in the city of Aracaju - Sergipe. The theoretical framework of our research starts in 1935, when the Colégio do Salvador was founded, until 1959, when the institution started to offer the secondary education in its first class, like this, our study focused particular attention in the School Culture and School Material Culture. For this research were used: newspapers and magazines of that time; sources and archives of the school; interviews with former students, teachers and principals; photographs; record books among others, and also bibliographic research. As categories of analysis we prioritize: History (LE GOFF, 2003); Memory (LE GOFF, 2003; HALBWACHS, 2006; BOSI, 2013); School Culture (JULIA, 2001). We expect with this study contribute to the education history in Sergipe.

Keywords: School of the Savior. School Culture. History of Education. Memories.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Aspectos de Aracaju - Av. Carlos Firpo, na primeira metade do século XX	36
Figura 02	Aspectos de Aracaju - Rua Japaratuba, na primeira metade do século XX.	37
Figura 03	Aspectos de Aracaju - Rua da Aurora (atual Rio Branco), na primeira metade do século XX.	40
Figura 04	Aspectos de Aracaju - Rua da Aurora (atual Av. Rio Branco nas imediações do mercado público), na primeira metade do século XX.	41
Figura 05	Aspectos de Aracaju - Rua de Laranjeiras, na primeira metade do século XX.	42
Figura 06	Zilda Galvão Leite a fundadora do Colégio, nos anos de 1930.	51
Figura 07	Ata da fundação do Colégio do Salvador	53
Figura 08	Ata da fundação do Colégio do Salvador (verso)	54
Figura 09	Aspectos da cidade de Aracaju - Rua de São Cristóvão, na primeira metade do século XX.	55
Figura 10	Maria José Bezerra Chaves - 1ª aluna do Colégio, na década de 1930.	57
Figura 11	Primeiros alunos do Colégio na companhia da sua fundadora.	58
Figura 12	Augusto do Prado Leite – 1º aluno do internato	59
Figura 13	Residência dos Galvão Leite, na década de 1930, possivelmente a primeira sede do educandário do Salvador	62
Figura 14	Sede do Colégio e residência das irmãs Galvão na Av. Ivo do Prado, na década de 1940	62
Figura 15	Planta baixa do lado esquerdo com salas de aula, dormitório (do internato) e áreas de serviços e sanitários do Colégio, na década de 1940. Lado direito mostra a planta da casa residencial	63
Figura 16	Planta baixa, adequando os ambientes para funcionamento exclusivo do Colégio.	64
Figura 17	Planta de ampliação para o pavimento superior do Colégio	65
Figura 18	Irmãs Galvão posando para foto na década de 1940	67
Figura 19	Primeira turma do ginásio em 1959	69
Figura 20	Brasões do Colégio desde a fundação aos dias atuais	75
Figura 21	Corpo Docente do ginásio do Colégio a partir do ano de 1959	93
Figura 22	Jornal Correio de Aracaju, tornando público os nomes dos alunos do Colégio do Salvador aprovados nos exames de admissão	115
Figura 23	Jornal A Cruzada datado de 04 de junho de 1950, convidando os pais para a celebração da Páscoa	125
Figura 24	Alunos participando da Solenidade de Primeira Comunhão nas dependências do Colégio, na década de 1940	125
Figura 25	Alunos do Colégio dirigindo-se à Igreja da Catedral em Aracaju para realização da Primeira Comunhão, no final da década de 1950	126
Figura 26	Alunos do Colégio participando solenidade da Coroação de Nossa Senhora na Catedral Metropolitana de Aracaju, na década de 1950	128
Figura 27	Alunos do Colégio comemorando festa típica ou regional, na década de 1940	131
Figura 28	Alunas do Colégio participando da Primeira Comunhão na década de 1950. Ao centro o Bispo Dom José Vicente Távora	132
Figura 29	Solenidade Cívica realizada no Colégio do Salvador no final da década de 1950, com as presenças do Governador Seixas Dória e o Médico Carlos Melo.	132

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Entrevistas realizadas com alunos e professores que atuaram no Colégio durante o período investigado	25
Quadro 2	Escolas confessionais femininas localizadas nas cidades do interior de Sergipe	32
Quadro 3	Sacerdotes que exerceram funções docentes em Escolas Públicas de Sergipe	33
Quadro 4	Docentes contratados para lecionar no ginásio	92

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE QUADROS

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	HISTÓRIA, MEMÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.	18
1.2	A EDUCAÇÃO BRASILEIRA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	21
2	A IGREJA CATÓLICA E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA	26
2.1	A AÇÃO EDUCACIONAL DA IGREJA CATÓLICA EM ARACAJU E EM SERGIPE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX	30
2.2	ASPECTOS DA CIDADE DE ARACAJU NO INÍCIO DO SÉCULO XX	34
2.3	A EDUCAÇÃO EM ARACAJU NO COMEÇO DO SÉCULO XX	43
3	FUNDAÇÃO E TRAJETÓRIA DO COLÉGIO DO SALVADOR	48
3.1	CULTURA ESCOLAR E CULTURA MATERIAL ESCOLAR	70
3.2	PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS DO COLÉGIO DO SALVADOR	74
3.3	O CORPO DOCENTE E ATIVIDADES LETIVAS	91
4	ENTRE VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS: REGRAS, FESTAS, BRINCADEIRAS E TRAQUINAGENS DOS ALUNOS DO SALVADOR	104
4.1	O CORPO DISCENTE E ATIVIDADES RECREATIVAS	104
4.2	CASTIGOS E PREMIAÇÕES	111
4.3	COMEMORAÇÕES RELIGIOSAS, FESTAS CÍVICAS E REGIONAIS, VIAGENS DE ESTUDOS E EXCURSÕES	123
4.4	NORMAS ESCRITAS OU REGRAS DE CONDUTA?	134
4.5	MEMÓRIAS AFETIVAS, RECORDAÇÕES E LIÇÕES DE VIDA	136
5	CONCLUSÃO	140
6	REFERÊNCIAS	145
	APÊNDICES	150

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma produção dissertativa que tem como objetivo investigar e analisar o processo de criação e o funcionamento dos primeiros vinte e quatro anos do Colégio do Salvador¹, localizado na cidade de Aracaju/SE. Priorizamos dar enfoque à Cultura Escolar e à Cultura Material Escolar, elementos importantes para esta pesquisa investigativa, pois, norteou os caminhos que seriam percorridos, desde a fundação do Colégio em 1935 até 1959, ano que marca o início do funcionamento da primeira turma do ginásio.

Esta pesquisa está inserida no Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, coordenado pelos professores Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas e Dr. Joaquim Tavares da Conceição, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

O nosso interesse pela história do Colégio do Salvador surgiu em decorrência de pesquisas feitas anteriormente, quando tratamos de questões relacionadas à Igreja Católica. Levamos em consideração que o Colégio pesquisado, mantém desde a sua fundação vínculos estreitos com essa religião. Nossa história pessoal como fiel da Igreja também foi importante para a escolha.

Produzimos em 2001 uma monografia para a Conclusão do Curso de Graduação em História, na qual, discutimos como a devoção à personagem bíblica Maria de Nazaré, um dos símbolos máximos da Igreja Católica, influenciou de forma decisiva para o surgimento de vilas e povoados do interior sergipano.

Em nosso estudo intitulado: “Sob o Manto da Imaculada, Sergipe se devota a Maria”, demonstramos que a devoção Mariana, através do papel exercido por seus devotos, foi responsável pelo surgimento de importantes núcleos populacionais surgidos entre os séculos XVI a XIX no Estado, a partir de sesmarias, fazendas ou estâncias, de propriedade de destacadas figuras da história de Sergipe, no período analisado. Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora do Socorro, Nossa Senhora Divina Pastora, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora das Dores são alguns títulos dados a Maria, Mãe de Jesus Cristo, que também cederam seus nomes para a criação das cidades de Lagarto, Socorro, Divina Pastora, Estância e Nossa Senhora das Dores, para citar algumas delas.

Quando vislumbramos a possibilidade de participar da Seleção para o Mestrado em Educação no PPGED, pensamos em desenvolver um tema que tratasse de questões ligadas à

¹ Destacamos que o Colégio do Salvador será mencionado também como Colégio com inicial maiúscula, para se diferenciar de outros estabelecimentos de ensino citados na dissertação.

educação e ligação com a Igreja Católica no Estado de Sergipe. Levamos em consideração o nosso vínculo como frequentador da igreja e a sugestão de trabalhar com uma escola privada, oferecida pela amiga e colega Vera Maria Santos, que na ocasião cursava o Doutorado em Educação no PPGED, orientada pelo professor Jorge Carvalho. A escola sugerida foi o Colégio do Salvador. Além desses fatores, pensamos que seria interessante uma investigação que tratasse de uma escola da rede privada, que tivesse características muito semelhantes às escolas confessionais dirigidas por padres ou freiras, inclusive com seus ritos e estrutura organizacional.

Queremos ressaltar que nossa curiosidade investigativa também esteve relacionada a alguns comentários de colegas professores que lecionaram naquele colégio. Pais de alunos, ex-professores, ex-alunos que de forma ora simpática, ora em certo desacordo, fizeram registros de suas passagens pelo colégio. Fomos ao citado Colégio sondar sobre a possibilidade de acessar arquivos, depoimentos e consulta de outras fontes que provavelmente existissem. Recebidos com bastante cortesia pela Direção do Colégio, obtivemos a autorização prévia para a coleta de dados e pesquisa em documentos do setor de arquivos que, nos deu subsídio para o processo seletivo ocorrido no final do ano de 2013. Naquela ocasião, a Direção do estabelecimento designou a funcionária do Colégio Claudia Lobão Quaranta, que nos forneceu grande suporte logístico e acesso ao material solicitado.

Diante de tais encaminhamentos fizemos um levantamento da bibliografia sobre instituições escolares sergipanas e descobrimos um vasto material escrito e defendido, como monografias, dissertações e teses sobre escolas públicas, entretanto, registramos quantidade reduzida de estudos sobre escolas privadas.

Localizamos no acervo das Dissertações de Mestrado defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, apenas duas Dissertações sobre as escolas da rede privada de ensino. A dissertação de Francisco Igor de Oliveira Mangueira (2003) intitulada: “Colégio Tobias Barreto: escola ou quartel? (1909 – 1946)” e a investigação de Carmen Regina de Carvalho Pimentel (2014) Instruir e Educar: Práticas de Formação no Colégio “Jackson de Figueiredo” (1938-1980)”. Essas duas instituições hoje pertencem ao sistema Público Estadual de Ensino de Sergipe, no entanto, foram objeto de estudos quando ainda eram escolas privadas.

Em sua obra “Historiografia Educacional Sergipana”, Nascimento (2003), faz uma relação dos trabalhos historiográficos sobre o tema educação, desde 1927 até 2002, e observamos que nenhuma escola privada foi ali mencionada como tema pesquisado na área.

Por sua vez, Tereza Cristina Cerqueira da Graça (2002) em seu livro “Pés-de-anjo e Letreiros de Neon: ginásianos na Aracaju dos anos dourados”, faz uma análise histórica do papel do ensino ginásial da década de 1950, e sua influência no comportamento dos adolescentes, jovens estudantes e das famílias da época. Cita alguns colégios privados da década, entretanto não se detém na história de nenhuma instituição de ensino em particular, mencionando-as apenas no decorrer do seu trabalho.

Sobre escolas privadas leigas com orientação religiosa católica, o investimento de pesquisadores na discussão desse tema é modesto. Por isso, a importância desse estudo reside no fato de que do Colégio do Salvador em Aracaju/SE foi um dos pioneiros em oferecer ensino privado e leigo, porém, suas fundadoras, que confessavam a fé católica inseriam no processo de ensino e aprendizado os preceitos da religião, com todos os ritos e festas, obedecendo, inclusive, o calendário litúrgico apresentado pelo catolicismo. Destacamos especialmente, que, nenhum trabalho histórico científico foi encontrando versando sobre o Colégio, que é o nosso objeto de pesquisa.

Nessa linha de reflexão, Freitas (2010), selecionou as defesas ocorridas no PPGED² entre 1995 e 2008, investigando a produção das dissertações de Mestrado com ênfase nos elementos da cultura material escolar e contribuindo com a seguinte opinião:

As dissertações de mestrado defendidas no NPGED envolvendo a temática da cultura material escolar, as quais foram defendidas entre 1995 e março de 2008, totalizam 36 estudos que, em sua grande maioria, partem da categoria da cultura escolar. Através das memórias de ex-alunos, de registros de ex-professores, de notas na imprensa, relatórios de presidentes de província ou de presidentes do Estado, textos literários, cartas, álbuns de recordação, livros didáticos, fotografias, plantas baixas, entre outros, os elementos da cultura escolar em Sergipe, evidenciados. (FREITAS 2010, p. 140).

O estudo mencionado, intitulado: “A Cultura Material Escolar e a produção das dissertações de Mestrado do Núcleo de Pós-Graduação em Educação”, descreve entre as várias dissertações, poucos trabalhos que discutem o papel da escola particular (desses, mais de 90% investiga escolas confessionais) e sua importância na educação, na cultura e na formação social do povo sergipano e nenhuma pesquisa trata em especial do nosso objeto de estudo, o Colégio do Salvador, uma instituição com oitenta anos de existência.

Nascimento (2010), na pesquisa intitulada: “Os embates teóricos e a produção historiográfica educacional nos 15 anos do NPGED”, atualiza os dados relativos aos trabalhos defendidos no Programa, tomando como base de investigação o período entre 1996 e 2008.

² A partir de 04.06.2014 com a resolução 25/2014/CONEPE o Núcleo de Pós-Graduação em Educação (NPGED) passa a ser denominado Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED).

Essa publicação mostra a relevância das dissertações defendidas no PPGED a partir de 1996, que, segundo o autor dos trabalhos apresentados, “44,31% do total, tiveram a História da Educação como objeto de estudo”, e dentre as elencadas observamos que sua maioria trata de estudos em escolas públicas municipais, estaduais e federais; estudos sobre cultura material escolar e assuntos afins e uma quantidade restrita de trabalhos sobre escolas particulares especialmente, tratando da fundação e funcionamento e métodos de ensino aplicados em instituições dessa natureza.

Após aprovação na Seleção do Mestrado, foi confirmado que seríamos orientados pela Professora Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas e a partir do primeiro semestre de 2015, período em que cursamos o Seminário de Pesquisa, o Professor Dr. Marcos Santana de Souza tem co-orientado nosso estudo, dando importante suporte teórico e metodológico ao mesmo.

Abordar o tema da criação e funcionamento do Colégio do Salvador durante os seus primeiros vinte quatro anos foi uma tarefa que demandou a consulta e análise de um volume expressivo de documentos. Assim, tivemos que enfrentar três desafios. Primeiro: devido à numerosa documentação, alguns razoavelmente conservados outros desgastados pelo tempo; segundo, pelo depoimento prestado pelos atores que são em sua maioria nascidos antes das décadas de 1930 e 1940 e como há de se entender existem os lapsos de memória; em terceiro, pela quantidade mínima de material bibliográfico que trate do tema, haja vista que as práticas escolares desenvolvidas na escola privada não têm despertado grande interesse nas discussões acadêmicas. É importante destacar que priorizamos analisar a cultura escolar e cultura material escolar, com as práticas escolares educativas, atividades recreativas, práticas e comemorações religiosas, atividades letivas, castigos e premiações, regras de conduta, festividades cívicas e regionais, viagens de estudos e excursões, memórias afetivas recordações e lições de vida ocorridas durante o período investigado.

Apesar das dificuldades apresentadas, despertou-nos o interesse em investigar o Colégio do Salvador pela sua longevidade, pouco comum em escolas privadas, registrando-se que no ano de 2015, completou oitenta anos de atividades ininterruptas, somando-se a isso o fato de que grande parte de sua clientela foi de segmentos mais abastados da sociedade sergipana, refletindo a religiosidade de seu corpo diretivo e das práticas religiosas desenvolvidas no Colégio, observando-se que os educadores também são orientados neste sentido. Outro aspecto a ser analisado está relacionado ao fato de que a maioria dos seus egressos, foi e são membros com certo destaque na sociedade é o que se pode observar quando se estuda a biografia de grande parte dos médicos, advogados, engenheiros,

professores e outros profissionais de nível superior, não esquecendo que grande parte da classe política sergipana é oriunda do Colégio do Salvador. Apesar desse histórico, existem relatos de ex-alunos com algum tipo de ressentimento das práticas pedagógicas adotadas no Colégio, ou mesmo, ao papel inflexível desempenhado por seu corpo diretivo e de alguns professores.

Observamos ainda que, o Colégio desde sua criação, esteve estrategicamente bem localizado, ou seja, ao longo de sua existência suas sedes estavam próximas das residências das classes mais abastadas da capital sergipana, talvez, tendo como propósito atrair alunos de famílias bem sucedidas, sem deixar de lado a intenção de ter em seus quadros os alunos filhos das famílias ricas do interior do Estado, adotando assim o internato.

A nossa pesquisa foi focada no uso de uma revisão bibliográfica voltada para a História da Educação, além da utilização de jornais e revistas sergipanas da época, fontes, arquivos, cadernetas, vasta documentação fotográfica existente no colégio, depoimentos de ex-alunos, ex-professores, ex-funcionários e equipe diretiva do colégio, entre outras fontes que surgiram ao longo da pesquisa.

Visando melhor entender o papel dos atores que protagonizaram as ações desenvolvidas no colégio durante o período investigado, fizemos um cotejamento da documentação arquivada no referido colégio com a elaboração e execução de oito entrevistas gravadas e transcritas envolvendo ex-professores, ex-alunos e ex-funcionários, cujo roteiro anexamos no final deste trabalho. Observamos que uma entrevista foi cedida gentilmente ao autor.

Tínhamos como objetivo inicial entrevistar vinte pessoas que tivessem vivenciado o cotidiano do colégio no período estudado. O nosso projeto previa entrevista com cinco ex-professores, dez ex-alunos e cinco ex-funcionários, porém, nos deparamos com outra realidade. Restavam do período três ex-professores, incluindo a diretora, nenhum ex-funcionário vivo e dos ex-alunos prontificaram-se para entrevista apenas cinco, apesar disso, as experiências relatadas foram proveitosas, pois trataram de períodos distintos.

Do corpo docente da época estão vivas e prestaram depoimentos, a professora Mariá e a Professora Maria Auxiliadora, além do professor Alexandre Diniz, com registros importantes, por ter sido aluno e posteriormente professor, iniciando suas atividades no Colégio como professor de Geografia no Ginásio e lá permanecendo até e metade da década de 1960, lembrando que delimitamos nossa investigação até o ano de 1959.

Obtivemos como cortesia de Claudia Quaranta Lobão (funcionária do Colégio do Salvador), uma entrevista a ela concedida pela Professora Bernadete Galvão, no ano de 1995,

a qual utilizamos em nossa pesquisa. Durante o período da nossa investigação, havíamos confirmado uma entrevista com uma ex-funcionária do Colégio, porém, pouco tempo antes do nosso encontro, foi acometida por um grave problema de saúde e faleceu. Nenhum ex-funcionário do período encontra-se vivo como conseguimos apurar.

Para análise das fontes coletadas nos arquivos da Instituição pesquisada, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, na Diretoria de Educação do Estado de Sergipe e nos documentos fornecidos por alguns entrevistados; selecionamos como conceitos principais: História (LE GOFF, 2003); Memória (LE GOFF, 2003; HALBWACHS, 2006; BOSI, 2013); Cultura Escolar (JULIA, 2001).

Nossa investigação focaliza como marco temporal o início do ano de 1935, quando a então recém-formada no Curso Pedagógico no Colégio Salvador na cidade de Salvador/BA, Zilda Galvão cria o Colégio do Salvador, na Rua São Cristóvão em Aracaju/SE, após os seus alunos terem obtido sucesso no ano anterior nos exames de admissão de escolas públicas da capital e finalizamos a pesquisa em 1959, ano em que o Colégio passa a oferecer o curso de ginásio (atual nível fundamental maior) em suas dependências, desta feita na sua sede situada a Avenida Ivo do Prado, quando o Colégio adota uma nova prática: os professores deixam de ser membros exclusivamente da família e passa a contratar professores licenciados em diversas áreas, ou em vias de conclusão do nível superior, incluindo aí, principalmente egressos dos seus quadros discentes.

Na primeira seção apresentamos as reflexões teóricas sobre História, Memória e Cultura Escolar, além de aspectos relacionados ao contexto educacional brasileiro e sergipano e a presença da Religião Católica.

Na segunda seção evidenciamos aspectos específicos da história da instituição pesquisada desde sua criação em 1935 até 1959, data de funcionamento da primeira turma do ginásio.

Na terceira seção destacamos a Fundação e Trajetória do Colégio do Salvador nos seus primeiros vinte e quatro anos de existência, discutimos as Práticas Educativas e Culturais; o Corpo Docente e as Atividades Letivas; o Corpo Discente, Atividades Recreativas, Castigos e Premiações; Práticas e Comemorações Religiosas, Festas Cívicas e Regionais; Normas Escritas ou Regras de Conduta; Viagens de Estudos e Excursões; Memórias Afetivas, Recordações e Lições de Vida.

Deste modo, procurou-se reconstruir a história desse colégio com o intuito de mostrar à sua importância histórica para a sociedade sergipana. Colégio que ultrapassou décadas e, ao

completar oitenta anos em 2015, é modelo de escola particular que se projetou e se projeta, no Estado, na formação de diferentes gerações de sergipanos.

1.1 – HISTÓRIA, MEMÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

História e Memória são conceitos que andam na maioria das vezes de forma bem entrelaçados. Estudar história passa obrigatoriamente pelo domínio dos conceitos de memória, pois, a maioria dos registros escavados pela história são vestígios deixados pelas memórias.

Le Goff oferece a seguinte elucidação:

No estudo histórico da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças entre as sociedades de memória essencialmente escrita, como também às fases de transição da oralidade à escrita [...] (2003, p. 423).

História é uma palavra de origem grega que significa investigação, informação. Segundo Borges (1983), “a história como as outras formas de conhecimento da realidade, estão sempre se constituindo: o conhecimento que ela produz nunca é acabado”. (p. 10).

Os homens, desde a pré-história, continuamente tiveram a necessidade de explicar para si sua origem, sua vida. Os registros deixados nas rochas pelos homens pré-históricos, nas tabuinhas de argila da Mesopotâmia, nos papiros usados pelos egípcios e a invenção do papel pelos chineses, refletem essa necessidade de deixar para a posteridade seu cotidiano, suas ações, suas lutas pela sobrevivência.

Gagnebin, referindo-se a Walter Benjamin dá a seguinte indicação:

Em suas célebres teses “sobre o conceito da história”, escritas em 1940, Walter Benjamin declara: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como ele propriamente foi”. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo. (2006, p. 40).

O aparecimento da história na Grécia antiga é uma questão que está ligada diretamente as discussões filosóficas³.

³ “A filosofia que inicialmente vai tratar dos conhecimentos gerais tal como a matemática, a biologia, a astronomia, a política, a psicologia etc., e que mais tarde tornar-se-ão ciências autônomas tal qual a história, segue sozinha seu caminho. Heródoto, grego nascido no século V a. C., com sua narrativa da guerra entre gregos e persas, recebe o título pelos historiadores modernos de pai da história. Tucídides outro grego, que também como historiador, escreveu sobre a guerra do Peloponeso ocorrida entre Esparta e Atenas, demonstrava, como o seus patrícios, que estavam ligados a uma realidade mais imediata, ou seja, espelhando uma preocupação com questões do momento”. (BORGES, 1983. p. 17).

Halbwachs, em seu trabalho intitulado “Memória Coletiva”, questiona a impossibilidade da concepção do problema da recordação e da localização das lembranças, sem tomar como ponto de referência os contextos sociais reais, a reconstrução do que é chamada de memória, assim reflete sobre a história:

A história não é todo passado e também não é tudo o que resta do passado, ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, na qual se pode encontrar novamente um grande número dessas correntes antigas que desaparecem apenas em aparência. (1990, p. 86).

Como afirmamos anteriormente, história e memória se entrelaçam. Nesse sentido:

O conceito de memória é crucial [...] A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF. 2003 p. 419).

É com esse conceito de memória que Jacques Le Goff introduz seu ensaio, também intitulado “Memória” (2003), onde o autor faz uma análise detalhada sobre: memória étnica, o desenvolvimento da memória, a memória medieval no ocidente, os progressos da memória escrita e figurada, os desenvolvimentos contemporâneos da memória, concluindo seu trabalho com o valor da memória.

Em trabalhos recentes, a relação entre História e Memória trazem novas reflexões sobre o conceito de memória, uma vez que o termo passou a ser bastante difundido e revalorizado.

A partir do nosso senso comum, quando se trata de memória, imaginamos de imediato aquele acúmulo de informações. Temos em mente que é algo definido e acabado, às vezes até condenado ao esquecimento, e é por isso, que em contrapartida, como historiadores, devemos andar em caminhos contrários, não só preservar e restaurar, mas também revisitar a memória em todos os seus aspectos.

A elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente, como por exemplo, um objeto antigo que fora fabricado atendendo aos anseios de seu tempo e agora é usado para decorar um ambiente ou para ser exibido em um museu. Esse objeto tem todo o seu significado de afetividade e se recicla como algo portador de sentido.

Ecléa Bosi (2013) colige que a memória traduzida em palavras e que transmite uma experiência vivida tem interesse enorme para o psicólogo. Através dela, ele pode ter acesso

aos momentos de “antigamente”, que permanecem, mesmo que sem que deles se tome consciência, como motivos para o comportamento presente.

Bosi (2013), explora o campo de experiência pessoal com os eventos do cotidiano, registrados na lembrança, contados para outrem. Não é a memória que se tranca em si mesma, mas a que partilha seus conteúdos quando há um ouvido disponível e atento, e que os define, no próprio ato de contar.

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. (BOSI, 2013, p. 31).

Mesmo que a lembrança corresponda a um acontecimento distante no tempo, o contato com as pessoas que também viveram aquelas situações, ou com os lugares em que elas aconteceram permite a rememoração daqueles fatos, numa relação entre memória individual e memória coletiva.

Halbwachs (2006) lembra que, a memória é indivisível, ou seja, é preciso ao menos duas pessoas para que a rememoração se reproduza de forma socialmente apreensível. Essa memória codividida, entretanto, não se opõe à memória individual.

As lembranças coletivas viriam se aplicar sobre as lembranças individuais e assim poderíamos agarrá-las mais cômoda e mais seguramente; mas para isso será preciso que as lembranças individuais já estejam ali – senão a nossa memória funcionaria no vazio. (HALBWACHS, 2006. p. 80).

Podemos ainda inferir do pensamento de Halbwachs (2006), uma distinção entre a história e a memória a qual está no fato de que a história trabalha com o acontecimento colocado para e pela sociedade, enquanto para a memória o principal é a reação que o fato causa no indivíduo. A memória recupera o que está submerso, seja do indivíduo, seja do grupo, e o historiador trabalha com o que a sociedade trouxe a público.

Para nós, a memória e a história do Colégio do Salvador merecem ser investigados no sentido de elucidar como as práticas escolares desenvolvidas, as premiações, as festividades, os castigos pelas transgressões ali experienciadas foram concebidas, e de que forma, isso, reflete no sentimento e na vontade dos pais e avós em que, na maioria das vezes, desejarem que seus filhos e netos possam passar por experiências semelhantes as que tiveram quando foram alunos do Colégio Salvador.

É interessante perceber que alguns alunos do Colégio tornaram-se professores ou até mesmo funcionários na Instituição e não é raro encontrar depoimentos carregados de emoções

pelas sensações vivenciadas, pelo progresso alcançado em suas vidas profissionais, e pelas boas recordações, mesmo quando tratam de castigos ou pelo fato de repetir inúmeras vezes as lições de gramática mal assimilada, os cálculos aritméticos pouco compreendidos, ou mesmo os conselhos e orientações consecutivamente rígidas de suas professoras diretoras. Notam-se, em contrapartida, alguns relatos que exprimem sentimentos e recordações pouco afetuosos.

1.2 – A EDUCAÇÃO BRASILEIRA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

O desenvolvimento de qualquer tipo de pesquisa, seja ela bibliográfica, documental, empírica, qualitativa, quantitativa, etc., deve inicialmente verificar sua viabilidade, se as fontes são acessíveis e confiáveis, se os fatos poderão ser comprovados ou não e principalmente a existência de boas fontes e bibliografias que possam dar suporte a sua pesquisa.

O empreendimento do registro histórico está diretamente ligado ao aparecimento do ser humano na terra e seus vestígios deixados desde as pinturas rupestres até os dias atuais. A história se encarrega de relatar; de discutir; de debater; os acontecimentos dos seres humanos, vistos como seres sociais, ou seja, vivendo em sociedade. Por isso, que saibamos ou não, que aceitemos ou não, fazemos parte da história, conscientes ou não, desde que nascemos estamos desempenhando ações concretas como seres históricos.

Nesse sentido, Borges ressalta:

São os homens que fazem a história; mas, evidentemente, dentro das condições reais que encontramos já estabelecidas, e não dentro das condições ideais que sonhamos [...] o conhecimento histórico serve pra nos fazer entender, junto com outras formas de conhecimento, as condições de nossa realidade, tendo em vista o delineamento de nossa ação histórica. (1983. p. 45).

Para Oliveira (2003), a História da Educação tem um papel significativo na elucidação das ações educativas em diferentes períodos históricos:

Compreendo que a história da educação pode ser estudada em três níveis distintos, mas indiscutivelmente imbricados. Sem qualquer precedência de um sobre os outros, o que qualificaria como o nível das práticas escolares, o nível das políticas educacionais e o nível do pensamento educacional. Estudar um desses níveis implica, necessariamente, fazer incursões pelos demais. Optar por uma análise das práticas escolares não significa negligenciar ou negar a necessidade de estudos nos outros dois níveis, mas antes, priorizar um ângulo que, por algum motivo, num momento muito preciso absorve os interesses do pesquisador. (2003. p. 19).

Portanto, de acordo com os níveis apresentados por Oliveira (2003), nesta dissertação, nosso foco se relaciona com as práticas educativas sem deixar de considerar as políticas educacionais do período investigado.

A tarefa do historiador é semelhante ao do minerador, que precisa revolver grande quantidade de material, para que diante de um acumulado de coisas, aproveitar o que lhe é necessário, seu material precioso, a história a ser dita, a ser relatada. Nesse sentido, Bontempi Júnior aconselha que: “Cabe ao historiador, desde o ponto inicial de sua pesquisa, escolher acontecimentos e datas com os quais pretende compor séries inteligíveis para sua narrativa”. (1995, p. 14).

Brandão expõe os percalços, as dificuldades, as inquietações, os desafios e toda uma série de outras limitações para desenvolvimento das investigações e contribui com a seguinte indicação:

O ofício do historiador obriga-o a uma infundável reconstrução de sentidos, que deve explorar, ou pelo menos supor, os múltiplos significados vividos pelos atores históricos, singulares e coletivos, em diferentes cenários de interfaces da vida social. (1999, p. 8).

Os vestígios do passado quando bem investigados e bem analisados, acabam fornecendo pistas bastante elucidativas e ajudam ao pesquisador chegar bem próximo dos seus objetivos. Os álbuns de família, as fotografias tiradas em ambientes escolares, empresas ou nos lares podem mostrar ao pesquisador aquilo que ele está procurando nos documentos e que com um olhar mais atento, tem a sua leitura complementar do fato pesquisado. As fontes orais também dão uma importante contribuição na investigação do passado, elas também acrescentam o que dizem as fontes escritas.

Para Thompson, a relação entre fontes históricas e evidências precisam ser problematizadas:

As chamadas “fontes” da história registram apenas os fatos que parece bastante interessante registrar [...] as fontes, em geral, encerrarão apenas fatos que se enquadram numa teoria preconcebida. E como não há outros fatos disponíveis, não será possível, em geral comprovar esta ou qualquer outra teoria subsequente. (1981, p. 30).

Reforçamos nosso pensamento acerca da pesquisa histórica quando fazemos uma relação entre a importância da investigação do fato histórico e a construção do empreendimento histórico propriamente dito. A tarefa de investigar torna árduo o trabalho do historiador e à medida que ele vai aprofundando o processo de coleta de dados vão surgindo

novas fontes e novas informações; então irá surgir um momento em que o investigador terá que selecionar o material coletado para que não venha perder o foco da sua pesquisa.

Sobre esse aspecto da evolução da investigação histórica Thompson, indica que:

No entanto, o estudo da história é empresa muito antiga, e seria surpreendente se, entre as ciências e humanidades, ela fosse a única a não ter desenvolvido sua disciplina própria, em vários milhares de anos, isto é, desenvolvido seu próprio discurso de demonstração. E não consigo ver o que seja esse discurso próprio, a menos que tome forma da lógica histórica. (1981, p. 48).

A pesquisa histórica deve levar o pesquisador a ter a coragem e o interesse em desbravar o campo do desconhecido, do obscuro, do improvável, tendo em mente que a curiosidade e a busca pelas fontes devem ser incessantes. Entretanto, o pesquisador deve se cercar de todas as cautelas sobre as fontes pesquisadas, para que possam representar a maior fidedignidade possível.

Oliveira aponta como o historiador deve lidar com suas fontes e nos oferece algumas pistas:

A história é um campo de possibilidades, a partir da experiência humana concreta no mundo. Os fatos históricos não são apreendidos em si, mas a partir de construções, de elaborações efetuadas pelo historiador, através da sua interação com as fontes. (2003, p. 33).

Tanto os pesquisadores antigos como os contemporâneos, tem demonstrado uma grande preocupação em investigar a história do processo educativo a partir do cotejamento entre a legislação passada e a legislação atual para, a partir dessa comparação, inferir como o processo de modernização da educação pode ter melhorado ou não quadro vigente.

Para compreender o contexto onde se insere nosso objeto de pesquisa buscamos compreender as reformas educacionais e as políticas nesta área, implementadas na primeira metade do século XX, até a década de 1960.

A Revolução de 1930, que marca o início da hegemonia política de Getúlio Vargas, gerou avanços como a criação do Ministério da Educação, e reformas educacionais.

Horta trata da ascensão de Getúlio e suas preocupações com a educação da seguinte forma:

Ao tomar posse na chefia do Governo Provisório, em novembro de 1930, Getúlio Vargas anuncia um “programa de reconstrução nacional”, no qual inclui a criação de um Ministério da Instrução e Saúde Pública cujas tarefas seriam o saneamento moral e físico, através de uma “campanha sistemática de defesa social e educação sanitária”, e a difusão intensiva do ensino

público, através de um “sistema de estímulo e colaboração direta com os Estados”. (1994, p. 1).

Em 1931 as reformas educacionais foram desencadeadas por Francisco Campos que esteve à frente do Ministério, período em que ocorrem disputas ideológicas, de um lado os renovadores defensores do ideário escolanovista (manifestação de intelectuais entre as décadas de 1920 e 1940 no Brasil, que propuseram reformas educacionais através de Manifestações da Escola Nova no Brasil) e do outro lado os católicos⁴.

Embora, os opositores do governo Vargas ligados à educação, questionavam poucas preocupações com o ensino primário, em 1931, houve uma expansão significativa de grupos escolares. Houve um aumento da pressão social pelo ensino primário devido à industrialização. A população se deslocou da zona rural para trabalhar nas fábricas das cidades, com a intensificação do processo de urbanização e industrialização. E, para isso, era necessário saber ler e escrever. Como o ensino primário era responsabilidade dos Estados, nas unidades onde a industrialização se deu mais fortemente, como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, houve, por meio dos governos locais, uma expansão significativa do atendimento, atingindo as crianças de sete a dez anos.

No ensino secundário, a reforma consolidou o que já existia. Estabeleceu um sistema seriado, que já vinha sendo acenado pela reforma de 1925, com a duração de sete anos, em dois níveis: o ginásio, com cinco anos, e o colégio, com dois anos, destinado a preparar para a universidade.

O ministro Francisco Campos foi substituído em julho de 1934 por Gustavo Capanema que deu continuidade ao processo de reforma educacional. Em 1942, já no Estado Novo, através das Leis Orgânicas do Ensino, Capanema implementou sua reforma, abrangendo os ensinos industriais e secundário, comercial, normal, primário e agrícola. Criou o SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial e em 1946 o SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. (HORTA, 1994)

Na reforma Capanema, o curso secundário foi reestruturado passando a ser constituído do ginásio de quatro anos e o colegial de três anos. O colegial dividiu-se em clássico e científico sendo o currículo do primeiro de humanidades.

⁴ Essa reforma educacional foi implementada através de decretos que criaram: o Conselho Nacional de Educação; organizou o ensino superior no Brasil e adotou o regime universitário; organizou a Universidade do Rio de Janeiro; organizou o ensino secundário; ensino comercial; regulamentou a profissão de contador; e complementou sua reforma em 1932 com o decreto que consolidou as disposições sobre a organização do ensino secundário.

Estima-se que, em 1930, havia pouco mais de 50% de analfabetos. Em 1940, esse número caiu para 36%. Havia, portanto, ainda grande quantidade de analfabetos no país. Foi iniciado, assim, um caminho para mostrar a necessidade de escolarizar toda a população, pelo menos no nível primário.

Esse recorte está diretamente relacionado ao período em que investigamos em nosso objeto de pesquisa. As nossas fontes se apresentaram de forma bem significativas: a coleta de dados nos arquivos do Colégio Salvador facilitou sobremaneira nossa tarefa, haja vista, estão razoavelmente preservadas, pois contêm atas, cadernetas, jornais, normas, plano de implantação de ensino, plantas baixas, embora necessitem de uma melhor organização arquivística. Catalogamos e digitalizamos mais de trezentas figuras datadas desde os anos de 1930 até os anos de 1960, contando a história do Colégio ao longo dos anos, além das entrevistas realizadas (quadro 1), apesar de se tratar de pessoas com idade acima dos sessenta anos, mas que têm se apresentado solícitas quando são apresentadas ao tema que estamos pesquisando.

Quadro 1 – Entrevistadas realizadas com alunos e professores que atuaram no Colégio durante o período investigado

Nome do entrevistado/a	Atuação no Colégio	Período de atuação	Atividade atual
Diana Maria de Faro Leal Diniz	Aluna	1947 a 1996	Aposentada
José Alexandre Felizola Diniz	Professor	1959 a 1964	Aposentado
Margareth do Espírito Santo de Carvalho	Aluna	1955 a 1962	Terapeuta
Maria Angélica Galvão Leite	Diretora/Professora	1940 - atual	Diretora Assistente
Maria Auxiliadora Leite de Melo	Professora	1947 a 1996	Aposentada
Maria Bernadete Galvão Leite	Diretora/Professora	1940 a 1995	<i>In memorian</i>
Maria Stael Carvalho da Cruz	Aluna	1950 a 1954	Professora de Artes
Pedro Antônio	Aluno	1955 a 1960	Aposentado
Renato Darcy Ferreira de Almeida	Aluno	1942 a 1945	Empresário

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas entrevistas que constam neste trabalho

Antes de entrarmos no relato dos fatos que deram origem ao Colégio do Salvador, discorrer sobre as demais fontes e analisarmos os depoimentos dos entrevistados, precisamos analisar o papel da Igreja Católica no Brasil e em Sergipe e ter uma visão de como a cidade de Aracaju recebia o início do século XX e a inserção do colégio e suas práticas na realidade local.

2 – A IGREJA CATÓLICA E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Não é difícil perceber a presença da Igreja Católica desde o período colonial até o surgimento da República. No período do Brasil colônia, vamos detectar a Igreja identificada com um projeto de expansão do catolicismo em oposição à penetração e difusão do protestantismo. O cristianismo católico foi imposto a todos que quisessem habitar nessas terras; somente os católicos poderiam receber ou possuir terras, quanto aos nativos estes eram pacificados pelo batismo. O objetivo era trazer os nativos das terras conquistadas para o domínio do catolicismo, além de manter a vigilância e controle sobre os colonos de forma que não se desprendessem dos dogmas católicos.

Essas tarefas pertenciam ao clero secular; às ordens religiosas, particularmente à Companhia de Jesus. Aqui se implantava a Contra Reforma, o modelo de Civilização Ibérica dos séculos XVI e XVII. No continente sul americano, a religião católica exerceu principalmente a função de legitimar e reforçar a ordem social vigente nas metrópoles.

Os jesuítas expulsos por ordem do marquês de Pombal em 1759, e posteriormente o processo de independência não significaram o rompimento com o passado, observando notoriamente que o Império proclamou-se oficialmente católico na Constituição de 1824, e que a Igreja continuou mantendo uma série de prerrogativas, entre as quais o monopólio de religião do Estado até os momentos finais do período imperial.

Com a proclamação da República houve a separação entre a Igreja e o Estado, mas, esse processo não impediu que os católicos se rearticulassem com o objetivo de recuperar os privilégios que lhes escaparam a partir de 1889. Esta reorganização, ocorrida principalmente no período após a primeira guerra, desenvolveu-se com o objetivo de orientar a prática católica no movimento de “restauração e recristianização” da sociedade brasileira. Os intelectuais católicos, com esse movimento de inspiração conservadora, impingiram sua penetração na arena política com força suficiente para reivindicar seu espaço político, principalmente no âmbito da educação. Remetendo as resistências manifestadas à separação da Igreja e do Estado no início da República, a bandeira da escola católica tinha como objetivo reconstituir a sua antiga hegemonia cultural. (AZZI, 1981).

O afastamento entre a Igreja Católica e o Estado brasileiro não foi um empreendimento exclusivo da República, ela já vinha se processando de forma gradativa durante o Reinado de D. Pedro II, convém lembrar que, o imperador era um homem das ciências, e religião e ciências raramente comungam das mesmas ideias. O advento da

República foi a “extrema unção” de um processo que já havia sido desencadeado, mesmo que sofresse os constantes protestos da Igreja Católica. Sobre esse contexto Baia Horta ressaltou:

A república, que se instala em novembro de 1889, encontra a Igreja enfraquecida e incapaz de negociar um novo pacto que viesse a substituir o regime do Padroado e a sua situação de religião oficial do Estado, que lhe havia sido atribuída pela Constituição de 1824. O Estado Republicano rompe com o regime do Padroado e proclama-se leigo. A separação entre a Igreja e o Estado é oficializada por decreto em janeiro de 1890 e confirmada pela Constituição republicana de 1891. Ente os dispositivos incluídos nesta Constituição, para garantir a plena separação entre a Igreja e o Estado, estava à introdução do ensino leigo nas escolas públicas. (1994, p. 93)

Horta mostra que essa separação não se deu de forma tão consensual, haja vista, a reação desferida por D. Leme Bispo, no episódio que ficou conhecido como a “reação católica”, preconizada em 1921 quando é anunciada a sua transferência para a Arquidiocese do Rio de Janeiro:

Reunindo então ao seu redor um grupo de intelectuais católicos, sob a liderança de Jackson de Figueiredo, D. Leme promove o lançamento da revista *A Ordem* (1921) e a criação do Centro Dom Vital (1922). [...] Será, sobretudo, através do Centro Dom Vital que a Igreja se mobilizará, entre 1924 e 1926, para conseguir que as “emendas católicas” sejam introduzidas na Constituição, por ocasião da revisão constitucional promovida pelo Governo Bernardes. Entre estas emendas incluíam-se o reconhecimento do catolicismo como religião da maioria do povo brasileiro e a reintrodução do ensino religioso nas escolas públicas. Apesar da campanha desencadeada nas páginas de *A Ordem* e do apoio de alguns deputados, entre os quais Francisco Campos, as “emendas católicas” sofreram a oposição do Presidente Bernardes e foram rejeitadas. (1994, p. 95).

Ressalta-se então, que a Igreja Católica que presenciava a Revolução de 1930 era bem diferente daquela com a qual o Estado republicano havia encontrado há mais de quarenta anos. Era uma Igreja disposta a negociar seu apoio e a reivindicar de forma contundente seu espaço político na “nova ordem”. Segundo Schwartzman (1994, p. 292), durante a inauguração da imagem do Cristo no Corcovado, em 1931, na presença de quarenta e cinco Bispos, vindos de todo o Brasil, o Cardeal Leme, diante de Getúlio Vargas afirmou que, “ou o Estado reconhece o Deus do povo, ou o povo não reconhece o Estado”. Dentro dessa perspectiva, o projeto católico representou a reação da Igreja contra o que considerava o mundo moderno, identificado com o liberalismo e a sociedade urbana e industrial. A legitimidade do Estado exige, para a Igreja, o respeito a determinadas prerrogativas eclesiais.

Nesse sentido, a Igreja Católica intervém como poderosa força religiosa através da imprensa, ou das grandes manifestações de massa. Naquele momento, além da defesa de seus interesses corporativos, a Igreja sai também em defesa dos interesses políticos de seus aliados. Confirma esta assertiva o papel exercido pela Igreja nos anos 30 e a convergência de seus interesses com o Estado.

Ainda sobre o papel do Deputado Francisco Campos que defende o decreto de abril de 1931 que retrata os interesses de seus aliados católicos, Horta, destaca:

Na exposição de Motivos que acompanhava o decreto de 1931, Campos havia afirmado que “a importância e necessidade do ensino religioso” era “questão pacífica entre os grandes mestres da pedagogia”. Segundo ele, o “laicismo escolar”, que não havia nascido “na vida das escolas”, mas “nos círculos da política era um verdadeiro anacronismo”. Assim, em 1931, Francisco Campos havia deixado entender que a introdução do ensino religioso nas escolas nada tinha de extraordinário, sob o ponto de vista pedagógico. No discurso de 1936, ao contrário, Campos apresenta o decreto do ensino religioso como “uma verdadeira revolução no terreno da educação”. Ao passo que as chamadas reformas educacionais significavam “apenas transformações no domínio da técnica, dos processos e dos métodos”, sendo, portanto “indiferente aos valores”, a mudança operada com a introdução do ensino religioso atingia “a substância, os fins, o sentido e os valores da educação”. A educação, e mais precisamente o ensino religioso, são considerados por Campos como instrumentos de “recuperação dos valores perdidos”. (1994, p. 106).

A Igreja Católica teve, nesse sentido, um papel de destaque na legitimação da ordem. A doutrina católica seria para o Estado não apenas um instrumento capaz de garantir a preservação da ordem e de legitimação do autoritarismo, mas também um instrumento indispensável de transmissão de valores. Valores aqueles ligados à religião, à grandeza da pátria, à família, à moralização dos costumes, que serviam de subsídio aos discursos anticomunistas. Em outras palavras, não bastava à coerção, mas era necessária uma direção cultural, isto é, a obtenção do consenso. Esta orientação não foi exclusiva do clero brasileiro, ou seja, a tática política traçada pela hierarquia católica esteve em perfeita consonância com o Vaticano.

Nesse contexto de crise, o agravamento da situação econômica dos trabalhadores e as tendências autoritárias presentes no Governo Vargas tiveram como um dos reflexos a união de setores de oposição resultando no crescimento do movimento integralista.

A situação política do país era extremamente tensa no início de 1935 e dentro desse ambiente marcado pela polarização que a Aliança Nacional Libertadora (ALN), começou a ser organizada. Diferentes setores da vida social encontravam-se sob a bandeira do antifascismo: ex-tenentes, lideranças sindicais, liberais excluídos da máquina de governo,

socialistas e comunistas buscaram entendimento através de alguns pontos em comum. Assim sendo, a ANL não se definia como um partido político, mas como uma frente popular à semelhança das frentes antifascistas e anti-imperialistas formadas na Europa. (AZZI, 1981).

O crescimento vertiginoso da ANL colocava em risco os interesses hegemônicos. Em abril de 1935, sob o impacto de várias greves, o Congresso aprovou a Lei de Segurança Nacional e a ANL foi colocada na ilegalidade em 11 de julho, quatro meses após sua fundação. Por isso, o fechamento da organização pelo Governo recebeu amplo apoio do Parlamento, dos Integralistas e dos demais setores conservadores da sociedade.

Após o fim da breve legalidade, as facções de esquerda da ANL, onde predominavam os comunistas, deliberaram organizar um levante insurrecional sob a direção de Prestes e de dirigentes comunistas estrangeiros. O fracasso da insurreição – conhecido como Intentona Comunista – ofereceu ao Governo o pretexto para desencadear a repressão às forças populares, com a decretação de medidas de exceção, abrindo caminho para a Ditadura do Estado Novo, com a aprovação explícita dos setores economicamente hegemônicos. Dessa forma, o Golpe de 1937 foi à resposta do Estado, legítimo intérprete dos interesses burgueses contra o “perigo comunista”.

Fazendo um vínculo sobre a questão educacional e o papel da Igreja Católica na era Vargas, Hilsdorf destacou:

É interessante lembrar que todo esse período de 1930-45 já é nomeado Era Vargas, pois os componentes de autoritarismo e nacionalismo que costumam ser vistos como marcas do Estado Novo (1937-1945) já estavam presentes na própria Revolução de 1930, devido à influências das Forças Armadas e da Igreja Católica, que concorreram, entre outros fatores, para tornar viável este movimento na medida em que viam nele uma oportunidade de colocarem em prática os seus projetos de “educação do povo”.(2005, p. 91-92).

Em um clima de polarização marcado pela Guerra Fria, a educação era mais uma vez objeto de disputa política, uma vez que era vista como tema estratégico por diferentes setores sociais. Procurando novamente ampliar seu espaço político, mais uma vez a Igreja incluiu a educação na sua pauta de reivindicações. De forma generalizada, a discussão católica era marcada pela defesa da liberdade de ensino, o que significava a defesa da escola privada. Observando pelo ponto de vista da hierarquia da Igreja, a educação para ser completa jamais deveria prescindir da mediação do sagrado, principalmente em um país de maioria católica. Tomando como base nesses princípios, a Igreja buscou ampliar seu espaço de atuação, sendo a escola um instrumento estratégico para a transmissão de valores, normas morais e regras de conduta. Nesse sentido, a atuação da intelectualidade católica em conjunto com o alto escalão

eclesiástico, constituiu-se em força poderosa na defesa da educação privada, conforme podemos averiguar na afirmação de Horta:

A Igreja procura estabelecer uma estratégia de reforma pelo alto, voltando-se prioritariamente para a formação das elites e dos filhos das classes dominantes através da implantação de uma rede de estabelecimentos de ensino médio em todo país. (1994, p. 94).

2.1 – A AÇÃO EDUCACIONAL DA IGREJA CATÓLICA EM ARACAJU E EM SERGIPE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

No Estado de Sergipe como no restante do Brasil, a Igreja Católica, entre os séculos XIX e XX, disseminou de forma mais intensificada seus preceitos e sua influência religiosa nos diversos campos da sociedade. Na capital do Estado, foi responsável pela criação em 1832 do “Recopilador Sergipense”, periódico responsável por divulgar a cultura e formação de opinião, nitidamente voltadas aos anseios católicos. Em finais do século XIX e princípios do XX, a Igreja influenciou fortemente à política através da participação do Monsenhor Olímpio de Souza Campos, vigário da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Aracaju, que foi eleito para diversos cargos como: Deputado Provincial, Deputado Geral de Império, Intendente de Aracaju e Senador da República. O controle dos comportamentos também ocorria nos sermões durante as missas, por meio das confissões, nos aconselhamentos familiares.

Na educação, a Igreja disseminou sua influência através dos diversos estabelecimentos escolares fundados em vários municípios do interior e principalmente na capital, na passagem do século XIX para o século XX. Além de pregar a fé Católica tinha outro objetivo: barrar a influência Protestante que dava seus primeiros passos na sociedade brasileira e sergipana. Sobre esse momento histórico, Cruz e França destacam que:

Para evitar a influência das ideias protestantes que vinham surgindo e ganhando terreno no Brasil e em Sergipe, bem como contribuir para a formação dos jovens das classes dominantes, a Igreja Católica procurava, por via do ensino, moldar consciências e retomar o poder, criando colégios religiosos, muito deles funcionando com internato. É neste cenário que surgem colégios religiosos, em sua maioria absoluta, em capitais e cidades mais importantes dos estados brasileiros e em Sergipe. (2011, p. 84).

Sousa, em sua obra que trata da presença da Igreja Católica no sesquicentenário de fundação de Aracaju, indicou que:

Ao lado de sua missão específica de esclarecer as inteligências com as verdades, originárias da palavra de Deus, reveladas e dirigidas aos homens, a Igreja Católica nunca se descuidou da formação intelectual dos fiéis, fundando escolas ao lado das igrejas paroquiais. (2006, p.41).

É inegável que após a expulsão dos Jesuítas, as escolas fundadas pelos cômicos religiosos visavam atender principalmente as classes mais favorecidas, embora algumas congregações tivessem chegado a Sergipe por iniciativa do Estado para, no primeiro momento, atender aos desvalidos, conforme atesta Freitas:

Os Salesianos que chegaram em Sergipe, em 1902, a pedido do Presidente do Estado, Monsenhor Olímpio Campos, fundaram, em primeiro lugar uma Escola Agrícola Salesiana denominada Tebaida, para meninos desvalidos. Em 1908, criaram o Oratório Festivo Salesiano, também para atender meninos que perambulavam pela rua. Em 1909, foi fundado o Colégio Salesiano, que teve sede própria a partir de 1913 e que, inicialmente só recebia meninos, mas depois passou a aceitar meninas. (2003, p. 41).

Entretanto, a classe religiosa sergipana daquele período, não se descuidou em angariar bons recursos junto às famílias mais favorecidas. Os rapazes das classes mais abastadas eram atendidos pelo Colégio Salesiano, conforme Freitas (2003). Porém, Sousa ressaltou a ação Salesiana junto aos meninos pobres:

Logo após a instalação da Diocese, chegaram também a Aracaju, em 1913, os beneméritos padres salesianos, que fundaram o Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora para a formação da juventude masculina, mantendo também, ao lado do Colégio, o Oratório Festivo para meninos pobres. (2006, p. 41).

Por outro lado, as moças da elite sergipana também estiveram bem contempladas pelas escolas privadas confessionais, especialmente àquelas administradas por Congregações de Freiras, vindas principalmente da Europa.

Outra instituição responsável pela educação das jovens da elite sergipana foi o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, fundado em 1903, em Aracaju, pelas Irmãs Sacramentinas com sede em Valence (França) que aceitava alunas internas, semi-internas e externas. Em 1923, através de terreno doado pela Prefeitura, e da construção do prédio a partir da ação do presidente do Estado, Graccho Cardoso, o Colégio passou a possuir sede própria, onde funcionou até 1973. (FREITAS, 2003, p. 41).

Na década de 1940, outro estabelecimento de ensino confessional é fundado em Aracaju. Ao se instalar na capital do Estado, a Congregação das Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição ampliam a influência da Igreja na educação, com ensino primário, ginásial, secundário e o curso pedagógico para a formação de professoras, especialmente

atendendo moças da capital e do interior, fundando o Colégio Patrocínio São José, cujas primeiras ações foram assim descrito por Sousa:

A partir do dia 7 de abril de 1940, Aracaju passou a contar também com a presença das reverendas Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição e graças à determinação da grande religiosa sergipana, Irmã Cândida de Maria Imaculada, irmã do Mons. Floduardo de Brito Fontes, o primeiro padre ordenado por Dom José Thomaz e da Irmã Hercília de Assunção, foi construído e instalado na Praça Tobias Barreto, em Aracaju, o Colégio Patrocínio de São José. (2006, p. 46).

As principais cidades do interior do Estado, nas primeiras quatro décadas do século XX, também tiveram suas escolas confessionais. Um claro desejo de expansão e influência da Igreja Católica na Educação através das Congregações Femininas, como também, a necessidade de ocupar um filão pouco explorado nas cidades interioranas, que eram as escolas privadas. O quadro 2, apresenta estabelecimentos de ensino católicos que se instalaram nas cidades e seus respectivos anos de fundação.

Quadro 2 – Escolas confessionais femininas localizadas nas cidades do interior de Sergipe

Nome da Instituição	Ano de Fundação	Localidade
Colégio Nossa Senhora das Graças	1915	Propriá
Colégio Nossa Senhora da Purificação	1929	Capela
Colégio Sagrado Coração de Jesus	1936	Estância
Colégio Nossa Senhora da Piedade	1947	Lagarto

Fonte: Elaborado com base em Cruz e França (2011)

Nas primeiras décadas do século XX, a Igreja continuou fomentando seu trabalho catequético e ampliando seu papel na educação do Estado, especialmente na Capital. Padres formados no Seminário de Aracaju, aliavam suas funções de educadores ao trabalho de evangelização, exercendo atividades docentes em Colégios Públicos e Privados, destacando-se entre eles o Atheneu Sergipense. O quadro 3, indica alguns sacerdotes que também exerciam funções de educadores e as respectivas disciplinas que lecionavam:

Quadro 3 – Sacerdotes que exerceram funções docentes em escolas públicas em Sergipe

Nome do Sacerdote	Escola em que lecionou	Disciplinas que lecionou
Padre Mário de Miranda Villas Boas (mais tarde tornou-se Bispo e Arcebispo).	Atheneu Sergipense	Português e Literatura
Padre Avelar Brandão Vilela (mais tarde tornou-se Bispo, Arcebispo e Cardeal da Igreja).	Atheneu Sergipense	Português e Literatura
Mons. Alberto Bragança de Azevedo	Atheneu Sergipense	Latim
Padre José Felix de Oliveira	Atheneu Sergipense	Latim
Padre José Augusto da Rocha Lima (mais tarde abandonou o sacerdócio).	Atheneu Sergipense	Não identificada
Padre Jugurta Franco (mais tarde abandonou o sacerdócio).	Atheneu Sergipense	Não identificada
Padre José Ferreira de Azevedo (mais tarde abandonou o sacerdócio).	Atheneu Sergipense	Não identificada
Padre José Araújo Mendonça (tornou-se mais tarde Diretor do antigo Departamento de Educação, o que corresponde atualmente a Secretaria de Estado da Educação).	Atheneu Sergipense	Filosofia
Padre João de Deus Góis	Colégio Tobias Barreto e Jackson de Figueiredo	Filosofia

Fonte: Elaborado com base em Sousa (2006)

A forte presença da Igreja Católica na educação sergipana não ficou resumida a expansão dos colégios confessionais dirigidos por padres ou freiras, estendeu-se também ao ensino superior com a criação das Faculdades de Filosofia e Serviço Social, na primeira metade do século XX, ambas em Aracaju. Além disso, instituiu em 1918 o Jornal “A Cruzada”, grande instrumento de divulgação das ações educativas das Instituições Católicas (confessionais ou leigas) e poderosa “arma para levar ao mundo operário a Doutrina Social da Igreja”. (SOUSA, 2006, p. 46).

O prestígio que detinham os sacerdotes sergipanos foi significativo para incentivar também a criação de colégios sob a administração da iniciativa privada que professavam a fé católica. Os casos mais marcantes foram o Colégio Jackson de Figueiredo, administrado pelo casal Benedito de Oliveira e de sua esposa Judite Rocha de Oliveira e o Colégio do Salvador administrado pelas irmãs Galvão, ambos localizados em Aracaju/Sergipe. Pimentel nos oferece uma lista mais extensa de escolas confessionais ou leigas fundadas desde o final do século XIX e primeira metade do século XX, que trouxeram em sua maioria, a marca da Igreja Católica:

Assim, as escolas privadas e os internatos proliferaram no Estado de Sergipe, oferecendo um ensino diferenciado em relação ao ensino das escolas públicas. São eles: o Colégio Nossa Senhora Santana (1848/1906); o Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903); o Colégio Boa Esperança (1907); o Colégio Tobias Barreto (1909); o Colégio Salesiano Nossa Senhora

Auxiliadora (1911); o Colégio “Jackson de Figueiredo”(1938) o Colégio Patrocínio de São José (1940); o Colégio Pio X (1954); o Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus (1957) e o Colégio Tiradentes (1962), entre outros colégios que muito contribuíram para a educação sergipana e que fizeram parte - e alguns ainda fazem - da vida cultural e educacional de Sergipe. Tais instituições educacionais exerceram papel fundamental na formação de parcelas consideráveis da sociedade sergipana. (2014, p. 46).

2.2 – ASPECTOS DA CIDADE DE ARACAJU NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Na primeira metade do século XIX, a região costeira central do Estado de Sergipe banhado pelos Rios Sergipe e Poxim, foi escolhida para ser a nova sede administrativa, a capital. Aracaju surge por imposição de Inácio Barbosa, então Presidente da Província que vislumbrava a construção de uma cidade moderna com acesso mais fácil à região costeira e melhor escoamento da produção do Estado.

A transferência da sede administrativa de São Cristóvão para Aracaju foi cheia de embates, mas venceu a persistência do Presidente da Província. O local escolhido não era dos mais favoráveis, entretanto as obras de engenharia iriam vencer as barreiras que a natureza imputava, tais como grandes áreas alagadas, dunas e as pragas que se alastravam oriundas dos insetos naturais em regiões de geografia semelhante.

Gonçalves e Freitas contextualiza esse ambiente da seguinte forma:

Apesar de localizar-se em uma região inóspita, cheia de pântanos, lagoas, dunas, Aracaju foi escolhida pelas vantagens marítimas que o Atlântico oferecia. Todavia, para desenvolver este empreendimento Inácio Barbosa convidou o capitão de engenheiros Sebastião José Basílio Pirro. Segundo Fernando Porto, o engenheiro Pirro estava influenciado por tendências urbanísticas muito inclinadas a um uso exagerado as linhas retas, por isso o traçado em xadrez que foi utilizado para configurar a nova capital. O plano de Pirro primava pela regularidade excessiva, porém não se preocupava com a região. Seu plano foi realizado com maior rigidez não sendo modificado e nem adaptado para melhor distribuição das ruas e melhoria da circulação urbana. (2003, p. 265).

A cidade de Aracaju do início dos anos de 1900 se iniciava a pavimentação com pedras irregulares, sendo inauguração, no mesmo ano, o Hospital de Santa Isabel, mantido pela Associação Aracajuana de Beneficência. Com o aparecimento, em 1908, dos primeiros “bondes de burro”, se inicia o progresso da cidade para o sul, transformando a Rua de Itabaiana em um dos mais importantes logradouros residenciais da aristocracia aracajuana. O Serviço de água encanada também era inaugurado em 1908, vindo depois, em 1914, os serviços de esgotos sanitários. Aparecem em 1913 as primeiras lâmpadas elétricas e cresce

cada vez mais o empenho do Governo, em preparar a Capital para os festejos do primeiro centenário da emancipação política do Estado. Novas ruas se abrem e outras são reformadas. As comunicações com o interior são melhoradas pela estrada de ferro inaugurada em 1914, e, depois, pelas estradas de rodagem. (FERREIRA, 1959).

A capital do Estado prossegue nas primeiras décadas de 1900 em franco crescimento; novas indústrias, novos estabelecimentos comerciais, novos serviços em geral que tinham como principal objetivo atender as classes mais favorecidas. A cidade que tentava se estabelecer com um ambiente que fosse semelhante às metrópoles em franco desenvolvimento como o Rio de Janeiro, tem a seguinte descrição segundo Freitas (2003), “A urbanização, assim como a implantação das indústrias têxteis e de grandes empresas comerciais, principalmente na capital, contribuiu para o fortalecimento das camadas médias no Estado”. (p. 32).

Ainda, sobre a questão da necessidade de implantação de infraestrutura e melhor adequação dos equipamentos urbanos para receber uma população que crescia muito rapidamente, recebendo inclusive as pessoas que migravam do interior do Estado. Andrade e Brito Filho destacaram:

Aracaju beneficiou-se com o preço do açúcar e algodão em 1914, após a eclosão da Primeira Guerra Mundial, iniciando a consolidação da infraestrutura: construindo escolas, edifícios públicos, saneamento, implantação de água encanada e energia elétrica e rede telefônica. Entre as décadas de 20 e 30 várias construções foram edificadas através de decretos e leis, durante os governos de Maurício Graccho Cardoso (1922-1926) e Manoel Corrêa Dantas (1926-1930). A ampliação do tabuleiro de xadrez, o aterro definitivo do centro, a criação de parques, fontes, enfim o embelezamento da cidade foi importante como eixo do desenvolvimento de Aracaju. A partir de então a cidade cresceu em direção ao norte, sul e oeste. A quarta zona de crescimento, o centro, se individualizou e perdeu as características que o confundia com a cidade, e limitava-se à cidade. No centro concentraram-se as atividades terciárias, mercantis e administrativas, individualizando o panorama da cidade, proporcionando certo crescimento demográfico, econômico e urbanístico. (2007, p. 12).

A relação entre urbanização e industrialização também se fez presente no caso das primeiras décadas do século em Aracaju:

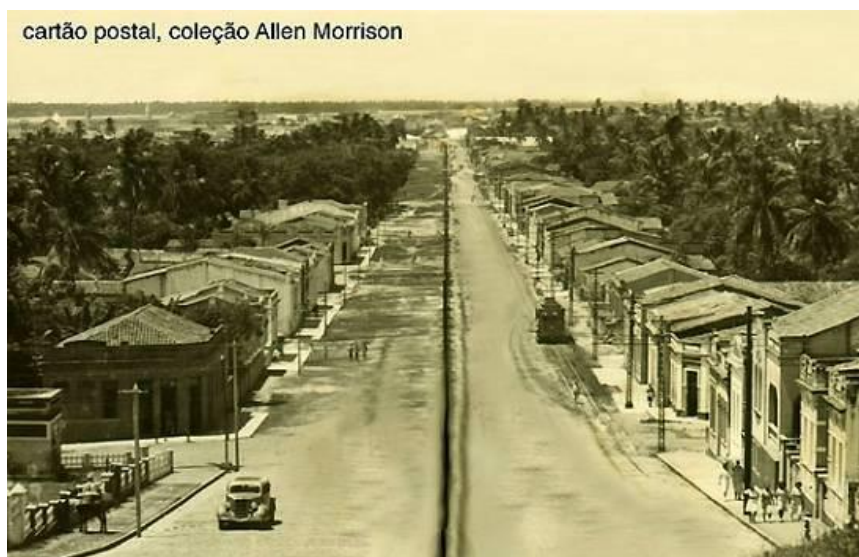
O Crescimento da população de Aracaju, na década de 1920, além das questões econômicas e comerciais, como a instalação de duas grandes indústrias têxteis a Fabrica Confiança e a Sergipe Industrial, pode ser explicado pela grande migração do interior para a capital, entre outros fatores. A modernização da cidade e a maior oferta de oportunidades de emprego e de escolarização aumentaram os atrativos para esse processo migratório. (FREITAS, 2003, p. 32).

Nesse sentido, selecionamos algumas fotos da cidade de Aracaju na primeira metade do século XX, para que possamos tentar imaginar como viviam as pessoas e como eram os logradouros durante esse período. Por isso, usamos além do que nos dizem as fontes escritas ou orais aqui arroladas, os registros fotográficos que são importantes documentos. Kossoy atribui à fotografia o status de documento “revelador de informações e detonador de emoções”. (2009, p. 43).

Assim, na figura 1, apresentamos um cartão postal onde é retratado um dos mais importantes trechos viários da época a Av. Carlos Firpo, que ligava o Centro da cidade a dois importantes bairros, o Santo Antônio e o Industrial. Um importante registro, que segundo Kossoy:

Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. Se, por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado. (2009, p. 45 e 47).

Figura 01 – Aspectos de Aracaju - Av. Carlos Firpo, na primeira metade do século XX



cartão postal, coleção Allen Morrison

Fonte: www.infonet.com.br. Acessado em 03 de fevereiro de 2015. Autoria desconhecida

Iniciou-se neste período o zoneamento da cidade, com certa imposição e interferência do poder público, ficando caracterizada a zona de comércio e os bairros de residências abastadas, de habitações operárias e das indústrias.

Procedeu-se aos primeiros aterros dos alagados e novas áreas são conquistadas para a edificação de novos logradouros. Foi, pois, um período de grande desenvolvimento da cidade. Vários prédios públicos foram construídos e uma mentalidade favorável ao progresso da

cidade dominava os gabinetes dos governantes do Estado. Projetou-se a construção de um magnífico teatro para a cidade, com todos os requisitos necessários a uma casa dessa natureza, que, entretanto, não chegou a ser construído. Em 1920, a cidade já contava mais de 170 logradouros e grande número de importantes edifícios, como o Palácio do Governo, o da Assembleia e o da Prefeitura, e três destinados ao funcionamento de Grupos Escolares. Em 1926, os bondes elétricos substituíram os de burro, que já vinham sem funcionar há mais de um ano:

No conjunto, nos quarenta anos da Primeira República, o Estado sofreu sensíveis transformações. A urbanização cresceu. Sobre tudo em Aracaju as mudanças foram grandes. O número de habitantes, que era de 16.336 (1890), ampliou-se para 50.564 (1930). A cidade inóspita do fim do século passado passou a ser atrativa. Os pântanos foram substituídos por bonitas praças. As condições sanitárias evoluíram. Na terceira década a capital foi se impondo como opção de morada. Prósperos proprietários do campo e da cidade, sobretudo depois de 1914, foram investindo, construindo seus palacetes em estilo predominantemente eclético. Nesse processo as reformas foram expulsando os pobres para a periferia. O Bairro Chica Chaves, que depois seria denominado de industrial, foi-se tornando populoso. (DANTAS. 2004, p. 55).

Outro registro fotográfico do cotidiano de Aracaju nas primeiras décadas de 1900 mostra uma parte da cidade mais bem cuidada. Na figura 2 observamos a Rua de Japarutuba que apesar de não estar localizada na zona mais nobre da cidade, mas também é habitada por uma parcela da população oriunda das classes médias que vem do interior do Estado, já recebe calçamento que é um indicativo de melhor zelo por este logradouro público.

Figura 02 – Aspectos de Aracaju - Rua Japarutuba, na primeira metade do século XX



Fonte: www.infonet.com.br. Acessado em 03 de fevereiro de 2015. Autoria desconhecida.

A foto indicada trata de outro aspecto de como a fotografia remete ao registro do passado, uma grande fonte documental que, ainda, segundo Kossoy:

A fotografia é indiscutivelmente um meio de conhecimento do passado, mas não reúne em seu conteúdo o conhecimento definitivo dele. A imagem fotográfica pode e deve ser utilizada como fonte histórica. Deve-se, entretanto, ter em mente que o assunto registrado mostra apenas um fragmento da realidade, um e só um enfoque da realidade passada: um aspecto determinado. (2009, p. 113).

Até 1930, mais ou menos, se caracterizava o progresso da cidade com a substancial ajuda do Governo do Estado. Daí para frente foi tentada a transferência de todos os encargos decorrentes das necessidades reclamadas pelo município da Capital do Poder Municipal. As sucedidas administrações de Teófilo Dantas e Camilo Calazans, que executaram as obras de urbanização do Bairro Santo Antônio, mostraram ser preferencialmente viável a citada transferência de encargos.

No campo político a década de 1930 efervescia. A capital do Estado serviu para o palco dos embates que congregava as classes dominantes nas mais diversas denominações partidárias. Sobre este contexto, Dantas ressaltou que:

Enquanto os parlamentares elaboravam a nova Constituição, os políticos em Sergipe preparavam-se para o próximo embate eleitoral, a realizar-se ainda em 1934, quando seria eleita a bancada de deputados estaduais que haveria de escolher dois senadores e o governador, revelando-se, assim, um momento dos mais importantes na definição do quadro dominante internamente. O período que medeia o primeiro pleito (1933) do outro (1934) seria marcado pela polarização crescente entre as duas principais forças políticas estaduais: o grupo situacionista, organizado em torno da interventoria e os conservadores aglutinados na União Republicana de Sergipe (URS). Durante esse período foram criados mais quatro agremiações, o que mostra a intensidade na reatirulação política em curso. [...] Em Sergipe, em inícios de 1933, Gustavo Barroso, Miguel Reale e Mário Brasil proferiram conferências no teatro Rio Branco, na Associação Sergipana de Imprensa e na Associação dos Empregados do Comércio, com grande receptividade entre a intelectualidade de Aracaju. Fundou-se, então, um núcleo de integralistas em Sergipe, do qual em sessão pública, intelectuais como Omer Mont'Alegre, Agnaldo Celestino e José Calazans apareciam como simpatizantes de primeira hora. (2004, p. 84;85).

Na administração de Godofredo Diniz, o município assumia a responsabilidade dos serviços de Bombeiros e do Pronto Socorro, cumprindo o mesmo programa.

Depois de 1930 o Bairro Siqueira Campos expandiu-se aceleradamente e apareceu o Bairro Joaquim Távora. Era o êxodo dos habitantes do interior, sobretudo das regiões calcinadas pela seca e perseguidos por “Lampião” que trazia para aqueles bairros o elemento humano que ia constituindo às suas populações. Esses bairros periféricos nasceram e

cresceram quase sem o estímulo dos poderes públicos, ou mesmo sem recebê-lo como no caso do Joaquim Távora.

Gonçalves e Freitas esclarece que:

Apesar dos problemas que enfrentava a nova capital, várias pessoas pobres vieram habitá-la. As baixas condições financeiras dessa população dificultaram a moradia dentro do “quadrado de Pirro”, porque as terras tinham preços elevados e o código de posturas impedia a moradia de pessoas menos abastadas, as quais se estabeleciam fora dos limites do plano. Assim, seguindo a ideia de cidade disciplinar várias casas de palha foram construídas e novas casas foram surgindo, seguindo um alinhamento e padrão estabelecido pelo código de posturas. Desse modo, os menos abastados passam a habitar nos arrabaldes da cidade, construindo “casas de palha”, vistas pelas autoridades como locais que atraíam pessoas com moral corrompida que precisavam ser disciplinadas. (2003, p. 267).

Outro grande fator do crescimento de Aracaju para noroeste foi o desenvolvimento da indústria no município. Nessa zona iam-se acomodando as populações proletárias, sobretudo os trabalhadores das indústrias. O crescimento populacional não foi acompanhado pelo investimento em educação na Capital do Estado, principalmente para a população mais jovem como assinalou Freitas:

Entretanto, o crescimento populacional não correspondeu ao aumento de crianças e jovens escolarizados. O total de alunos matriculados no ensino primário em 1889 era menos de 2% da população. Em 1930, o percentual de atendimento subiu para quase 3% da população. Apesar do crescimento da matrícula do Colégio Atheneu e da Escola Normal e também do aumento do número de alunos concluintes do ensino primário na capital, os índices ainda apresentavam a seletividade do sistema de ensino e a restrita parcela da população que tinha acesso ao processo de escolarização oficial. (FREITAS 2003, p.32).

Figura 03 – Aspectos de Aracaju - Rua da Aurora (atual Rio Branco), na primeira metade do século XX

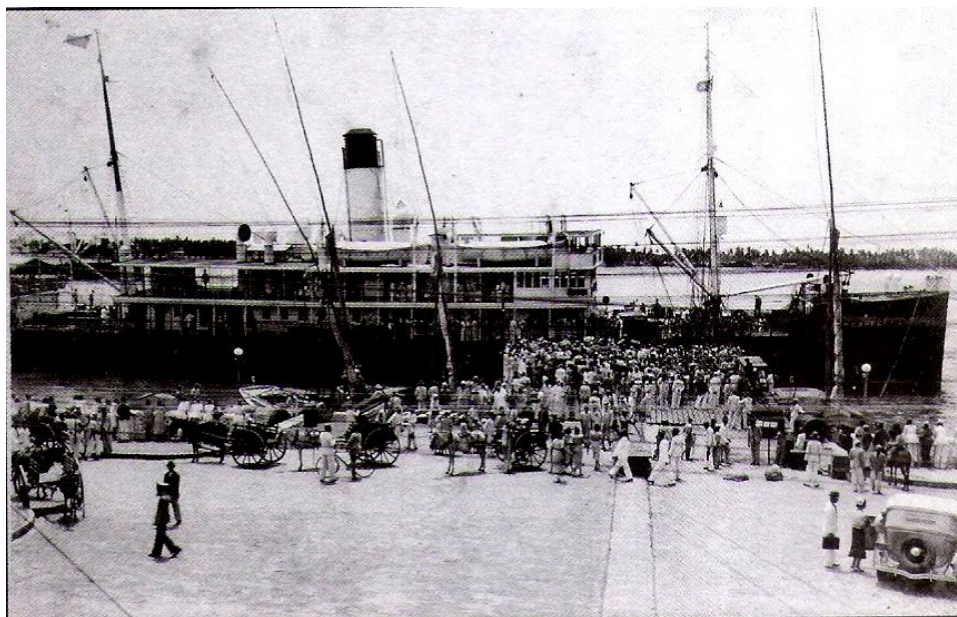


Fonte: www.infonet.com.br. Acessado em 03 de fevereiro de 2015 - Autoria desconhecida

A figura 3 mostra uma das principais ruas para o traçado do Engenheiro Pirro, a Rua da Aurora, para onde boa parte do comércio aracajuano convergia até a segunda metade do século XX, existindo também, algumas residências das camadas mais privilegiadas da população de Aracaju. Porto, assim descreveu esse importante logradouro:

No primeiro batizado da Rua da Aurora, sob os ofícios do espírito popular, ela recebeu o nome de Rua da Frente, por estar na frente de uma cidade voltada para o rio, onde estava o porto que ela procurava. Rua da Frente sempre sobrepujou o de Aurora e ainda hoje, depois de várias mudanças, ele é invocado talvez mais que o nome oficial, num caso singular em Aracaju, com o nome antigo predominando sobre os mais novos. Tudo isso decorrente de sua destacada posição topográfica e da que teve na vida da cidade. [...] Foi a primeira rua locada no chão aracajuano, pelo próprio engenheiro Pirro, retilínea em toda a sua extensão, desde a Alfândega até 600 braças para o Sul. Esta reta passaria a cerca de 80 metros a oeste da esquina do muro da Secretaria de Educação. [...] O nome Aurora, sempre dominado pelo de Rua da Frente, chegou até o ano de 1912, quando a 10 de fevereiro faleceu o Barão do Rio Branco, que por artes e ofícios na solução dos problemas de fronteiras do Brasil e ajudado pela imprensa contemporânea granjeara consagração nacional. A consternação foi geral e desencadeou uma avalanche de homenagens, entre elas a adoção de seu nome em ruas de quase todas as cidades do país, [...] Em março o Correio de Aracaju propôs ao Intendente o nome de Rio Branco para “a avenida da fundição” mas o Conselho Municipal, em abril seguinte, decidiu aplicá-lo em toda a extensão da avenida. (2011, p.82; 83).

Figura 04 – Aspectos de Aracaju - Rua da Aurora (atual Av. Rio Branco nas imediações do mercado público), na primeira metade do século XX



Fonte: www.aracaju.se.gov.br/154anos, acessado em 12 de outubro de 2015. Autoria desconhecida

A figura 04, apresentando outro aspecto da Rua da Aurora, demonstra a importância assinalada por Porto (2011), onde se observa um grande movimento de pessoas bem trajadas, provavelmente para um passeio em uma embarcação de grande porte ou mesmo para a festa do Bom Jesus dos Navegantes.

Ao longo da avenida praiana, espelhava-se a assistência ao espetáculo marítimo. Era a procissão mais concorrida; vinha gente de todos os pontos da cidade e de todos os seus estratos sociais, num congregarmento que só encontrava *semelhante* nas festas de Natal na Praça da Matriz. Obediente à crença de que no dia de Ano Novo deve-se vestir de novo da cabeça aos pés. No mês de dezembro, alfaiates e costureiras não chegavam para encomendas. Os trajes seriam mostrados na procissão do Bom Jesus, oportunidade certa para sua exibição, pois, pela falta de clubes sociais, eram raras e incertas as reuniões para servir de palco para tais desfiles. A Rua da Frente transformava-se numa imensa passarela de modas. (PORTO. 2011, p. 95).

Outros bairros foram aparecendo, depois do Joaquim Távora, mais para o Norte veio a Cidade Nova e do Siqueira Campos, nasceu para sudeste o Bairro América. A cidade cresceu e se desenvolveu e com ela se expandindo para todos os lados, vêm surgindo, também os problemas que caracterizam os grandes centros urbanos.

O destaque da figura 5, fica para a Rua de Laranjeiras, uma importante via comercial onde se localizavam as diversas lojas de secos e molhados, agências de fomento, agências públicas, lojas de artífices e casas residências, muitas delas nos fundos dos próprios

estabelecimentos comerciais. Observa-se um grande movimento de pessoas, inclusive os curiosos olhando para a câmera pela possibilidade de serem fotografados.

Figura 05 – Aspectos de Aracaju - Rua de Laranjeiras, na primeira metade do século XX



Fonte: www.aracaju.se.gov.br/154anos, acessado em 12 de outubro de 2015. Autoria desconhecida.

Em 1930, Sergipe estava efervescendo como o resto do país. As questões políticas e econômicas são as que, naturalmente mais mereciam destaque. Nunes, assim descreve esse período revolucionário:

A revolução de 1930 triunfou em Sergipe em 18 de outubro, quando aí chegaram recebidas entusiasticamente pelo povo, as tropas de Juarez Távora, o chefe da Revolução no Norte do país, e com elas se solidarizando a guarnição federal do 28º BC e a Polícia Militar. Dois dias antes, o Presidente Manuel Dantas havia abandonado o Estado, justamente oito dias antes apenas para encerrar o mandato e passar o governo ao Sr. Francisco Porto, Presidente eleito. (1984, p. 263).

Aracaju como o resto do Estado também está vivenciando essas agitações políticas. A maioria dos movimentos ocorre na capital, e isto, de certa forma, dá mais dinamismo às questões sociais, culturais e econômicas. Os aspectos discutidos nesta seção tiveram como objetivo entender como o crescimento econômico e cultural da Aracaju beneficiou a criação do Colégio do Salvador, pois, sua fundadora, apesar de ser impulsionada pelas dificuldades financeiras, percebeu uma boa oportunidade de investir na educação privada e ao mesmo tempo realizar suas aspirações de desenvolver atividades no magistério.

2.3 – A EDUCAÇÃO EM ARACAJU NO COMEÇO DO SÉCULO XX

No início do século passado, a educação no Brasil passava por significativas transformações que visavam atender as necessidades de um país que vislumbrava acompanhar a modernidade europeia e norte-americana. O processo educativo brasileiro pretendia acompanhar a recente industrialização e para isso a difusão da escolarização seria o meio mais indicado na busca dessa atualização.

Mesmo de forma, ainda que incipiente, os meninos das classes mais favorecidas já eram melhores contemplados com espaços escolares que as meninas. A educação daquele período estava voltada para as classes mais abastadas. Neste sentido, Louro, traz a seguinte indicação:

Aqui e ali, no entanto, havia escolas – certamente em maior número para meninos, mas também para meninas; escolas fundadas por congregações e ordens religiosas femininas ou masculinas; escolas mantidas por leigos – professores para as classes de meninos e professoras para as meninas. Deveriam ser eles e elas, pessoas de moral inatacável; suas casas ambientes decentes e saudáveis, uma vez que as famílias lhes confiavam seus filhos e filhas. As tarefas desses mestres e mestras não eram, contudo, exatamente as mesmas. Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamento para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura. (2010, p. 444).

O sistema educacional formal para o sexo feminino chegava de forma tardia e tímida, assim mesmo, contemplando as meninas dos segmentos sociais mais favorecidos. As meninas pobres e órfãs estavam relegadas às tarefas domésticas e ao trabalho braçal, conforme indicação de Louro:

No entanto, não se pode esquecer que, de um modo geral, as meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas. (2010, p. 445).

A visão de Louro acerca do papel feminino nessa sociedade é complementada por Berger, que trata de forma mais específica a questão educacional feminina no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Aracaju/SE, no início do século XX:

No século passado, a ideia prevalecente era que a mulher pertencia somente ao âmbito privado, ao doméstico, não pertencia ao âmbito público. Sua atuação era restrita ao ambiente doméstico, sem participação na vida social, enfrentando, com o passar do tempo, várias lutas para conquista de seus

direitos. No início, a aprendizagem da leitura e da escrita era suficiente, havendo estabelecimentos e currículos diferenciados para homens e mulheres. Essa educação diferenciada decorria dos papéis definidos para cada sexo e dos preceitos católicos, muito influentes na sociedade brasileira. (2004, p. 148).

A Educação feminina era na maioria das vezes voltada para atender, de forma subordinada ao marido e ser boa mãe para os seus filhos. A mulher para ser respeitada precisava apresentar grandes virtudes, que para o pensamento da época era traduzido como recato, submissão e grande dose de modéstia. Nessa linha de pensamento Cruz e França nos concede a seguinte elucidação:

Durante muitos séculos, a educação *stricto sensu* foi uma prática restrita ao sexo masculino. A sociedade brasileira requeria que a mulher fosse submissa, recatada, modesta e trabalhadora. Para as mulheres, a aprendizagem da leitura e da escrita era suficiente e se fazia na esfera privada, no espaço doméstico, onde elas recebiam a educação para a vida: a grande mestra era a mãe, relembremos a iconografia de Santa Ana. [...] Cabia à mãe introjetar na filha os ensinamentos que a mulher precisava para ser mulher, esposa e mãe. (2011, p. 23).

A Igreja, por sua vez, exerceu um papel significativo, no sentido de corroborar com o pensamento patriarcal da época. Os religiosos difundiram através dos meios que possuíam a obrigatoriedade da submissão feminina e sua anulação no protagonismo social. Sobre essa questão, Cruz e França destacaram: A Igreja, por sua vez, encarregava-se, através da confissão, dos livros de orações e dos sermões, de reforçar a ideologia patriarcal que preconizava a submissão da mulher ao pai, quando solteira, e ao marido, depois de casada. (2011, p. 23).

As primeiras vozes femininas que reivindicavam espaço para educação das mulheres, nos meados do século XIX, no Brasil, não eram bem vistas perante a sociedade da época.

Nísia Floresta, uma voz feminina revolucionária, denunciava a condição de submetimento em que viviam as mulheres no Brasil e reivindicava sua emancipação, elegendo a educação como o instrumento através do qual essa meta seria alcançada. (LOURO 2010, p. 441).

A ousadia de Nísia Floresta lhe trouxe grandes dissabores, tais como a observação do seu contemporâneo Adauto da Câmara, que desferiu comentários maldosos acerca das repercussões de suas ideias publicadas nos jornais da época: “Afim, o que pretendia essa mulher metida a homem”? (LOURO, 2010, p. 441).

A questão da instrução em Sergipe não era muito distinta do resto do país, especialmente no que diz respeito à educação feminina. As meninas desvalidas, órfãs e

pertencentes às classes subalternas eram acolhidas em orfanatos, como atesta Josineide Siqueira de Santana (2011), quando lembra que “evidentemente algumas meninas foram instruídas, mas não podemos negar que seus currículos estavam cheios de disciplinas como: cuidados com o lar, corte e costura, bordado; enfim eram preparadas para o lar”.

Quanto às meninas, oriundas das classes mais favorecidas, estas iam estudar nas instituições privadas criadas para oferecer ensino misto ou apenas para o sexo feminino, como as citadas por Freitas (2003): Colégio Nossa Senhora Sant’Anna, Colégio Nossa Senhora de Lourdes, o Educandário Fundado pela Professora Norma Reis; Colégio Nossa Senhora das Graças em Propriá/SE, Colégio Imaculada Conceição em Capela/SE. Convém relembrar que o objetivo maior da educação era a preparação das meninas para a vida doméstica, como reafirma Louro:

Para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas de matemática era geralmente complementado pelo aprendizado do piano e do francês que, na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas. As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bom como as habilidades de mando das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente. O domínio da casa era claramente o seu destino e para esse domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas. Sua circulação pelos espaços públicos só deveria se fazer em situações especiais, notadamente ligadas às atividades da Igreja que, com suas missas, novenas e procissões, representava uma das poucas formas de lazer para essas jovens. (2010, p. 446).

No liame dessa discussão, é conveniente destacar que na opinião de Nunes, os setores educacionais sergipanos e principalmente os da capital não estavam preparados para o crescimento da população, que já despontava de forma significativa nas primeiras décadas do século XX:

A educação sergipana não se distanciava do modelo nacional. Excetuando o saldo positivo fornecido pela Escola de Aprendizes de Artífices e o Instituto Profissional Coelho e Campos, as alterações introduzidas nesses anos republicanos foram pequenas. Fracassara a tentativa de implantação do ensino superior. O ensino médio, excetuando o curso comercial, continuava livresco, ornamental, ponte para o ingresso nas Faculdades, atendendo a uma elite saída da burguesia latifúndio mercantilista, ou da camada média urbana que o buscava como forma de ascensão social, desde quando as camadas médias tradicionais viviam mergulhadas, durante toda Primeira República, no universo da ideologia dominante, o que facilitou a aceitação, em linhas gerais, da dominação oligárquica. (NUNES 1984, p. 264).

Contrapondo-se a esse ponto de vista, Bonifácio apresenta outro quadro menos pessimista em relação à oferta de escolas para a população sergipana:

Em Sergipe, no início do século XX, surgiram, prédios escolares com fachadas representativas que se harmonizavam com as novas diretrizes do ensino brasileiro. Os colégios católicos ou laicos direcionados à educação masculina e feminina também tiveram que se adequar às novas exigências do ensino e coexistiram com formas e espaços de educação, tais como, as escolas públicas isoladas e particulares na casa dos mestres. (2011, p. 62).

As classes mais abastadas da capital de Sergipe priorizavam a escola privada para encaminhar seus filhos e filhas, haja vista, que o sucesso que os alunos obtinham nos exames de admissão, credenciava esses estabelecimentos, mais bem referenciados e atraíam cada vez mais essas categorias para as suas salas de aulas. Era de praxe que famílias compostas por professoras em sua maioria, criassem pequenas escolas, muitas vezes na própria residência, com objetivo de oferecer o ensino primário e a preparação dos alunos para o exame de admissão ao ginásio. Corroborando com essa afirmativa, Jorge Carvalho do Nascimento, no prefácio do livro de Cruz e França, ressaltou:

Uma importante característica das instituições de ensino privado em Aracaju, como de resto no Brasil, diz respeito ao fato de serem escolas dirigidas e mantidas predominantemente por organizações religiosas católicas ou protestantes ou empresas familiares, nas quais diferentes membros da família, como mãe, irmãs, tias e, muitas vezes, o pai, assumiam funções docentes, administrativas e de direção. Em Aracaju, como em todo o Brasil, os colégios secundários de orientação leiga ou religiosa, fundados e mantidos por particulares, tiveram um papel relevante desde o século XIX, até a metade do século XX. Esses estabelecimentos, estimulados pela concorrência, formavam a vanguarda do pensamento educacional pela adoção de modernas técnicas de ensino, pelo impulso dado ao estudo da ciência e pela ênfase emprestada às línguas modernas. (2011, p. 12).

Mulheres pioneiras pertencentes a diversas classes sociais sergipanas lutavam para adquirir seu espaço no mundo do trabalho, apesar de apenas destacar-se quase que exclusivamente no universo educacional, ora lecionando como professora das primeiras letras em escolas públicas, ora criando espaços escolares onde residiam, pois os outros espaços estavam reservados para o orbe masculino.

Desse modo, as probabilidades das moças sergipanas enveredarem para o mercado de trabalho, no início do século XX, resumiam-se praticamente às categorias profissionais, que naquele momento, despertavam pouco interesse ao sexo masculino, ou seja, a educação das primeiras letras. Para mulheres pobres, o trabalho como vendedoras nas feiras, como lavadeiras, passadeiras, doceiras ou mesmo operárias também era comum, ainda que

significasse menor remuneração e maiores riscos. Nesse contexto, relacionava-se a profissão de professora primária, uma das raras atividades que as mulheres iriam exercer sem a concorrência masculina. A formação pedagógica ficava ao encargo da Escola Normal, uma das Instituições que preparava as mulheres para o mercado de trabalho.

As possibilidades educacionais femininas em Aracaju, a partir de 1920, estavam vinculadas às seguintes instituições: à Escola Normal Rui Barbosa, aos colégios particulares, à Escola de Comércio Conselheiro Orlando e ao Colégio Atheneu. (FREITAS, 2003, p. 32).

Conforme destacou Freitas (2003), na contramão dessa lógica e rompendo com os padrões estabelecidos, sobressaíram-se no início do século XX, três mulheres sergipanas: Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro, Ítala Silva de Oliveira e Maria Rita Soares de Andrade que “evidenciaram táticas e estratégias em busca da emancipação feminina e de ocupação, de espaços considerados masculinos, de forma pioneira”,

3 – FUNDAÇÃO E TRAJETÓRIA DO COLÉGIO DO SALVADOR

Em um contexto discricionário onde as mulheres ocupavam poucos espaços na vida pública e privada, quando eram apenas preparadas para assumir as tarefas domésticas; a cidade vivenciando um ambiente diverso de efervescência política e econômica; a educação que tentava se afirmar como política de Estado, foi nessa conjuntura que em 1934 a então recém-formada no Curso Pedagógico pelo Colégio São Salvador, em Salvador, na Bahia, Zilda Galrão Leite, deu início as atividades docentes como professora particular de alguns jovens e crianças em um pequeno espaço de sua residência na Rua São Cristóvão em Aracaju/Se, ao que hoje se pode comparar às bancas escolares.

A fundadora do Colégio do Salvador era uma das filhas mais velhas do casal José Leite e D. Anízia Galrão que no início dos anos de 1930, saiu com a maioria dos seus filhos, da cidade de Jacuípe, no interior da Bahia, devido a uma enchente⁵ ocorrida com o rio que leva o mesmo nome e que cortava a cidade. Essa catástrofe afetou seu pequeno armazém com grandes prejuízos, vindo mais tarde se estabelecer em Aracaju com objetivo de recuperar sua vida financeira. Sobre esse episódio a família não forneceu dados mais precisos.

Dona Mariá, como é conhecida a Professora e atual Diretora do Colégio do Salvador Maria Angélica Galrão Leite, ao referir-se aos seus pais, falou de forma emotiva e carinhosa:

Meus pais eram muito bem casados, muito felizes, graças a Deus; receberam os filhos com muito prazer. Meu pai era comerciante, tinha uma empresa mais ou menos desenvolvida; minha mãe, dona de casa, suaram para criar doze filhos. Exigentes, exigentes e muito exigentes na educação e na vida particular, quando crescerem⁶. (LEITE, M. 2015).

Para Dona Mariá, ela uma ex-normalista da Escola Normal Rui Barbosa em Aracaju/SE, o papel exercido pelos seus pais e pela religião, foi fator primordial para que sua família se mantivesse unida e um grande incentivo para a educação dos seus membros. A criação, crescimento e desenvolvimento do Colégio do Salvador também foram atribuídos por ela à família, que destaca um importante papel no desenvolvimento dos Galrão Leite. Inferimos que o rigor e as formalidades adotadas e tão preservadas no Colégio do Salvador, desde sua fundação, estão relacionadas ao comportamento dos pais, conforme relatado pela entrevistada que faz questão de frisar o elevado nível de exigência.

⁵ Não encontramos na história da cidade, referências ao episódio relatado no texto.

⁶ LEITE, Maria Angelica Galrão. Entrevista concedida ao autor em 20 de agosto de 2015. A partir deste momento me refiro a esta entrevista como: (LEITE, M. 2015).

Por ser uma família católica e com bom relacionamento com os membros da Igreja da cidade baiana, mantinham também uma boa amizade com o vigário Frei Pascázio Pitok, franciscano de origem polonesa, que ao se transferir para Aracaju, convidou o amigo José Leite, que passava pelas dificuldades financeiras já relatadas, a trabalhar aqui em Aracaju como gerente do Matadouro Modelo, de propriedade do Coronel Antonio Franco, convite prontamente aceito, trazendo parte de sua família para esta cidade (FIGUEIREDO, 2005).

A atuação do sacerdote Católico, o Frei Pascázio, foi importante, conforme narra Dona Mariá, e ocorreu em um momento crucial para a família que passava por sérias dificuldades financeiras. Além do desastre natural anteriormente citado, as atividades de comerciante do patriarca dos Galrão estava em plena decadência. Essas informações foram mais bem esclarecidas pelas professoras Bernadete e Mariá em entrevistas concedidas em períodos e a interlocutores diferentes:

Porque meu pai tinha um coração muito grande, o povo devia muito a ele no comércio... Aí ele ficou em dificuldade e tinha um amigo muito grande dele chamado Frei Pascázio (frade), que foi transferido da Bahia pra aqui, para Aracaju, e quando chegou aqui em Aracaju o Coronel Antônio Franco perguntou se ele não conhecia alguma pessoa capaz de tomar conta do escritório do Matadouro (Matadouro de Aracaju, era assim chamado o abatedouro de animais), aí meu pai veio trabalhar no escritório e levantou realmente, levantou muito essa empresa do Coronel Antônio Franco, que gostava muito dele, mas também meu pai viveu pouco tempo... Faleceu, aí nós ficamos aqui, já estava por aqui e ficamos⁷. (LEITE, B. 1995).

Nós tínhamos um grande amigo religioso Frei Pascázio que sempre assistiu a nossa família na parte de religião e também na parte de afetividade, nós morávamos vizinhos da Igreja e meus pais eram muito católicos, muito! Todos dois é o que me lembro da infância é só isso! (LEITE, M. 2015).

Duas de suas filhas mais velhas Amanda e Zilda, não acompanharam a família por estarem cursando Pedagógico na cidade de Salvador/BA, que era na época uma das opções de curso mais promissoras para as mulheres que quisessem romper os limites da imposição doméstica. É importante destacar que o senhor José Leite, o patriarca dos Galrão, foi bastante eficiente em, a partir da amizade com Frei Pascázio, ampliar os contatos com personagens importantes do cenário aracajuano. Com o apoio de membros da Igreja e de figuras do meio político e empresarial conseguiu assegurar, após a sua morte, uma rede de sociabilidade que

⁷ LEITE, Bernadete Galrão. Entrevista concedida a Claudia Lobão Quaranta em 1995. Gentilmente cedida para o autor. A partir deste momento me refiro a esta entrevista como: (LEITE, B. 1995).

contribuiu fundamentalmente para a proteção das herdeiras e para o sucesso do negócio familiar.

Recém-formada, em 1934, Zilda, por insistência dos pais veio para Aracaju juntar-se a família e aos outros irmãos, embora preferisse lecionar em Salvador/BA, segundo afirmou sua irmã Bernadete. Com objetivo de contribuir para o orçamento doméstico da família e aproveitando o fato de que existiam poucos estabelecimentos de ensino em Aracaju, resolveu dar aulas particulares. Incentivada pela sua mãe, cujos pais também tiveram um pequeno estabelecimento escolar no interior da Bahia, e ainda, satisfeita com os resultados obtidos por seus alunos, Zilda Galvão (Figura 06) abriu no início do ano de 1935, um colégio. Esse estabelecimento localizava-se na Rua São Cristóvão, número 31, anexo à residência da família Galvão Leite. Atribuiu o nome de Colégio do Salvador para homenagear o estabelecimento escolar baiano chamado Colégio São Salvador⁸, onde acabara de fazer o Pedagógico e após obter aprovação dos proprietários daquele colégio. (FIGUEIREDO, 2005).

Ela veio em 1935, formada e no mesmo ano ela fundou o Colégio e pediu licença ao diretor de lá para colocar o mesmo nome do colégio que havia estudado. O diretor cedeu licença pra ela e foi colocado o nome de Colégio Salvador. (LEITE, B. 1995).

⁸ Acreditamos que esse estabelecimento de ensino não mais exista, haja vista, pesquisa realizada em 20.11.2015, não haver referências em sítios de escolas no Estado da Bahia, salvo, a Faculdade São Salvador, criada no final da década de 1990 sem mencionar atividades escolares anteriores.

Figura 06 - Zilda Galvão Leite, a fundadora do Colégio, no início dos anos de 1930.



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador - foto de autoria Photo Studio Aracaju - Digitalizada pelo autor em 2015.

A figura 06, que apresenta uma fotografia de Zilda, reflete um momento de grande satisfação para a fundadora do Colégio. O registro demonstra certa ousadia para os padrões da época, quando, ao posar de costas para o fotógrafo, talvez tenha como intenção mostrar detalhes dos seus trajes, ou mesmo com o propósito de expor seus delicados traços juvenis. Pelas informações apuradas junto aos arquivos do Colégio e a alguns entrevistados, Zilda Galvão estava em ambiente festivo para receber o diploma do Pedagógico cursado no Colégio São Salvador na cidade homônima no Estado da Bahia.

Ao chegar, Zilda, recém formada, da cidade de Salvador, em 1934, começou a dar aulas particulares e, logo no ano seguinte, 1935, graças ao bom desempenho de seus alunos, a procura por suas aulas foi tamanha que resolveu abrir um colégio onde estudara na Bahia: Colégio do Salvador. [...] No primeiro ano ela era sozinha, só ela dava aula e era em média de uns onze alunos, tinha internato e externato, já no ano seguinte eu comecei a ensinar com ela, eu estudava na Escola Normal de tarde e de manhã eu ensinava com irmã Zilda, eu tomava conta do pré-primário, dos

pequeninhos e Zilda tomava conta do primeiro ano ao quarto ano. (LEITE, B. 1995).

Com objetivo de melhor ilustrar o evento da criação da instituição escolar, destacamos a Ata de Fundação do Colégio (conforme mostrada nas Figuras 07 e 08), cuja data é de 02 de fevereiro de 1935 (transcrita no ano de 1954), digitalizada nos arquivos do Colégio.

Em uma leitura atenta da ata, observa-se a preocupação das fundadoras Zilda Galvão Leite - Diretora, Maria Zorilda Galvão – Vice-Diretora Leite e Nair Galvão Leite – Secretária, em afirmar que o recém-fundado Colégio ofereceria, inicialmente, o curso primário e prioritariamente tratava-se de uma empresa familiar. Destacava-se o compromisso em ministrar “educação moral, intelectual, física e religiosa” aos seus alunos, preceitos que de certo modo, perduraram, de forma quase sólida, até os dias atuais. Enfatizava-se que ofereceriam cursos a partir do Infantil até o 4º ano primário e que, com o “desenvolvimento do colégio, o corpo docente seria acrescido de novos membros, preferencialmente da família Galvão Leite”, fato que foi observado desde a fundação em 1935 até o ano de 1959. Essa regra só foi desrespeitada, quando foram contratados professores fora do âmbito dos Galvão, para o funcionamento do Ginásio, devido à necessidade de contratação de pessoas licenciados em diversas áreas do conhecimento.

Ressalte-se que a ata aqui retratada, trata-se de uma transcrição de livro de Cartório datado de 15 de dezembro de 1954, e traz a assinatura de Maria Bernadete Galvão Leite, diretora na segunda geração de administradores do Colégio.

Figura 07 – Ata da fundação do Colégio do Salvador

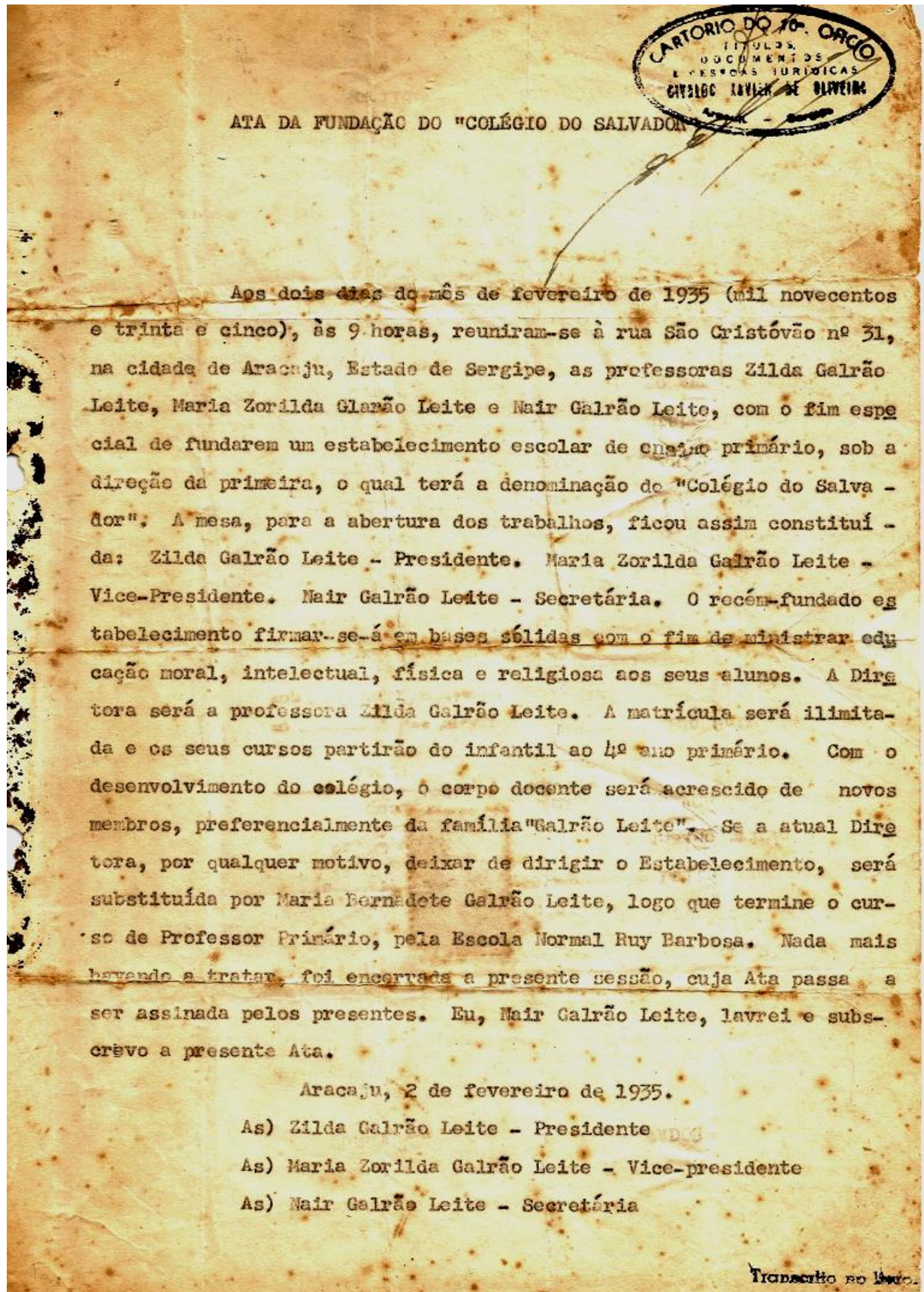


Figura 08 – Ata da fundação do Colégio do Salvador (verso)



Fonte: acervo do Colégio do Salvador - Digitalizado pelo autor em agosto de 2015.

A figura 09 mostra um trecho da Rua de São Cristóvão no início do século XX, nas proximidades onde fora fundado o Colégio do Salvador, segundo depoimento de um dos entrevistados.

Figura 09 – Aspectos de Aracaju - Rua de São Cristóvão, na primeira metade do século XX



Fonte: www.aracaju.se.gov.br/154anos, acessado em 12 de outubro de 2015 - Foto de autoria desconhecida.

A primeira matrícula do educandário foi registrada no dia 02 de fevereiro de 1935 em nome de Maria José Bezerra Chaves (figura 10), seguida de outros alunos. A sede inicial do Colégio foi em uma casa simples na Rua São Cristóvão, com móveis decorados pela própria Zilda, que segundo Dona Mariá, foram adquiridos dos detentos da penitenciária de Aracaju, que produziam peças de mobiliários com dois objetivos: financeiros e de redução de penas judiciárias.

Em depoimento entusiástico ao autor, a Professora Maria Angélica, conhecida como Dona Mariá, esclarece elementos, que presentes na sua fala, denotam aspectos importantes da sua memória: ascensão social e valores religiosos. Além disso, elucidou as condições em que foram instalados os primeiros equipamentos para o funcionamento do Colégio do Salvador:

Quanto ao Colégio era na Rua da Frente, não era o que eu desejava. O Colégio começou numa cozinha, na Rua de São Cristóvão. Nós ocupávamos duas casas residenciais: numa, o escritório do Matadouro, do qual meu pai era o Secretário. Só os quartos funcionavam, porque a família era muito grande. Pois bem, foi na cozinha que meu pai disse a minha irmã, que chegou formada na Bahia: “Minha filha, fique aí” (ele se refere à irmã Zilda). Então, foi a primeira sala de jantar dessa casa, o escritório, que, com a cozinha, formavam o Colégio do Salvador. O primeiro mobiliário, não tenho acanhamento de dizer, foi feito pelos presos da Penitenciária. Eles faziam e botavam na feira, eram muito mais baratos. Assim começou o

Colégio; o Colégio começou muito humilde! Muito humilde! Mas a bênção divina... Nosso Senhor foi abençoando. Daí nós fomos para uma casa na Avenida José de Faro, no largo da Assembleia, depois fomos para a Rua da Frente. Ali eram duas casas: uma da família e a outra do Colégio. Ali ficamos muito tempo; naquelas duas casas acho que ficamos mais de quarenta anos. (LEITE, M. 2015).

Nos elementos da fala de Dona Mariá, quando trata da rememoração dos membros intrafamiliares, deixa transparecer uma preocupação eloquente em demonstrar a importância dos papéis desempenhados pelos parentes que a antecederam nesse empreendimento, representado pelo Colégio que ajudou a construir e a manter. Sobre esse tipo de recordação, Le Goff citando Ranger, assim descreve:

Às recordações familiares, às histórias locais, de clã, de famílias, de aldeias, às recordações pessoais. [...] A todo aquele vasto complexo de conhecimentos não oficiais, não institucionalizados, que ainda não se cristalizaram em tradições formais. [...] Que de algum modo representam a consciência coletiva de grupos inteiros (famílias, aldeias) ou de indivíduos (recordações e experiências pessoais), contrapondo-se a um conhecimento privatizado e monopolizado por grupos precisos em defesa de interesses constituídos. (2003, p. 471).

Através das recordações percebe-se que a educação pela memória conduz o sujeito para dentro de si mesmo, numa lembrança continua do passado que se faz presente e, a fotografia, nos permite rever esse passado que se apresenta tão distante e ao mesmo tempo tão próximo.

Assim, na figura 10, em que aparece Maria José Bezerra Chaves, nos mostra a primeira aluna do Educandário que, de certa forma já começou estudar com certo atraso, provavelmente com nove ou dez anos de idade. Pelo que apuramos, essa aluna era de família de um poder aquisitivo mais elevado e provavelmente filha única, fato que levava os pais, na época, a retardar o encaminhamento das mulheres à escola. Nesse sentido, acreditamos que a fotografia tenha sido tirada pouco tempo depois de sua chegada ao Colégio do Salvador.

Figura 10 – Maria José Bezerra Chaves - 1ª aluna do Colégio, na década de 1930



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador – foto de autoria Photo Studio Aracaju - Digitalizada pelo autor em 2015.

Por sua vez, no primeiro ano de fundação, o Colégio funcionou com turma mista de 16 alunos, (Figura 11), em um dos compartimentos da casa. Ao final do ano, os alunos da professora Zilda, conforme atestam registros e depoimentos, obtiveram os primeiros lugares no exame de admissão do Colégio Estadual Atheneu Sergipense.

Figura 11 – Primeiros alunos do Colégio na companhia da sua fundadora



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador – foto de autoria desconhecida - Digitalizada pelo autor em 2015.

Esta figura retrata os primeiros alunos do recém-fundado Colégio. Na fotografia, se observa uma nítida separação adotada entre meninos e meninas na posição para a foto, como era de praxe na época, segundo Diana Diniz, uma das nossas entrevistadas. Nota-se a preocupação com o zelo no fardamento de seus alunos, preocupação da jovem Zilda, posicionada dentro do veículo. A primeira da esquerda para a direita é a aluna Maria José Bezerra também mencionada na figura 10 (com a estatura mais elevada). Ao fundo, as casas que abrigaram as primeiras salas de aula do Educandário do Salvador.

A figura 11 corrobora os registros contidos no Colégio, que confirmam os primeiros alunos do educandário em número de dezesseis; observamos dez meninas e seis meninos posicionados para foto. As meninas adotam um comportamento mais contido, algumas sentadas na saia lateral do veículo, enquanto que os meninos se posicionam bem mais à vontade, alguns sobre o capô do veículo ou outros bem despojados. Não sabemos explicar porque um dos alunos estava ajoelhado, provavelmente o hábito de colocar-se frequentemente para orações. A pessoa por trás do veículo, possivelmente, pode ser o motorista da família, haja vista, que o Senhor José Leite, administrador do Matadouro de Aracaju, recebeu do Senhor Franco boa estrutura para executar as atividades a ele atribuídas, segundo relato contido em algumas entrevistas.

Retomando a questão dos resultados da primeira turma do Colégio, estes renderam bons frutos, que segundo Dona Mariá, no ano seguinte, a matrícula dos alunos deste colégio, após sua abertura, mais do que dobrou, foi para 35, obrigando a professora ampliar o espaço, ocupando desta feita, a sala de visitas da casa. Para atender a necessidade de alguns alunos oriundos do interior do Estado, foi adotado o regime de pequeno internato misto para dez vagas, tendo como um dos primeiros internos Carlos Henrique de Melo e Augusto do Prado Leite (este último na figura 12).

Figura 12 – Augusto do Prado Leite – 1º aluno do internato



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador – foto de autoria do Photo Studio Aracaju - Digitalizada em 2015.

A figura que retrata o aluno Augusto do Prado Leite, é um indicio de como as famílias com melhores condições financeiras apresentavam seus filhos a sociedade. Acreditamos que a farda representando uma das forças armadas, seria para demonstrar o poderio social e político da família. Era comum nas famílias numerosas dos segmentos mais abastados, direcionar os filhos para a carreira de oficiais das forças armadas e também para a vida religiosa.

Em 1937, a família Galvão Leite sofreu uma perda dolorosa, José Leite, acometido por complicações cardíacas veio a falecer no mês de março, provocando certa desintegração no núcleo familiar. Nesse mesmo período as irmãs mais velhas Nair, Maria Isabel e Nadir que colaboravam com Zilda no educandário, não mais contavam com o seu pai e responsável pelo

sustento da família, tiveram que buscar seus próprios caminhos. Nair foi ser comerciária na Firma Silveira Ribeiro & Cia; Maria Isabel, que era responsável pela 3ª série, foi ser professora no povoado de Jenipapo no Município de Lagarto; Nadir, professora das terceiras e quartas-séries, foi lecionar no povoado de Pontal, no município de Estância, sendo mais tarde chamada para lecionar no Colégio Jackson de Figueiredo. Bernadete e Mariá, então alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, devido às dificuldades financeiras da família, foram transferidas para a Escola Normal Rui Barbosa, onde concluíram o curso Pedagógico. (FIGUEIREDO, 2005).

A dificuldade em administrar o educandário praticamente sozinha, não foi motivo de desestímulo para a professora Zilda que teve ajuda das suas duas irmãs ainda bastante jovens, Bernadete com 15 anos e Mariá com 12 anos de idade.

No início da década de 1940, Maria Bernadete Galvão Leite, que logrou êxito ao prestar exame de admissão ao Atheneu, após dois anos foi transferida para o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, por imposição da sua mãe. Foram alegadas questões morais⁹. A família que havia tomado conhecimento de discussões pouco apropriadas, em seu ponto de vista, por isso, Bernadete foi matriculada no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, onde gozava de bom relacionamento com as religiosas que administravam aquela instituição escolar. Maria Angélica Galvão Leite, Dona Mariá (que concomitantemente iniciava o curso primário no mesmo Colégio do Salvador), passa a integrar junto com Bernadete, a equipe que auxiliava Zilda nas atividades de Colégio. Mariá, pela sua pouca idade, exerceu na escola serviços menos especializados como colocar notas em cadernetas, corrigir cadernos e fazer a limpeza das salas após a saída dos alunos. (CORREIO DE SERGIPE, 2007).

Maria Bernadete Galvão Leite chegou ao Colégio recém-formada pela Escola Normal Rui Barbosa, logo depois foi a vez da outra irmã Nadir Galvão de Oliveira, então professora do Colégio Jackson de Figueiredo¹⁰, reintegrar-se ao grupo de professoras da família.

A professora Bernadete, como ela mesma declarou, lecionava para as crianças menores entre cinco e seis anos. A professora Nadir que deixou o Colégio Jackson de Figueiredo passou a se dedicar as terceiras e quartas séries e a professora Maria Isabel conhecida como Mariazinha, voltou do interior do Estado onde atuava como docente e passou a ensinar a primeira série.

⁹ Segundo membros da família, alunos do Colégio Atheneu tratavam de assuntos referentes reprodução humana, que para a época era tema proibido para famílias tão preocupadas com a moral e zelosas das questões religiosas.

¹⁰ Sobre o Colégio Jackson de Figueiredo, consultar: Pimentel (2014).

Eu, ainda estudante da Escola Normal Rui Barbosa, iniciei a prática de ensino, auxiliando-a no curso pré-primário: crianças de 5 a 6 anos. Sendo esta, até, a minha preferência. (LEITE, B. 1995).

O depoimento prestado pela Professora Mariá, indicou a necessidade que jovens como ela, tinham em ingressar no mercado de trabalho, especialmente para a educação. Em seu caso específico, era urgente obter o diploma do Pedagógico, pois, precisava assumir de forma definitiva o trabalho de professora no Colégio:

Eu tive que aumentar minha idade para entrar na Escola Normal, porque naquele tempo só podia entrar com quatorze anos e eu estava com dez, então consegui um atestado que me deixava mais velha quatro anos e aí eu pude entrar para fazer o antigo ginásio, quando eu me formei com dezesseis anos, eu fui ensinar; já comecei a trabalhar no Colégio onde eu fiz todo o primário. (LEITE, M. 2015).

A ampliação do número de vagas fez com que o Colégio instalado na Rua São Cristóvão (figura 13), fosse transferido para a Travessa José de Faro, embora essa permanência tivesse sido efêmera, porque, logo depois, com mais de uma centena de alunos, o Colégio passou a funcionar na Av. Ivo do Prado no número 182 (Figura 14). A nova sede do Colégio foi um prédio alugado, no ano 1942, a Fundação Beneficente Hospital Santa Izabel, onde funcionava anteriormente o Palácio Provisório do Governo, a delegacia de Polícia e a Maternidade do Próprio Hospital.

No mesmo ano de 1942, a advocacia da Fundação solicitou o prédio, pois tinha a pretensão de vendê-lo, apesar das edificações serem bens inalienáveis, por terem sido doados em um processo de herança. O Banco do Brasil era a instituição interessada em adquiri-lo, embora os inquilinos tivessem a preferência pela compra, que parecia inviável devido à situação financeira pouco favorável das interessadas.

Na figura 13, observamos o clima de união que marcou a família, tomando como base os diversos depoimentos obtidos. A residência da fotografia possivelmente seja a primeira sede do Colégio, a dúvida surge porque as indicações que constam no verso tratam apenas a década de 1930, quando foi feito o registro e nenhum dos entrevistados falaram com propriedade sobre o assunto.

Figura 13 – Residência dos Galrão Leite, no início da década de 1930, possivelmente a primeira sede do Educandário do Salvador



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador – foto de autoria desconhecida - Digitalizada pelo autor em 2015.

Retomando a questão das sedes do Colégio, ressalta-se que um revés no processo da compra ocorreu quando os senhores Gabriel Curvelo, comerciante influente; Firmino, proprietário de uma empresa de ônibus; e Carlisto sócio da empresa Dantas e Krauss, três pais de alunos, sensibilizados com a possibilidade da saída da sede daquele endereço, avalizaram junto ao Banco do Brasil um empréstimo que viabilizou a compra dos dois prédios que permaneceram como sede do colégio até o início dos anos de 2000. (FIGUEIREDO, 2005).

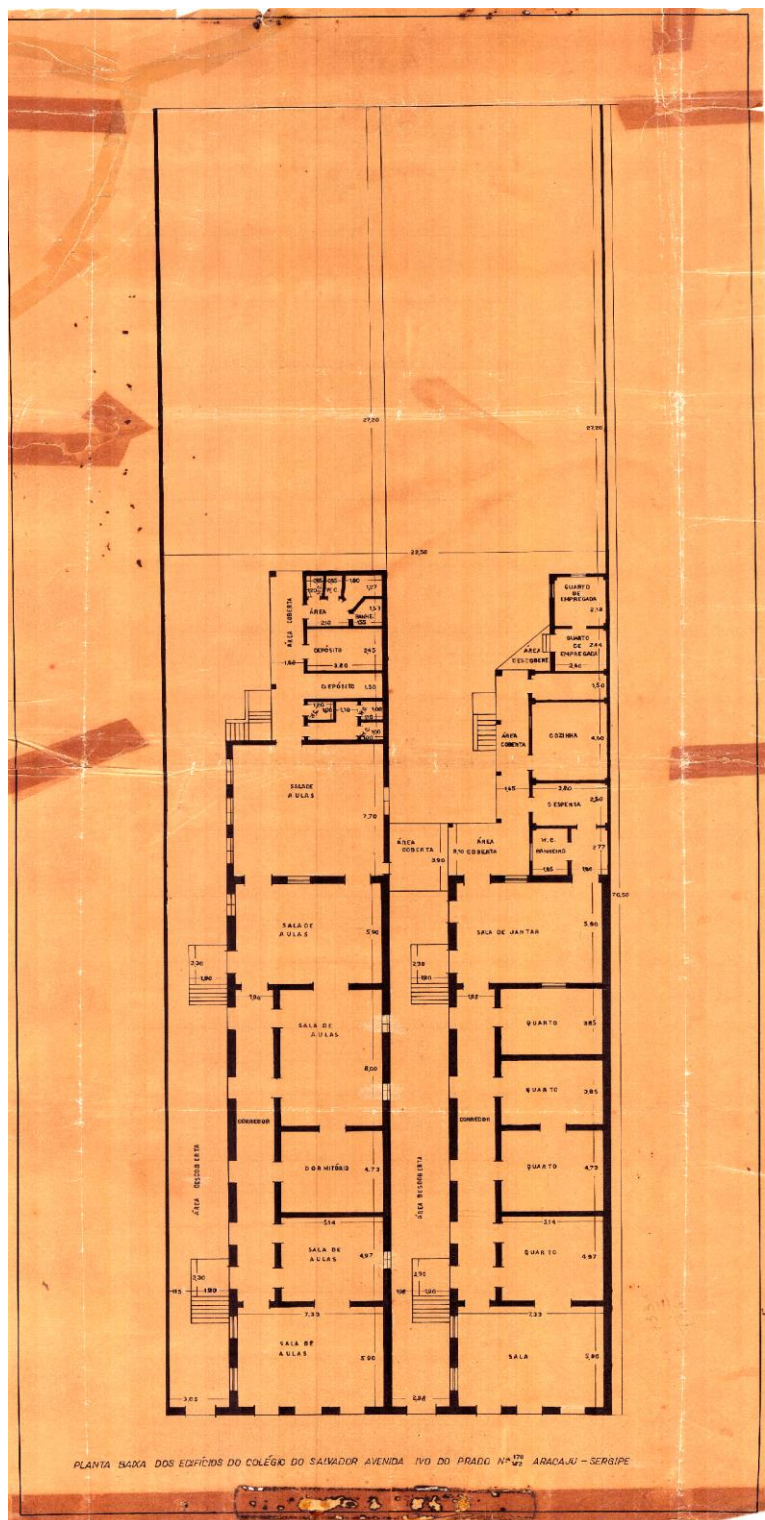
Figura 14 – Sede do Colégio e residência das irmãs Galrão na Av. Ivo do Prado, na década de 1940



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador – foto de autoria desconhecida - Digitalizada pelo autor em 2015.

A figura 14 mostra as duas casas, uma delas adaptada, que passou a funcionar como sede do Colégio (lado esquerdo) e a residência dos Galvão (lado direito) na década de 1940.

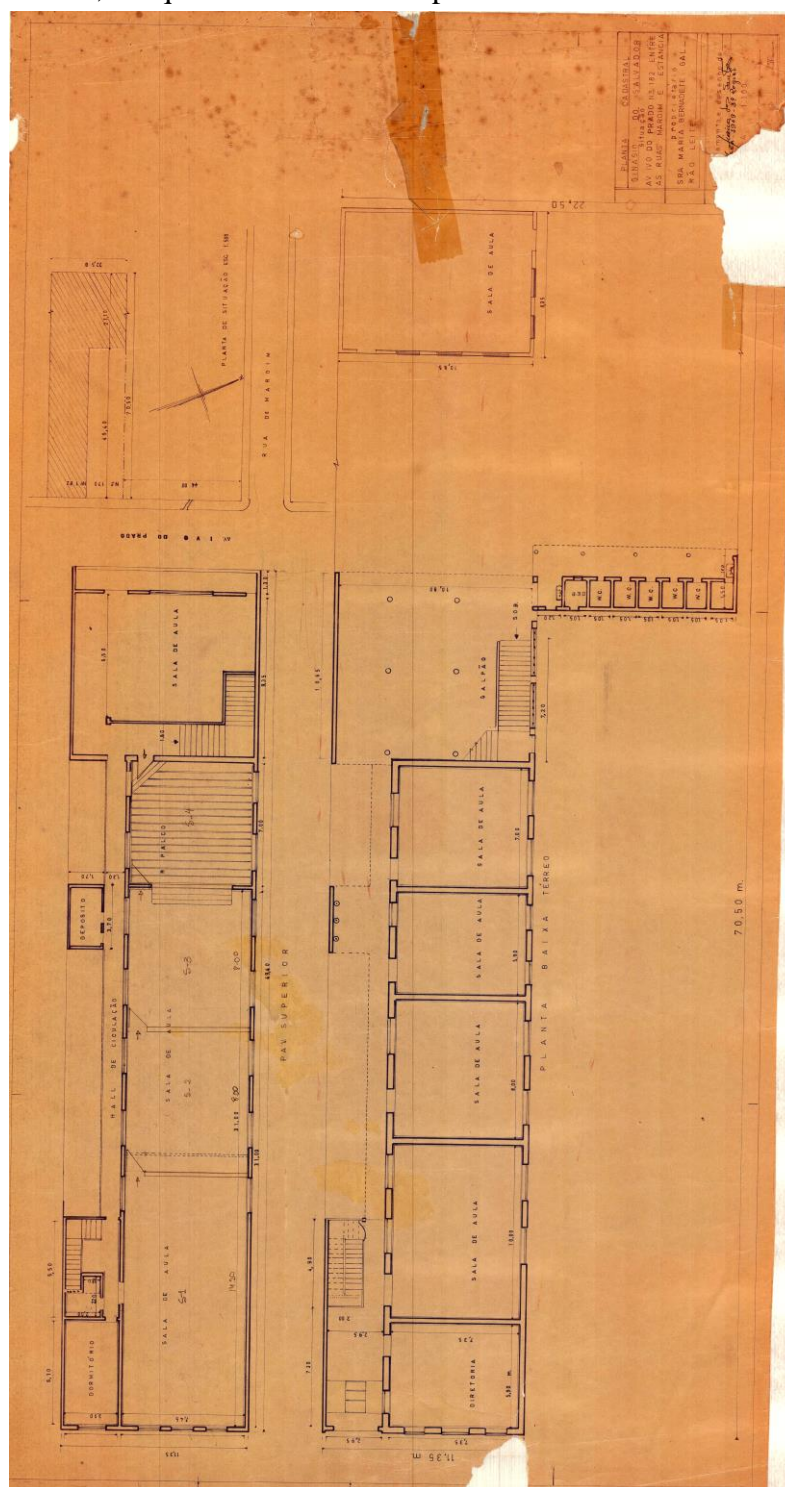
Figura 15 – Planta baixa, do lado esquerdo com salas de aula, dormitório (do internato) e áreas de serviços e banheiros do Colégio, na década de 1940. Lado direito mostra a planta da casa residencial



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador – projeto de autor desconhecido - Digitalizada pelo autor em 2015.

A figura 15 anterior, apresenta a planta baixa com a distribuição de salas de aula, dormitório (do internato) e áreas de serviços e banheiros do Colégio no início da década de 1940. Observa-se que se trata de edificações com projetos de construções originais e antigas com vastos corredores e com restrita ventilação e iluminação naturais.

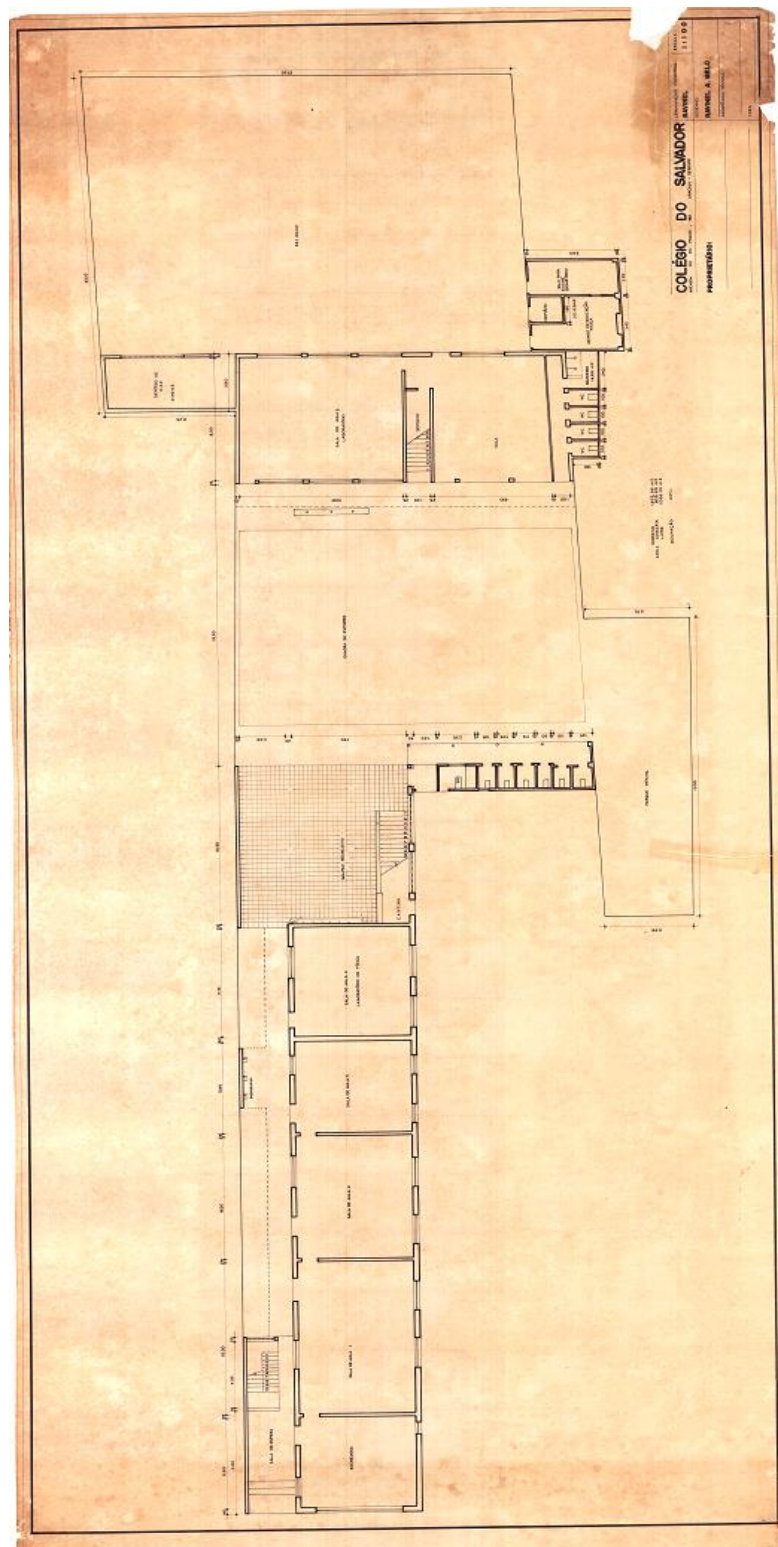
Figura 16 – Planta baixa, adequando os ambientes para funcionamento exclusivo do Colégio



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador – projeto autor desconhecido - Digitalizada pelo autor em 2015.

Na figura 16, visualiza-se a planta de adequação dos ambientes, na década de 1950, as dependências foram preparadas para receberem exclusivamente os equipamentos do Colégio. A casa residencial passou a funcionar como ambiente escolar.

Figura 17 – Planta de ampliação para o pavimento superior do Colégio



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador – projeto Ravinel Melo - Digitalizada pelo autor em 2015.

A planta anterior, na figura 17, mostra uma ampliação para o segundo pavimento do Colégio na década de 1950, uma indicação do aumento de matrículas para a oferta de vagas no ginásio, conforme alguns depoimentos.

Dona Bernadete refere-se emocionada com a evolução que o Colégio sofreu desde a sua fundação até aquela data em que forneceu a entrevista. O sucesso dos alunos que passaram pelo colégio, em que ajudou a crescer deixou muito gratificada, conforme sua fala:

Olhando para trás e vendo o longo caminho percorrido, rendo graças ao Salvador por observar que a semente foi boa. Ao longo da estrada, vejo frondosas árvores, carregadas de sazoados frutos, no sucesso dos nossos alunos que ocupam, na sociedade, destacadas posições no cenário nacional, excelentes profissionais nos vários campos de trabalho e realizações na sociedade. São filhos queridos, que reconhecem o que aqui receberam, que amam esta casa e sempre nos alegram com suas presenças e expressões de apreço. (LEITE, B. 1995).

Alexandre Diniz, ex-aluno e ex-professor do Colégio, em entrevista concedida ao autor, assim descreve os locais de funcionamento do Colégio:

Funcionava na rua da frente (Avenida Ivo do Prado), já reformado; quando fui aluno ainda, eram nas duas casas velhas, quando fui professor eles já tinham reformado. Já tinham feito o colégio do lado de cá (do lado direito no sentido norte sul), construído aquele prédio de dois andares, vizinho a casa delas (das irmãs Galvão) então eu comecei a ensinar ali... aquelas casas... eram duas casas iguais que pertenciam ao hospital Santa Izabel e elas alugavam aquelas duas casas (aponta para fotografia que apresentamos) . Uma delas era a residência delas e que elas tinham inclusive um pequeno internato e a casa do lado de cá era o colégio. Quando eu estudei no primário, ainda, elas tinham alugado duas casas para o lado de cá, porque o colégio já tinha crescido muito e depois elas devem ter comprado, não sei, e construíram um prédio novo, que se encontra lá até hoje¹¹. (DINIZ, J. 2015).

Ainda no início da década de 1940, após resolvida a questão da compra da casa, a professora Zilda Galvão Leite que já havia manifestado intenção em ingressar na vida religiosa¹², se desligou do Colégio indo residir na Cidade de Campinas, em São Paulo, ingressando no Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado, passando a ser denominada de Irmã Zilda. Anos mais tarde a Irmã Zilda prestou vestibular para Serviço Social no Estado da Paraíba indo residir naquele Estado, posteriormente foi transferida para Maceió/AL, fundando no Estado de Alagoas a Faculdade de Serviço Social.

¹¹ DINIZ, José Alexandre Felizola. Entrevista concedida ao autor em 28 de maio de 2015. A partir deste momento me refiro a esta entrevista como: (DINIZ, J. 2015).

¹² Não conseguimos apurar as reais causas dessa decisão.

Figura 18 – Irmãs Galvão, posando para foto na década de 1940



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador – foto de autoria desconhecida - Digitalizada pelo autor em 2015.

A figura 18 retratou a segunda geração de professoras e diretoras do Colégio do Salvador. Esse grupo manteve as atividades no Colégio entre os primeiros anos da década de 1940 até 1959. A primeira da esquerda para a direita é a professora Maria Angélica Galvão, conhecida como Dona Mariá; a segunda é a Professora Mariazinha; a terceira é a Professora Maria Auxiliadora (uma das nossas entrevistadas), conhecida como Flori e uma das filhas de Dona Amanda; o aluno do centro chama-se Constâncio Vieira, um próspero empresário sergipano nas décadas de 1970 a 1990, tornando-se depois grande latifundiário na região centro-sul de Sergipe; a quinta pessoa a partir da esquerda é a Professora Bernadete Galvão; a sexta é a Professora Amanda e a última é sua filha, a professora Sônia. Chamamos a atenção para o fato de que todas as professoras do Colégio eram membros da família, sejam elas irmãs, primas ou sobrinhas.

Esta fotografia foi oferecida ao Colégio pelo aluno ao centro, egresso do Colégio do Salvador, a uma das suas professoras Dona Bernadete. Observa-se a representação fidedigna da postura adotada pela Direção do Colégio, registrado em ata, onde somente os membros da família, fariam parte do quadro de docentes da instituição.

Este documento fotográfico poderá ser interpretado como a eternização de um momento, que teria sido símbolo de grande satisfação dos seus atores que, para Kossoy:

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para a fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência. Em primeiro lugar houve uma intenção para que ela existisse: esta pode ter

partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar o segundo estágio: o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia. Finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes porque passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram. Neste caso seu conteúdo se manteve, nele o tempo parou. (2009, p. 45).

Mesmo sendo de autoria desconhecida, visualiza-se que o fotógrafo teve a preocupação em posicionar os registrados de forma adequada. Nota-se o interesse dos atores em compartilhar a emoção daquele instante. Acreditamos que a locação da imagem tenha sido em uma das dependências do Colégio, haja vista que ao fundo observa-se a parte inferior de um crucifixo, presente em diversas fotografias catalogadas nos arquivos da instituição. Pelo que apuramos, a foto, como tantas outras, encontrava-se guardada em um porão da antiga sede do Colégio, sendo resgatada e melhor acondicionada pela funcionária Claudia Lobão.

Ainda na mesma década de 1940, outro afastamento significativo foi o de Nadir Galvão de Oliveira que, após casar-se, foi residir na cidade de Salvador/BA, ficando o Colégio sob a direção das irmãs Maria Angélica e Maria Bernadete, adolescentes com 15 e 18 anos respectivamente, levando aos pais dos alunos a não acreditarem no trabalho desenvolvido por pessoas tão jovens, provocando assim uma significativa evasão naquela instituição. (Informativo Salvador, 1996).

A superação da fase mais difícil para suas professoras administradoras, deu-se posteriormente com a aprovação de alguns dos seus alunos em diversos exames de admissão, obrigatórios em colégios públicos à época, por isso, vários discentes que haviam deixado o colégio voltaram para se matricular. Era uma nova fase na história do Colégio quando o número alunos de matriculados aproximava-se aos tempos em que era dirigido por Nadir e Zilda. Para dar conta de tantas atividades, somaram-se às integrantes remanescentes as irmãs Maria Amanda Leite França e Maria Isabel Galvão de Oliveira.

O ano de 1959 foi importante para o Colégio, que inicialmente só oferecia o ensino primário, os pais dos alunos insistiam que suas proprietárias passassem a oferecer o curso ginasial para que seus filhos tivessem a continuidade de ensino que logravam tanto êxito. Dentre um desses pais destacava-se Dr. Otílio Aragão, então Inspetor do Ministério da Educação em Sergipe, como também autoridades religiosas, a exemplo D. Távora, Bispo Diocesano, se uniram as pessoas que incentivaram a ampliação dos níveis escolares oferecidos. (INFORMATIVO SALVADOR, 1996. p.3).

Tomadas pelo entusiasmo dos pais, pela necessidade de ampliação de cursos ginasiais no estado e pela perspectiva de sucesso em uma nova empreitada, as diretoras passam a oferecer turmas mistas de ginásio em 1959 (Figura 19) e em 1976 o colégio passa a oferecer o ensino do 2º grau.

Figura 19 – Primeira turma do ginásio em 1959. Alunos na companhia das diretoras e do Padre João de Deus



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador - foto de autoria desconhecida - Digitalizada pelo autor em 2015.

A figura 19 apresenta os alunos da primeira turma do Ginásio. Este foi um marco de grande importância para o Colégio, pois a partir dessa data passou a ter maior notoriedade entre os estabelecimentos de ensino. O Colégio deixou de ser exclusivamente tributário para as demais Instituições que ofereciam o Ginásio e passou também a oferecer essa nova modalidade para os alunos das séries anteriores. É interessante perceber que além dos alunos, visualizam-se na fotografia as professoras Mariá (primeira em pé à direita), Bernadete (a 6ª sentada da direita para a esquerda), sentado de terno o Senhor Marcolino esposo da professora Mariá e a presença constante de um sacerdote católico, no caso da foto, o Padre João de Deus, figura sempre presente nos festejos religiosos e cívicos realizados pela escola. A figura do Cristo crucificado sobre a cabeça de todos (presentes na maioria das fotografias), foi sempre uma das formas mais representativas da proposta pedagógica do Colégio, pois unia a educação e a fé que foram os preceitos “mais queridos”, como afirmou Dona Mariá. Os alunos posaram para esta fotografia com a farda de gala, de acordo com Dona Margareth, uma das nossas entrevistadas, também presente na fotografia em pé, ao lado de Dona Mariá.

Nesse período, vários professores que gozavam prestígio e destaque no meio escolar foram convidados a lecionar no Colégio, e entre eles: a professora Olga Barreto (hoje atuando em eventos artísticas e culturais); o professor João Costa (durante muito anos professor da Universidade Federal de Sergipe, falecido); o padre Claudionor; a professora Maria Silvia Sobral; como também os egressos do colégio professor José Alexandre Diniz (um dos primeiros a obter o título de Doutor em Geografia no Brasil, professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe, com grande atuação em órgãos Públicos Federais como a CAPES¹³ e fundador do Programa de Pós Graduação em Geografia da UFS) e a Professora Diana Diniz (uma das primeiras a obter o título de Doutora em História em Sergipe e durante muitos anos professora do Curso de História da Universidade Federal de Sergipe).

Em decorrência da grande quantidade de matrículas realizadas e para melhorar adequação de espaço e acesso de pais e alunos, as instalações do Colégio foram transferidas, no ano 2002, para Av. Geraldo Barreto Sobral, S/N no Bairro Jardins.

O Colégio, desde a sua fundação, seguiu uma tradição pedagógica que obedece aos preceitos religiosos fundamentados na religião católica, no modelo semelhante e rigor das escolas confessionais mais tradicionais ligadas a ordens religiosas. Os pais ao matricularem seus filhos, estão cientes da orientação religiosa seguida pelo Colégio e os professores respeitam às normas ali vigentes.

Apesar da modernidade arquitetônica da nova sede e do uso das novas tecnologias de informação e comunicação, o Colégio mantém seu padrão tradicional de ensino, aliando, segundo sua diretoria, novas propostas na área educacional sem desprezar seu caráter religioso, moral e cívico. A exemplo das festas religiosas católicas, destacam-se: a Coroação de Nossa Senhora, no mês de maio, o mês do Rosário, a celebração da 1ª Eucaristia, a administração do sacramento do Crisma, entre outros.

3.1 – CULTURA ESCOLAR E CULTURA MATERIAL ESCOLAR

Nossa abordagem de pesquisa se baseia nos fundamentos teórico-metodológicos da História da Educação a partir da perspectiva da História Cultural.

Antes de avançarmos na discussão sobre os temas acima indicados, propomos uma breve discussão sobre o conceito de cultura nas perspectivas da Filosofia e da Sociologia. Para

¹³ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

a Filosofia, cultura é praticamente sinônimo de civilização o que de certa forma se aproxima da visão antropológica. Poderíamos inferir que a cultura estaria relacionada ao desenvolvimento cultural de uma comunidade, de um povo, tomando como base seus costumes, seu modo de agir, e a importância dada as suas instituições. Durozoi e Roussel contribuem com a discussão conceituando cultura como:

Tendo-se tornado praticamente sinônimo de civilização, o termo designa o conjunto das tradições, técnicas e instituições que caracterizam um grupo humano: a cultura compreendida dessa maneira é normativa e adquirida pelo indivíduo, desde a infância, pelos processos de aculturação. Embora o debate sobre as partes respectivas do inato e do adquirido no ser humano seja periodicamente reativado por motivos, antes de mais nada, políticos. A maioria dos etnólogos e sociólogos compartilham a opinião de Rousseau sobre a importância e o papel da cultura: o ser humano só existe pelo acúmulo de elementos culturais, a “natureza humana” reduzindo-se ao funcionamento estritamente biológico. Constata-se, de fato, que mesmo comportamentos aparentemente determinados com tanta naturalidade quanto comer ou dormir variam de uma cultura para outra. Quando aplicado a um indivíduo particular, o termo cultura evoca tradicionalmente o conjunto de suas aquisições intelectuais (sobretudo literárias e artísticas) tal como a personalidade conseguiu integrar. (1996, p. 115 e 116).

Do ponto de vista sociológico, a cultura está relacionada aos principais sistemas que compõem os elementos sociais, não sendo considerando um símbolo ou uma ideia como elementos culturais por não se saber se a maioria das pessoas deles compartilham e, ainda, por tornar-se difícil saber o que a maioria das pessoas pensam. Neste sentido, Johnson assegura que:

Cultura é o conjunto acumulado de símbolos, ideias e produtos materiais associados a um sistema social, seja ele uma sociedade inteira ou uma família. Juntamente com estruturação social, população e ecologia, constitui-se um dos principais elementos de todos os sistemas sociais e é conceito fundamental na definição da perspectiva sociológica. [...] É importante notar que cultura não se refere ao que pessoas fazem concretamente, mas às ideias que têm em comum sobre o que fazem e os objetos materiais que usam. O ato de comer com pauzinho ao invés de com talheres, ou com as mãos, por exemplo, não faz parte da cultura. O que os homens fazem é que torna visível a influência da cultura. (1997, p. 59).

No que se refere à História Cultural, Burke, ressalta:

A História Cultural, desprezada por suas irmãs mais bem sucedidas, foi redescoberta nos anos de 1970, como sugere a lista cronológica das publicações ao final deste volume. Desde então vem desfrutando de uma renovação, sobretudo no mundo acadêmico – a história apresentada na televisão, pelo menos na Grã-Bretanha, continua sendo em sua maior parte militar, política e, em menor extensão, social (2005, p. 7).

Estudar as mais diversas manifestações culturais e as culturas tem sido um trabalho incessante de historiadores, antropólogos, cientistas sociais, geógrafos, psicólogos e uma gama enorme de estudiosos que a cada dia descobrem a importância dessas pesquisas para entender e explicar a multiplicidade cultural em suas mais diversas interpretações e abordagens.

Burke esclarece como melhor entender a tarefa do pesquisador da História Cultural:

O terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações. Símbolos, conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana, mas a abordagem do passado em termos de simbolismo é apenas uma entre outras. Uma História Cultural das calças, por exemplo, é diferente de uma História Econômica sobre o mesmo tema, assim como uma história cultural do parlamento seria diversa de uma história política da mesma instituição. (2005, p. 10).

Tendo em vista a abordagem feita sobre Cultura e História Cultural é importante refletir sobre o conceito de Cultura Escolar. Julia descreve cultura escolar como:

Um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. (2001, p. 10 e 11).

Partindo da abordagem proposta por Julia sobre Cultura Escolar, refletimos que as fontes identificadas no Colégio do Salvador favorecem aproximações significativas referentes à formação proposta pela Instituição. Assim os textos lidos, as entrevistas realizadas, as normas pesquisadas, as figuras encontradas deixam claro um conjunto de práticas que vão refletir aquele modelo de escola cuja formação se destina a certa classe social e preceitos religiosos que pretendem atingir.

Nossa discussão visa entender um momento, no qual a maioria dos nossos entrevistados eram crianças que foram remetidas ao período em que sentaram nos bancos da escola, iam para o pátio aproveitar o recreio, deveriam obedecer às regras impostas pela escola onde estudava.

Enfim, por cultura escolar é conveniente compreender também, quando isso é possível, as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se

desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares. (JULIA. 2001, p. 11).

Antes de abordarmos sobre o tema Cultura Material Escolar, merece aqui uma breve discussão sobre Cultura Material. Sob o ponto de vista de Johnson cultura material e não materiais são diferenciadas em seus dois aspectos:

A cultura material inclui tudo o que é feito, modelado ou transformado como parte da vida social coletiva, da preparação do alimento à produção de aço e computadores, passando pelo paisagismo que produz os jardins do campo inglês. A cultura não material inclui símbolos – de palavras à notação musical –, bem como, às ideias que modelam e informam a vida de seres humanos em relações recíprocas e os sistemas dos quais participam. As mais importantes dessas ideias são as atitudes, crenças, valores e normas. (1997, p. 59).

A Cultura Material Escolar, segundo a História Cultural tem como objetivo analisar novas fontes de pesquisas proporcionadas pelos objetos que estão inseridos no ambiente institucional escolar. Neste sentido Souza ressalta:

A expressão cultura material escolar, por sua vez, passou a ser utilizada na área da História da Educação nos últimos anos, influenciada pelos estudos em cultura escolar, pela renovação na área provocada pela Nova História Cultural e pela preocupação crescente dos historiadores em relação à preservação de fontes de pesquisa e de memória educacional em arquivos escolares, museus e centro de documentação. Ao recortar o universo da cultura material escolar especificando um domínio próprio, isto é, o dos artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserindo as edificações, o mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social. (2007, p. 170).

É importante salientar que pesquisas sobre cultura material escolar precisam ser mais exploradas, inclusive, porque no mundo cada vez mais tecnológico, os modernos equipamentos ajudam a desvendar esse universo pouco explorado. As novas tecnologias são o aprimoramento de alguns equipamentos utilizados em épocas passadas que sem dúvida alguma, formaram muitas gerações e nesse contexto está inserido o Colégio por nós pesquisado.

Tomando como base os conceitos abordados, investigamos as práticas culturais e pedagógicas desenvolvidas no Colégio do Salvador em Aracaju/SE no período de 1935 a 1959, ocasião em que começaram a ser oferecidas vagas para o ginásio. As pesquisas realizadas nas fontes e documentos encontrados no colégio foram bastante reveladoras. As fotografias que digitalizamos que nos remetem desde o período da fundação do educandário

revelando vestimentas da época, festejos religiosos, festas regionais, participação em missas, desfiles cívicos, as anotações nas cadernetas dos professores onde indicavam premiações e punições.

3.2 – PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS NO COLÉGIO DO SALVADOR

Para que possamos entender melhor como se desenvolviam as práticas educativas e culturais no Colégio do Salvador, daremos, a partir de agora mais enfoque aos depoimentos prestados pelos nossos interlocutores, compreendendo como ocorria o cotidiano do ambiente escolar em seus diversos aspectos.

Inicialmente achávamos que enfrentaríamos maior resistência entre as pessoas em prestar testemunhos acerca do Colégio que continua em funcionamento, haja vista, que uma das figuras responsáveis da sua longevidade, a Professora Mariá, está em atividade frequentando quase que diariamente seu estabelecimento escolar. Diferente dessa expectativa, obtivemos bons resultados nos depoimentos, ainda que contidos em alguns casos, especialmente quando questionados sobre os castigos escolares.

Após contatos realizados com ex-funcionários e ex-alunos algumas das entrevistas previstas não foram concretizadas, pois alguns adoeceram ou mesmo faleceram durante a pesquisa, bem como, aqueles que argumentando questões pessoais desistiram, impedindo a realização das mesmas¹⁴.

Prestados esses esclarecimentos, passaremos a tratar das práticas educativas. Podemos inferir que as práticas educativas estão prioritariamente relacionadas com o trabalho docente, que é uma das modalidades peculiares das práticas mais globais que ocorrem na sociedade. Aliadas as atividades docentes, essas práticas, também são pertinentes ao desenvolvimento da capacidade física e espiritual, isto é, prepara o indivíduo para a participação ativa e transformadora em várias instâncias da vida social. Portanto, não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade.

Nessa linha de raciocínio, Eliane Teresinha Peres acredita que as práticas escolares estão entrelaçadas com as práticas socioculturais, protagonizados pelos diversos atores devido a seus vínculos com o mundo intra e extraescolar:

¹⁴ Ademais, observamos que na página vinte e quatro consta um quadro com as características dos entrevistados.

Entendo que as práticas escolares são práticas socioculturais, porque: primeiro, são produzidas pelos atores educativos – administradores, orientadores, professores, alunos; segundo, são produtoras de outras práticas e de outros discursos e são produzidas também sob a influência de outras práticas culturais, ou seja, as práticas escolares são construídas no interior da escola e da sala de aula, mas mantêm uma relação direta com o mundo exterior. Há, portanto, uma inter-relação entre práticas escolares e práticas não escolares que são mutuamente produtoras uma da outra. (2000, p. 26).

No Colégio do Salvador, podemos afirmar que essas práticas foram consideradas fenômenos sociais e estavam relacionadas pelos depoentes em diversos discursos, incitados quando desafiamos as suas memórias. Voltar no tempo transformou-se em exercício de nostalgia, um retorno ao passado onde “a memória é sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”. (BOSI, 2013).

Queremos enfatizar que o lema do Colégio desde a criação foi: Deus – Pátria, como consta nos diversos brasões adotados pela instituição ao longo dos anos, os quais são apresentados na figura 20, em ordem cronológica. O último brasão da fileira é aquele adotado atualmente.

Figura 20 – Brasões do Colégio desde a fundação aos dias atuais



Fonte: Arquivos do Colégio do Salvador. Digitalizado pelo autor em 2015

Priorizamos iniciar essa discussão com o testemunho simbólico de uma de suas matriarcas, a Professora Mariá, que de forma bastante contundente, trata do papel exercido por seu Colégio, destacando questões cívicas, patrióticas e religiosas para legitimar as práticas educativas e morais lá desenvolvidas:

Desde o início, o Colégio sempre manteve aquela filosofia de disciplina e de exigência do saber, tanto que, eu mesma, no exame de admissão (naquele tempo havia o exame de admissão, que era quase um vestibular), eu passei com a média máxima; naquele tempo era 100. Depois, diplomada pela Escola Normal Rui Barbosa, comecei como professora iniciante, com dezesseis anos então. Eu ouvia muito minhas irmãs mais velhas e elas me orientavam na execução do trabalho. Eu não senti nenhuma dificuldade. Hoje, sim, hoje eu noto a ausência dos pais, dos pais não, de muitos pais na

educação e na assistência aos filhos. Eu noto muito. Isso não existe mais. Tampouco aquela amizade que havia entre pais e mestres. Era uma amizade sincera, uma amizade verdadeira como se fôssemos quase parentes, nós nos visitávamos era uma amizade muito boa. Hoje mal conheço alguns. Existe um distanciamento grande, hoje, entre os pais e o Colégio há muito distanciamento. Hoje, eu sinto isso, eu não sinto mais aquela amizade dos pais, eu não sinto mais a presença dos pais. Tudo isso, hoje, eu estranho e procuro me adaptar a essa indiferença, a essa ausência. Nós éramos amigos, hoje não somos inimigos, mas somos indiferentes! Essa aproximação com os pais foi um grande facilitador, tanto na educação quanto na instrução. Eu não vou comparar um aluno do tempo quando eu comecei, com os alunos atuais. Os alunos, pela ausência dos pais, eles também não estão ligando muita importância para esse lado. O Colégio exige, mas, às vezes, não encontra o apoio dos pais. Às vezes encontra, mas, muitas vezes não! (LEITE, M. 2015)¹⁵.

Dona Mariá, destaca qual a “filosofia” do Colégio desde os primeiros anos de funcionamento em relação ao ensino e aprendizagem, quando se visava o máximo de dedicação e disciplina tendo como principais objetivos alcançar e divulgar, junto aos meios de comunicação locais, os seus melhores resultados. Observamos certo descrédito da entrevistada em relação à educação doméstica nos dias atuais. Ela faz questão de destacar que parte da excelência da escola tem como base a sua experiência e desempenho escolar, igualmente excelentes; o sentido precoce da formação, a disciplina pessoal, o excelente desempenho demonstrados. Filha do rigor, ela é a principal defensora desse recurso para o sucesso escolar e profissional, bem como para a preservação de valores que considera essenciais para o bom funcionamento das instituições escolares. Família e escola se confundem. Como defensora do ensino tradicional, ela entende que os valores estão se “perdendo”, a exemplo, do respeito e da autoridade de pais e professores na formação das crianças e adolescentes.

Relembra com saudosismo o período em que mantinha uma relação de muita cordialidade e cooperação com os pais dos alunos, declaração confirmada por alguns dos nossos entrevistados, em conversas informais.

Eu, professora que há muitos anos, achava que a Educação Moral e Cívica devia ser uma aula obrigatória. O menino sabia o que é Estado, o que é Governo o que é Povo, o que é Nação, o que é Pátria, conhecia bem os três Poderes. Isso era imprescindível e é; no entanto, foi subtraída essa orientação, foi substituída por Filosofia, por Sociologia. Ainda eu acho questões pouco interessantes aos alunos. A antiga que se chamava Educação Moral e Cívica, as duas, não é só a cívica, nem só a moral e religiosa que aqui sempre foi. Hoje eu noto que não existe mais a Educação Moral e Cívica. O jovem, atualmente, se você pergunta a qualquer um deles quais são

¹⁵ Decidimos manter o depoimento como foi prestado. Em muitos casos os trechos citados são longos, para ajudar nossa aproximação ao período investigado.

os símbolos da Pátria? Ele não sabe. Está com deficiência em conhecê-los. A Bandeira! Queriam mudar o local de algumas estrelas. Muita gente não sabe, mas as estrelas que estão na Bandeira são o retrato das estrelas das oito horas da noite no dia 15 de novembro, o dia da Proclamação da República. Tiraram o retrato do firmamento e situaram as estrelas. E o Brasão? O Brasão, que tem aqueles dois ramos: ali é café e já quiseram substituí-lo, mas não puderam. Agora com muita ousadia e com muito atrevimento, tocaram no quarto símbolo nacional que é a língua. Hoje, a gente ensina completamente errado e sem a logicidade. (LEITE, M. 2015).

Percebemos na fala de Dona Mariá a ênfase que é dada à preservação de símbolos pátrios como: a Bandeira, o Hino, o Brasão Nacional e principalmente a Língua, símbolos que ela considera “fatores de coesão da nação”. O suposto arrefecimento da moral e do civismo são elementos que lhe trazem atualmente inquietações, percebidos em diversos momentos da entrevista. Ela vê na dinamicidade da língua um perigo aberto para a derrocada de valores compreendidos como “fundamentais” à formação dos cidadãos.

No transcorrer das demais entrevistas, desejávamos saber dos atores o que os levaram a ingressar no Colégio do Salvador, ora como professor, ora como aluno. Os depoimentos apresentam diversos motivos, desde a simpatia dos pais pelo Colégio em virtude da organização, disciplina e dos resultados lá alcançados, o bom relacionamento com as suas proprietárias, a busca por uma educação fundada em valores religiosos, novas experiências de convívio escolar e até mesmo o desejo de experimentar o *status* de estudar em uma escola bem referenciada e bem localizada.

Dessa forma, um dos nossos entrevistados assim descreveu sua passagem pelo Colégio do Salvador:

Ingressei no Salvador no fim da década de 1950 e lecionei até o início de 1964, ensinando em todas as séries que tinha Geografia, naquela época, da primeira a terceira série do ginásio. Na quarta série do ginásio já não havia a disciplina Geografia. (DINIZ, J. 2015).

O Professor Alexandre Diniz, atualmente aposentado e se declarando ateu, relata boas lembranças como ex-aluno e ex-professor do Colégio do Salvador. Na juventude foi participante ativo dos movimentos da Igreja Católica, destacou a sua amizade com o Padre Luciano e sua experiência como membro da JUC¹⁶. Como professor do Colégio, narrou em nossas conversas a firmeza e a disciplina com que eram tratados alunos e professores,

¹⁶ A Juventude Universitária Católica (JUC), foi um movimento católico reconhecido pela hierarquia eclesiástica em 1950 como setor especializado da Ação Católica. Tinha como objetivo difundir os ensinamentos da Igreja no meio universitário. Chegou a existir com diversas formas e designações numa série de países, ligada à Juventude Estudantil Católica Internacional (JECI) e mais tarde também ao Movimento Internacional de Estudantes Católicos (MIEC). Fonte: CNBB.

entretanto, fez a ressalva que essa experiência foi muito útil em sua vida profissional. Ressalta que antes de tornar-se aluno do Salvador passou pelo Colégio Jackson de Figueiredo, e acrescenta: “alí sim, era um local de tortura”, marcando segundo ele, a diferença entre as instituições: “quando cheguei ao Salvador senti um alívio muito grande”! Sempre lembrava, na maioria das vezes de forma positiva, a influência exercida pela direção do Colégio para as suas vivências como discente e principalmente docente.

A fala da ex-professora Maria Auxiliadora Melo, conhecida como “Flori”, sobrinha das fundadoras do Colégio, é bem representativa da preferência das diretoras pelos membros da família na função da docência, desde a fundação do Colégio até o final da década de 1950. Atualmente aposentada, ressalta que, assim como os demais membros da família Galvão, é católica e foi durante bastante tempo frequentadora assídua dos ritos da Igreja, especialmente as missas. Hoje, encontra-se impossibilitada de frequentar, por questões de fragilidade da sua saúde. Fomos recebidos duas vezes em sua residência para a entrevista. Refere-se com muito carinho sobre o período de sua docência no Colégio do Salvador, pois, pertenceu aos quadros do colégio por mais de 40 anos, ciclo que ela resume como de grandes experiências e aprendizados. É digno de nota, o fato de ela destacar a pouca idade com a qual iniciou suas atividades docentes. Cabe lembrar que as legislações que tratam do trabalho infantil e da docência para pessoas sem formação específica é bastante recente, fato que permitia que pessoas tão jovens com quase sem nenhuma experiência na docência pudessem exercer tal função.

Eu ficava muito no interior, só fiz mesmo os dois últimos anos, o terceiro e o quarto primário por que minha mãe que era professora, pois esta é a tradição de minha família, desde minha bisavó, minha avó, minhas tias, minha mãe. Quando completei nove anos Sônia (irmã da entrevistada) e eu, viemos para Aracaju completar o curso primário. Mamãe (Professora Amanda, uma das irmãs Galvão Leite) começou logo a ajudar minhas tias Bernadete e Mariá. No ano seguinte, em 1946 terminei o curso primário e fui estudar no Colégio Atheneu Sergipense à tarde e pela manhã ensinava com a orientação de Zetinha (apelido atribuído pela entrevistada a professora Bernadete), tomando a responsabilidade do Curso Infantil e ela no 2º ano primário. Lecionei durante anos na mesma sede, na Rua da Frente, na Av. Ivo do Prado, quando eu nasci o colégio tinha sido fundado há um ano, quer dizer, a mesma trajetória do colégio foi a minha e o crescimento do Colégio foi o meu, eu me identificava muito com o Colégio. Eu trabalhei no Salvador de 1947 a 1996. Tive alunos mais velhos do que eu, mas naquele tempo, era grande o valor dado às professoras, mesmo a duas crianças como eu e minha irmã Sônia, que começou a ensinar em 1948 (também criança com dez anos de idade)¹⁷. (MELO, M. 2015).

¹⁷ MELO, Maria Auxiliadora Leite de. Entrevista concedida ao autor em 18 de junho 2015. A partir deste momento me refiro a esta entrevista como: (MELO, M. 2105).

Diana Diniz nos concedeu entrevista na condição de ex-aluna, embora, também tenha sido professora do Colégio do Salvador. Católica, declaradamente assídua, é casada com o também Professor Alexandre Diniz há mais de quatro décadas. Destacou-se como Professora da Universidade Federal de Sergipe, autora de vários artigos científicos e de livros sobre História de Sergipe. Priorizamos entrevistá-la como ex-aluna, apesar de também ter sido professora do Colégio do Salvador. Dentre as razões para a escolha estavam o fato dessa ter sido a sua maior experiência na Instituição somado ao de ter demonstrado um conjunto mais detalhado de informações sobre os momentos vivenciados nos bancos e corredores do Colégio. Enfatiza que a sua chegada ao Colégio do Salvador esteve relacionada ao deslumbramento de sua mãe com o garbo representado pela Instituição durante os desfiles cívicos em comemoração à Independência do Brasil, no dia 7 de setembro. Para sua mãe a escola se destacava como símbolo de elegância e organização. Diana revela certa frustração por ter sido encaminhada tão tardiamente para a escola e atribui isso à superproteção que era dispensada por seu pai, por ela ser filha única:

Eu estudei no Salvador de 1949 a 1953. O Colégio ficava na Rua da Frente (atual Avenida Ivo do Prado); em uma casa elas moravam na outra era o Colégio.[...] Pelo álbum que minha mãe guardou (verifica no álbum de família), então eu entrei em 1949, estava com sete anos; essa era a farda do dia-a-dia, porque tinha também uma farda de gala. Eu não fui para o Jardim. Naquela época o único jardim que existia era municipal, mas meu pai com todos os cuidados que tinha, não me pôs pra estudar. Eu entrei no curso infantil com sete anos, era assim: curso infantil, primeiro ano, segundo, terceiro e quarto, era o que tinha na minha época. [...] Olhe! Minha mãe conta que ela quando ia olhar as paradas de 7 de Setembro, naturalmente eu ia, ela ficava encantada com o Colégio do Salvador por isso que eu fui pra lá, é o que ela contava¹⁸. (DINIZ, D. 2015).

Margareth de Carvalho nos recebeu em sua casa onde também é seu ambiente de trabalho. Atualmente exerce a atividade de Terapêutica Holística Reikiana, embora já tenha sido cineasta e produtora de cinema. Informa não ter uma religião específica, mas opta preferencialmente pelo espiritismo. Estudou no colégio entre 1955 e 1962, sendo da primeira turma do ginásio oferecida por aquela Instituição de ensino, a partir de 1959.

Acredito que era Educandário, ingressei em 1954 para 1955... 1954, por aí! Eu fui da primeira turma do Ginásio, nós éramos hum!... como se diz?... Uma coisa modelo, modelo não! Uma experiência, a primeira turma... Na verdade eu fiquei de 1955 a 1962 [...] Veja bem! Os meus irmãos já estudavam lá, dois irmãos mais velhos, que naquela época tinha medalha de

¹⁸ DINIZ, Diana Maria de Faro Leal. Entrevista concedida ao autor em 11 de junho 2015. A partir deste momento me refiro a esta entrevista como: (DINIZ, D. 2105).

prata, medalha de bronze, medalha de ouro; então meus irmãos eram todos medalhados! Cheios de medalhas! Eu queria muito ler, eu tinha uma coleção de livros de histórias e eu era pequena. Lembro que tinha cinco anos, mais ou menos, cinco pra cinco e meio e já pedia a minha mãe pra me colocar no Colégio que eu queria ler meus livros, porque minha prima era mais velha que eu três anos e não lia pra mim, lia baixo, só que a coleção era minha (risos), de tanto eu forçar a barra mamãe me colocou lá, um pouco antes da hora.¹⁹. (CARVALHO, M. 2015).

Espirituosa e bem humorada, Margareth de Carvalho relata suas vivências positivas e negativas como ex-aluna do Colégio. Informou que um dos seus filhos matriculou dois netos no Colégio do Salvador e declarou que esta experiência está sendo muito proveitosa. Em alguns momentos, deixava transparecer que o excesso de religiosidade do Colégio a incomodava, entretanto, ela relata que era um espaço lúdico que lhe trouxe muita felicidade, boas lembranças e grandes lições, a exemplo do respeito e da cordialidade dos mais jovens deveriam ter em relação às pessoas mais velhas.

Maria Stael, ex-aluna do Colégio do Salvador, uma senhora com aparência muito jovial, declarou-se como uma católica que frequenta assiduamente às missas e outros eventos da Igreja. Encontra-se na ativa e possui uma escola de pintura artística em uma das avenidas mais tradicionais de Aracaju. Atua durante a semana como professora de Artes no período vespertino e pela manhã exerce o cargo de Vice-Presidente na Legião Feminina de Educação e Combate ao Câncer, entidade fundada há cinquenta anos e que faz a prevenção do câncer ginecológico, mamário e bucal para pessoas carentes, atendendo à população do Estado de Sergipe e estados vizinhos:

Entrei em 1950 no Curso Infantil, eu tinha seis anos e saí com dez anos de idade, na Avenida Ivo do Prado, o Colégio Salvador funcionava ali. Fiquei até 1954, estudei 4 anos no Colégio. Meu pai, inclusive, que era Médico da família de todo o Colégio Salvador se entusiasmou quando estava atendendo uma das diretoras, encantou-se pelo carinho e o cuidado que tinha, ele então colocou o meu irmão mais velho pela primeira vez, logo no início da fundação do Colégio. As diretoras eram Irmã Zilda e Irmã Zorilda na época, então colocou meu irmão e consequentemente fomos entrando à medida que ia chegando pra idade certa cada um, éramos cinco, todos cinco foram alunos lá do Colégio Salvador²⁰. (CRUZ, M. 2015).

Apesar de ser contida em suas falas Maria Stael quando tratou de temas relacionados a rigidez do Colégio, demonstrou bastante entusiasmo ao falar do cotidiano envolvendo alguns professores e ex-colegas. Declarou muito carinho pelas suas ex-diretoras e ex-professoras.

¹⁹ CARVALHO, Margareth do Espírito Santo de. Entrevista concedida ao autor em 22 de junho 2015. A partir deste momento me refiro a esta entrevista como: (CARVALHO, M. 2015).

²⁰ CRUZ, Maria Stael Carvalho da. Entrevista concedida ao autor em 22 de junho de 2015. A partir deste momento me refiro a esta entrevista como: (CRUZ, M. 2015).

Lembrou-se da rigidez, da organização e dos métodos de ensino ali desenvolvidos, que segundo ela, foi muito importante para o seu acesso ao *Sacré Coeur*, um dos Colégios mais prestigiados no Rio de Janeiro, sem prestar o exame de admissão, obrigatório à época, por ter sido, segundo ela, aluna destacada do Colégio do Salvador²¹.

O diálogo de Pedro Antônio, abaixo (nome fictício adotado pelo interlocutor), traz algumas marcas semelhantes e outras distintas dos demais entrevistados. Pedro relembra o principal motivo pelo qual seus pais tiveram para escolher o Colégio do Salvador: boas referências que tinha nos meios sociais. Não declarou sua religião atual, apesar de ter dito que foi muito católico na juventude. Está aposentado e preferiu também não declarar qual era sua profissão, informando, no entanto, ter sido um profissional liberal “bem sucedido”.

Ingressei no ano de 1955, eu tinha na época 07 anos de idade. Na época a sede do Colégio era na Avenida Ivo do Prado. Eu saí depois de 1960, quando já havia concluído o ginásio. O Colégio era bem conceituado na época e meus pais queriam muito que eu estudasse lá, por isso me matricularam no Salvador. E escola era excelente e isso representou muito para mim na questão emocional. Por muito tempo foi minha referência, meu porto, minha casa. Ali comecei a construir laços, a fazer parte de uma pequena sociedade organizada. A escola era muito organizada, a maioria dos professores e os colegas eram muito gentis²². (ANTONIO, P. 2015).

Pedro Antônio pediu para não ser identificado pelo seu real nome, justificando que apesar de ter boas recordações e boas relações com o Colégio, algumas de suas falas tratam de episódios que muitas vezes o entristeceram ou deixaram marcas, que os proprietários podem interpretar como “mágoa ou rancor”. Ainda que negue ausência de mágoa ou rancor e não seja explícito nesse sentido, Pedro deixa transparecer, em seu depoimento, que esses episódios que o marcaram têm relação com o suposto tratamento desigual existente na escola e que tendia a privilegiar os alunos das famílias mais influentes.

Os receios de Pedro Antônio são compreensíveis, pois alguns atores que compartilharam de suas experiências ainda estão vivos e obviamente trata-se de uma história não muito distante, marcada por tensões e incertezas, conforme ressalta Bosi:

Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstruir comportamentos e sensibilidade de uma época! O que se dá se o pesquisador for atento às tensões implícitas, aos subtendidos, ao que foi só sugerido e encoberto pelo medo... (2013, p. 17).

²¹ Sobre o ingresso no *Sacré Coeur* a entrevistada Diana Diniz, afirmou que ser aluna do Colégio do Salvador era praticamente um passaporte para quem quisesse se matricular no colégio carioca sem precisar se submeter ao exame de admissão, devido ao prestígio que o Colégio do Salvador gozava, haja vista boa avaliação dos seus alunos.

²² ANTÔNIO, Pedro (nome fictício). Entrevista concedida ao autor em 22 de agosto de 2015. A partir deste momento me refiro a esta entrevista como: (ANTONIO, P. 2015).

Renato Darcy Ferreira de Almeida, que reside em Fortaleza, no Ceará, ao saber através de sua sobrinha que estávamos realizando uma pesquisa sobre o Colégio do Salvador pediu para ser entrevistado. Devido à distância, combinamos que encaminharia o roteiro da entrevista e as respostas seriam encaminhadas por e-mail. O nosso entrevistado é capitão do Exército, atualmente na reserva, engenheiro elétrico e empresário, declara-se católico praticante e também mantém uma relação muito cordial com os proprietários do Colégio do Salvador, especialmente Dona Mariá, a quem se refere com carinho especial:

Ingressei no Colégio do Salvador em 1942, com oito anos de idade. Na época funcionava na Avenida Ivo do Prado. De 1944 para 1945, cursei mais um ano por conta da idade mínima de onze anos, para o exame de admissão ao ginásio, que existia na época. Tirei 1º lugar no exame para ingresso no Colégio Ateneu. Entrei no Colégio por causa do alto nível do ensino e da boa educação ministrada²³. (ALMEIDA, R. 2015).

Seguindo nosso roteiro de perguntas, queríamos saber o nível de satisfação dos nossos entrevistados, por ter sido docente ou discente do Colégio do Salvador e como faziam para se deslocar até o Colégio e mais detalhes sobre as práticas educativas e culturais. Percebemos que as respostas foram bastante semelhantes, alguns se detiveram em fazer relatos mais detalhados, apesar da distância em que os fatos ocorreram. Persistiram as respostas que enfatizavam o rigor, a organização e as práticas educativas muito semelhantes aos colégios religiosos administrados por freiras e padres, da época.

No decorrer da pesquisa tornou-se comum os entrevistados demonstrarem contentamento com a oportunidade de falar sobre a escola. A satisfação do professor Alexandre Diniz na entrevista também foi demonstrado pelo seu semblante, percebemos clara emoção em sua fala. Ele relatou que foi “uma das melhores experiências que teve na sua juventude”. Obteve a confiança das proprietárias do Colégio, que permitiram que ele pudesse lecionar no recém-criado Ginásio, pois não havia ainda concluído o curso superior e o Colégio “tinha um nome a zelar”, explica. Narrou, de forma bem humorada, que teve um encontro recente com a professora Mariá que esta o convidou para novamente lecionar no Colégio, ao que respondeu declinando: “não tenho mais idade para ensinar”.

O deslocamento era a pé, eu fazia faculdade de manhã. Quem me indicou para dar aula no Salvador foi a Professora Josefina Leite, que era professora de Antropologia, elas (as proprietárias do Colégio) estavam procurando um

²³ ALMEIDA, Renato Darcy Ferreira de. Entrevista concedida ao autor por e-mail, recebida em 11 de setembro de 2015. A partir deste momento me refiro a esta entrevista como: (ALMEIDA, R. 2015).

professor de Geografia e aí Josefina deu meu nome, então elas ficaram muito satisfeitas, porque eu tinha sido aluno de lá. Eu fui dar aula lá, eu ia a pé. Fazia faculdade de manhã e a tarde ia dar aula no Salvador. Eu ia a pé e voltava a pé pela Rua da frente, morava aqui na Praça Getúlio Vargas, nasci aí e morava aí! [...] O ginásio do Salvador era a referência de qualidade, entendeu? Não só para o aluno, como para o Professor também, se você é professor do Ginásio do Salvador era uma referência para sua carreira. Era o padrão, era o máximo! Depois veio o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, que também ficou sendo... mais um pouco abaixo, não era rival do Colégio Salvador. O padrão era o Colégio Salvador, era a referência de melhor qualidade de ensino na cidade. Isso é interessante! (DINIZ, J. 2015).

A professora aposentada Maria Auxiliadora, também relata grande satisfação em ter instruído centenas de alunos no Colégio do Salvador, ao final das contas, expõe ela, “foram quarenta e nove anos lecionando na mesma Instituição”. O seu percurso da casa para o Colégio e vice-versa, que descreve, era mais longo e mais demorado, haja vista, que nos primeiros anos em que foi professora, o sistema de transporte de Aracaju estava começando a ser instalado, como também o fornecimento precário da energia elétrica dificultava a sua vida e a dos demais habitantes da cidade, naquela época:

Quando eu entrei no Salvador eu morava no Bairro Industrial, depois fui morar na Rua Dom Quirino no Bairro Santo Antonio. Eu ia para o Colégio de Bonde, de Ônibus naquele tempo, pouquíssimas pessoas tinham carro e o bonde saía defronte da minha casa e deixava na porta do Colégio. Depois eu passei a morar na Rua de Estância, só em 1966, já casada, vim morar no Bairro 13 de Julho, aí eu já estava mais velha e adquiri um fusquinha. Naquele tempo a gente podia estacionar ali perto mesmo, eu deixava na casa de uma amiga minha! (MELO, M. 2105).

Já os ex-alunos do Colégio se manifestaram de forma entusiástica e detalhadamente de como se deslocavam e a satisfação de estudar naquela escola. Eram, segundo eles, experiências ricas e cheias de descobertas, pois o caminho até escola revelava desde cedo a cada um deles múltiplas possibilidades de construir seu conhecimento sobre o mundo. De acordo Carmem Pimentel: “[...] lembrar o espaço escolar é lembrar também o que se passa lá fora, no seu entorno, o caminho que leva de casa à escola, percurso de novidades e descobertas, de surpresas e perigos, de brincadeiras e desafios”. (2014, p. 36).

A entrevista com Diana Diniz se mostrou muito reveladora. Lembrou de muitos detalhes do seu tempo de aluna e de outros fatos de sua vida naquele período, recorrendo em vários momentos ao seu álbum de família. Ao se deparar com as fotografias dos desfiles, das festas e das comemorações religiosas tecia sempre comentários sobre as expectativas que marcavam cada evento, desde os detalhes das roupas, a emoção com a proximidade das datas festivas, apontava com frequência os colegas nas fotos detalhando sobre as suas trajetórias e

os laços ainda preservados com alguns deles, bem como a ida para o Colégio na companhia do seu pai saindo da Rua Duque de Caxias em Direção à Rua da Frente, em um tempo em que o bonde ainda despontava na paisagem de Aracaju:

Eu não morava próximo ao Colégio, já morava na zona de expansão. Minha família morava na Rua Duque de Caxias próximo à Praça Tobias Barreto. Eu alcancei ainda o bonde que passava, eu ia com meu pai de bonde e descia comigo e me entregava no Colégio Salvador, quando era na volta vinha uma empregada me buscar, eu vinha com duas colegas que moravam já na Rua Senador Rollemberg e outra na Rua Itabaiana que eram primas. [...] Eu, gostava muito de estudar no Salvador! Gostava muito de estudar lá! Agora no início... veja bem! Existiam várias cadeiras juntas e até hoje eu me lembro do primeiro dia de aula, quando me dão um caderno de caligrafia para eu fazer um A. Mesas imensas e todo mundo juntinho com as colegas tagarelando, a conversar, toda vida adorei!. Saí do infantil com as quatro operações feitas, somar, diminuir, multiplicar, dividir tabuada toda na cabeça, só não lembro se aprendi aí, ou foi depois a prova dos nove e a prova real e com as quatro operações na cabeça sabendo conta de dividir, de tabuada decorada, porque hoje não! Não é para decorar não, não é para decorar nada, entendeu? [...] Quando foi no final do ano, o recebimento das notas foi no antigo Cinema Vitória que ficava na Rua Itabaianinha, aí eu me lembro que estava na frente, meus pais, minha mãe, primos, todos atrás e nada de sair meu nome, eu já estava agoniada olhando para trás quando eu fui chamada para receber a nota e tinha tirado 100 (cem era a nota máxima do resultado), era 100, 90, 80... então eu tinha tirado o primeiro lugar. Mas eu estudava sim! Nunca tive banca, eu adorava estudar! (DINIZ, D. 2015).

Como podemos perceber nesse trecho, Diana Diniz ressaltou que por ser filha única, teve como consequência a superproteção, acrescentando que esse comportamento dos seus pais trouxe-lhe de certa forma algumas implicações negativas em sua vida. Observou ter sido boa aluna e recorda com carinho especial da professora Amanda, uma das irmãs Galvão. Lembrou com detalhes como eram os espaços destinados ao ambiente escolar com mesas amplas, os alunos sentados próximos uns dos outros o que facilitava as suas “tagarelices e pequenas traquinagens”. Ela nos apresentou um álbum com fotografias 3 x 4 de todos os seus colegas de turma do primário no Salvador, o qual guarda de forma muito cuidadosa. Em um momento de nossas conversas, declarou que quando criança tinha certo temor diante da presença de Dona Mariá, esclarecendo que apesar das experiências da infância hoje se tratam com muito respeito e cordialidade.

Por sua vez, Margareth de Carvalho lembra que ingressou naquela instituição sem outra referência de escola. Complementou que antes do Colégio do Salvador teve uma breve passagem pelo Jardim da Infância, o qual reconhecia como um espaço apenas para brincadeiras. O sentimento de ingressar em uma escola pela primeira vez veio apenas com a matrícula no Colégio do Salvador, experiência que afirma ter sido carregada de grandes

expectativas, em razão da proximidade entre a sua casa e a escola. É possível que o movimento de crianças e seus pais em direção à escola tenha suscitado a curiosidade da menina:

Eu morava pertinho do Salvador, o Colégio ficava no segundo quarteirão perto da Praça Fausto Cardoso. Eu morava no primeiro quarteirão, na Rua da Frente, lá sempre foi conhecida como Rua da Frente, que era uma rua maravilhosa, que infelizmente decaiu muito. Era uma rua brilhante, muito boa. O nome Ivo do Prado é antigo, mas sempre foi conhecida como Rua da Frente. [...] Gostava de estudar no Colégio. Gostava! Eu não tinha experiência de outro estilo de Colégio, eu tinha vindo do Jardim de Infância de Dona Bebê, então a turma que estava no Jardim de Infância foi a mesma turma que chegou ao Colégio Salvador, hoje eu tenho colegas desde aquela época. (CARVALHO, M. 2015).

Maria Stael, como os demais colegas, relembra que a proximidade da residência para a escola eram fatores que facilitavam o deslocamento. A possibilidade de encontrar um colega durante o percurso também aumentava a sua satisfação:

Eu residia na própria Avenida Ivo do Prado, eu ia para o Colégio a pé, sozinha, naquela época não tinha problema nenhum, encontrava sempre algum colega, alguma coleguinha íamos juntas, voltávamos juntas. Tenho muito boas recordações até hoje grandes amizades feitas, inclusive lá. (CRUZ, M. 2015).

Pedro Antônio, também residiu próximo à instituição e, como os demais colegas, também informou que gostava de estudar no Colégio, porém, deixou claro que em alguns momentos ficava apreensivo por não saber o que poderia acontecer naquele dia: ser “repreendido”, sofrer as “pressões” em relação à compreensão dos conteúdos ministrados ou de ser “contido” por todas aquelas regras que eram determinadas pelo Colégio. Relembrou, como também foi relatado por Diana Diniz, que a vistoria realizada pelos professores e pelas Coordenadoras era bastante rigorosa. Segundo os entrevistados, quando os alunos chegavam eram verificados se os cabelos estavam bem penteados, as orelhas e unhas limpas, o fardamento bem engomado, os sapatos limpos e bem polidos, os cadernos forrados, entre outros. A observação dessas exigências resultava na soma de pontos:

Alguns trechos apenas nos separavam da escola. Íamos andando e, no caminho, alguns carros (naquela época eram poucos), passavam por nós, de pais de alunos, levando seus filhos. Fazíamos esse percurso sem esforço, embora a pasta, que levava cadernos e lanche (na época era usual chamar merenda), não fosse leve. Às vezes pasta nas costas, às vezes num ombro só. [...] Quanto ao fato de que, se eu gostava de estudar no Salvador? Sim! Eu gostava muito, embora, às vezes ficasse apreensivo na hora de ir para a

escola. O Colégio era exigente quanto ao cumprimento das obrigações. Eu sentia bastante essa pressão. Fazia questão de estar em dia com tudo. E, na época, o “tudo” incluía o fardamento, as unhas, o cabelo, o asseio, o material escolar, etc. Eu gostava bastante de toda essa organização. De alguma forma, eu me sentia cuidado e confortável de estar com tudo organizado. (ANTÔNIO, P. 2015).

Renato Darcy e todos os demais ex-alunos entrevistados moravam nas proximidades do Colégio, entre a região Central da Cidade e o Bairro São José, cuja localização privilegiada, foi durante muito tempo residência das famílias mais abastadas de Aracaju. Lembrou-se, de forma bem humorada, que as pessoas riam do fardamento que tanto o orgulhava:

Sim, eu morava próximo ao Colégio em uma casa situada na Rua Itabaiana defronte ao Quartel da Polícia Militar, esquina de Itabaiana com Boquim. Eu me orgulhava de ser porta-bandeira na parada de Sete de Setembro. Lembro que a farda de gala era azul e camisa branca com suspensórios pretos e incluía meias $\frac{3}{4}$ pretas e que pessoas da cidade faziam troça com esse aspecto (risos). No dia a dia a farda era cáqui. (ALMEIDA, R. 2015).

O Colégio do Salvador foi um dos pioneiros em Aracaju a oferecer internato misto, pouco comum na época, como foi observado por um dos nossos interlocutores, pois eram habituais as escolas que apresentassem essa modalidade de confinamento, principalmente as confessionais, oferecessem internato masculino ou feminino, separados. Esse registro é encontrado em alguns documentos no Colégio.

Esse sistema de internato era oferecido para alunos oriundos das cidades do interior de Sergipe e, claramente, os pais mais abastados utilizavam esse tipo de serviço, como ressaltou Pimentel:

O internato é entendido como um modelo escolar, com práticas educativas próprias, caracterizado pelo isolamento do mundo (controle das saídas, do tempo de férias, entrada de jornais, correspondência, controle de livros e revistas e da intervenção de pessoas estranhas), pela formação integral através da utilização de uma determinada organização e controle do tempo e do espaço. (PIMENTEL. 2014, p. 91).

Os relatos sobre o internato, como os demais, foram igualmente significativos, lamentamos, porém, o fato que dois dos ex-internos não nos concederem as entrevistas, pois um deles faleceu antes do nosso encontro e o outro foi internado para tratamento de saúde.

A respeito do internato, alguns dos ex-alunos falam sobre esse período destacando tanto o seu caráter inovador para a cidade quanto as razões para que algumas famílias

optassem por esse regime de formação educacional, seja pela distância das suas residências em relação à escola ou pela resistência dos filhos em se dedicar aos estudos:

Sempre turma mista, tinha internato para meninos e meninas eu tive uma colega mesmo Eliane Vanderley que era filha de um Agrônomo muito conhecido aqui Dr. Vanderley que ela foi interna do Colégio Salvador. O residente do internado, por exemplo: esse rapaz que eu falo Olimpio Seixas, ele era de Propriá o nome dele é Olimpio Seixas. Isso eu me lembro: assim da senhora que tomava conta, porque o internato era na parte do Colégio, naquela época não tinha perigo nenhum não é? E eu nunca entrei em dormitório, sabe? Lembro-me dessa senhora, Dona Blandina que tomava conta dos internos. Então, dos internos eu me lembro de Eliane Vanderlei, porque os pais dela moravam no Quissamã, porque o Dr. Vanderley foi muito tempo Chefe do Quissamã, e era um setor onde os Agrônomos trabalhavam. Eliane Vanderley e Olimpio Seixas, são os colegas que lembro. (DINIZ, D. 2015).

Tinha internato quando eu era do primário. Acho que o internato era masculino! No ginásio eu não lembro se ainda tinha internato. [...] Eu lembro de colegas do primário que eram residentes do internato! Era do pessoal da família de Seu Dorinha, de Simão Dias, era um fazendeiro é?... Almeida. E eles não queriam estudar de jeito nenhum, teve um dia que um deles fugiu, voltou para Simão Dias ou Lagarto a pé (risos). A gente ficou muito impressionada, porque ele conseguiu se evadir do Colégio. (CARVALHO, M. 2015).

Os dois. Internato masculino e externato misto, considerado um avanço para a época na cidade de Aracaju. Colegas internos ou externos eram Giselda Fonseca, que seguiu carreira religiosa na irmandade do Colégio Sion (acho que ordem de Santa Maria de Sion), no Rio de Janeiro. Milu Fonseca, filha de dona Clarisse Fonseca, que veio a se casar com Carlos Augusto Moraes, lembro desses! Fui aluno externo todo o período, com exceção de seis meses quando meus pais se transferiram para Juazeiro, na Bahia. (ALMEIDA, R. 2015).

As escolas que possuíam o sistema de internato, comumente disponibilizavam o espaço para o refeitório, ambiente, onde muitas vezes, eram espaços para brincadeiras, troca de informações, insultos infantis e até mesmo pequenas transgressões.

As cantinas também congregavam esses frequentadores, locais onde os comportamentos assemelhavam-se aos dos refeitórios. Não conseguimos informações mais precisas sobre o funcionamento desses espaços, haja vista que eram mais frequentadas por ex-internos e as informações prestadas pelos ex-alunos e ex-professores não foram muito precisas e em alguns momentos o esquecimento retratava o distanciamento que mantinham daqueles recintos.

Sobre esses lapsos de memória, Bosi traz as seguintes indicações:

A memória oral também tem seus desvios, seus preconceitos, sua inautenticidade [...] Cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento. [...] Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas. Dos traços que deixou na sensibilidade popular daquela época. (2013, p. 18).

Postas essas indicações, retornemos às narrativas e às lembranças em relação aos espaços escolares e os seus usos. O professor Alexandre Diniz relata que não lembra de refeitório para professores, só para alunos: “eu nunca frequentei não, eu nunca fui não. Cantina para alunos? Para venda? Não sei”!

Refeitório? Cantina? Não, acho que havia. Não! A gente levava a merenda, sabe? E no intervalo a gente comia o lanche, porque na época, Nossa! Não tinha biscoito recheado nem nada, não! Não lembro bem o que eu levava, talvez banana. Naquela época o Colégio era uma casa normal que tinha o pátio do recreio que era no fim do Colégio, pra lá tinha uma mangueira grande do lado tinha uma lavanderia que a gente ficava conversando, sabe? Na época do retiro a gente aproveitava e levava um monte de merenda e tinha umas goiabeiras. Ao final, na hora do lanche, a gente ficava todo mundo lá nas goiabeiras lanchando, era silêncio total! Só nessa hora é que a gente conversava, baixinho. (DINIZ, D. 2015).

Refeitório? Tinha! Tinha! Para os funcionários eu não sei, sei que tinha refeitório porque tinham alunos internos, havia internato. [...] Lembro que tinha uma cantina enorme! Não utilizava porque naquela época a gente tinha o costume de levar o lanche de casa. Era uma cantina grande, tinha a irmã de Dona Bernadete e de Dona Mariá, Dona Nair, a gente não esquece isso porque tinha um cachorrinho chamado Tejo, que acompanhava ela, então ela andava lá, ia pra cantina, era responsável pela cantina. (CARVALHO, M. 2015).

Dona Maria Stael relatou que não lembra desse cotidiano porque nunca frequentou o refeitório, mas sabia que tinha na época alunos semi-internos que lá faziam refeições: “Havia cantina, mas eu só usava esporadicamente porque na época as mães enviavam os lanches, tudo era mais perto, tudo era mais fácil naquela época”.

Não! Não existia refeitório para os professores. O que tinha era a sala dos professores com uma mesa longa para reuniões. Lá eu sei que tinha um cafezinho (acho que uma garrafa térmica). Mas não era raro algum professor cruzar a porta que dava comunicação com a residência delas. Ali, logo adiante, tinha-se acesso à cozinha. Com muita satisfação a cozinheira servia um cafezinho, um bolo, biscoito, se alguém pedisse. Às vezes, alunos mais ousados entravam e conseguiam um pedaço de bolo. O acesso aos alunos não era permitido, mas, dependendo do momento, se algumas delas pegassem não se importavam. Até convidava para tomar um copo de suco. Eu tomei alguns, com bolo. Ainda conversávamos com as empregadas. [...] A cantina existia sim e era administrada pela Irmã Zilda, que ficava entre o convento e o colégio, apesar da distância. Lembro que vendiam cachorro

quente, era concorrido embora surgissem muitas reclamações da pouca quantidade de salsichas (risos). (ANTÔNIO, P. 2015).

As instalações físicas são importantes objetos de estudos para os pesquisadores que investigam questões relativas às práticas educativas e culturais em uma Instituição Escolar. Quando questionamos se as instalações físicas do Colégio do Salvador eram adequadas para essas práticas, nossos colaboradores em quase sua totalidade, também foram sucintos nas respostas. Ex-professores e ex-alunos foram unânimes em concordar que o espaço oferecido pelo colégio era apropriado. Inferimos que as respostas estão relacionadas às adequações para a época, pois não tinham outras referências de estabelecimentos mais modernos, ou melhores estruturados:

Eram muito boas, salas amplas, ventiladas, arejadas, claras, carteiras individuais para os alunos, era muito bom lá... ventiladores de teto, já eram muito boas as instalações. Cuidado, carinho, amor, tudo feito com muito amor. (DINIZ, J. 2015).

Lembro! Tinha uma mesa grande, naquele tempo não existia nas outras séries, não! Mas no curso infantil que era o meu, era assim: uma mesa os alunos sentados de um lado e do outro, cada uma fazia sua conta separada e não havia problema. E acho que havia mais companhia, estavam todos ali! Todo mundo fazia a tabuada, quando a professora ia tomar a sabatina, os alunos faziam volta em redor dela. (MELO, M. 2105).

Bom! Pra nossa época era muito adequada, porque as carteiras naquela época atendiam as nossas necessidades. Era uma casa na Rua da Frente (Av. Ivo do Prado), uma casa que tinham umas janelas altas, não sei se embaixo tinha porão, e a gente entrava e rezava, subíamos uma escada, aí eu não me lembro se tinha uma na frente e outra atrás e íamos para as nossas salas. As carteiras de madeira, no primeiro ano, bem organizadas, tudo muito limpo, e sentávamos de duas em duas de acordo até com o tamanho, como eu conversava muito, meu pai recebeu duas queixas da direção. De um modo geral era confortável para à época. Tinha uma mangueira muito bonita. Eu me lembro, que quando era na hora do recreio a gente ia para um pátio grande, aí é quando eu me lembro de Dona Blandina, cuidando do internato e nós íamos por cima e para o fundo, tinha um banheiro feminino e formávamos a fila para entrar no banheiro, agora dos meninos não me lembro onde era, não! Eu quando era maior, a gente se encostava na lavanderia para lanche e conversar, aí eu já me lembro mais velha, entendeu? Nos retiros tinham umas goiabeiras e o que a gente levava de comida! Porque a gente não podia nem conversar, mas nesse intervalinho era um troca, troca de lanche, o grupinho claro, cada um tem seu grupinho não é? A gente se sentava lá no fundo das goiabeiras para lanche. É a minha lembrança que eu tenho do prédio. Mas tudo muito limpo, elas moravam na casa vizinha e tinha como uma pontezinha, vamos dizer que elas saíam da casa delas para o Colégio, eu ia com meu pai de bonde para o Colégio Salvador. (DINIZ, D. 2015).

Os outros depoimentos foram mais breves. Margareth de Carvalho atesta que os espaços eram ótimos: “um colégio enorme, antigo, achava tudo bom”. Maria Stael disse que “eram adequadas, boas” e completa: “nunca sentimos nenhuma necessidade para à época, não tinha nenhum problema”. Pedro Antônio resumiu suas observações em poucas frases: “Sim! Eram boas. Gostava de tudo!” Nas palavras de Renato Darcy: “não havia problemas e eram condizentes com o padrão da época”.

Quando da nossa proposta de discussão deste tema, imaginávamos que a discussão sobre as práticas educativas e culturais tivessem um viés mais linear, que os atores seguissem as indicações contidas nos itens do nosso roteiro. Entretanto, entusiasmado com a discussão, desejavam falar tudo que viesse à memória e nós não tínhamos o direito de interrompê-los: queriam falar sobre os papéis desempenhados em festejos, os trajes nas comemorações de gala, a importância em carregar a bandeira nos desfiles cívicos, a relação que mantinham com os colegas, as peraltices, o orgulho em ser um dos primeiros da turma ou mesmo aqueles que apenas queriam ser aprovados ao final do ano letivo, porém, nada mais significativo do que a saudade de um período registrado na memória e o prazer em contar essas experiências.

A convivência entre os colegas, expressa não raramente nos discursos choques de opiniões sobre os sentidos dessas vivências, que podem ser assim esclarecidos por Bosi:

Grande mérito dos depoimentos é a revelação do desnível assustador de experiência vivida nos seres que compartilharam a mesma época; a do militante penetrado na consciência histórica e a dos que apenas buscaram sobreviver. Podemos colher enorme quantidade de informações factuais, mas o que importa é delas fazer emergir uma visão de mundo. (2013, p. 19).

A riqueza de detalhes dos vários depoimentos, que remontam as práticas educativas empregadas no Colégio do Salvador, nos impulsionou a dar credibilidade à história narrada e à memória coletiva daqueles atores, vivenciadas a partir de suas memórias individuais. Nesse sentido, Jean Duvignaud no prefácio do livro de “Memória Coletiva” de Maurice Halbwachs, tratando especificamente das discussões sobre memória, propõe uma análise comparativa entre a memória coletiva, memória histórica e memória individual trazendo as seguintes indicações:

É claro, a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade que a contingência aproxima por um instante. A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, é da combinação desses diversos elementos que pode emergir aquela forma que chamamos lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem. [...] Maurice Halbwachs realmente ajuda a situar a aventura pessoal da memória, a sucessão dos acontecimentos

individuais, que resulta de mudanças que ocorrem nas nossas relações com os grupos a que estamos misturados e nas relações que se estabelecem nesses grupos. [...] É neste ponto, em Halbwachs, situa-se uma notável distinção entre a “memória histórica”, de um lado, pressupondo a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada sobre o passado reinventado, e por outro lado a “memória coletiva”, que magicamente recompõe o passado. Entre essas duas direções da consciência coletiva e individual se desenvolvem as diversas formas de memória, que se alteram conforme as intenções por elas visadas. (2013, p. 13; 14; 15).

Podemos inferir que as memórias individuais relatadas neste trabalho, foram significativas no sentido de que ao se entrelaçarem deixaram marcas interessantes que em vários momentos recompuseram o passado do Colégio com falas muito semelhantes construindo, de fato, o que poderíamos chamar de memória coletiva.

Seguindo o nosso roteiro e com a proposta de investigar as práticas no Colégio do Salvador, estimulamos nossos depoentes a falar sobre seus professores: aqueles considerados mais “simpáticos”, os vistos como mais “amados”, os mais “temidos”, suas técnicas de ensinar e como ocorriam as atividades dentro das salas de aula. Esse é o próximo tópico da nossa discussão.

3.3 – O CORPO DOCENTE E AS ATIVIDADES LETIVAS

Para que pudéssemos entender como ocorria a ação dos atores docentes em sala de aula, passamos a investigar os seus métodos de ensino. Pedimos aos ex-professores que falassem sobre as disciplinas que lecionaram, quais eram as séries ou turmas, qual a orientação pedagógica adotada no Colégio, bem como sobre a relação entre os docentes e a direção.

As práticas pedagógicas adotadas no Colégio do Salvador eram semelhantes às aquelas adotadas nos colégios confessionais, como dissemos em outra ocasião. As professoras que sucederam a professora Zilda, aprendiam as técnicas de ensino com as mais experientes e, sob essa mesma supervisão, mais tarde utilizavam em sala de aula. Acerca desses tipos de práticas pedagógicas e avaliativas e assemelhadas, Cruz e França nos oferecem os seguintes esclarecimentos acerca das vivências no Colégio Sagrado Coração de Jesus:

O trabalho pedagógico desenvolvido nesse Colégio Sagrado Coração de Jesus, a exemplo dos demais colégios de ensino religioso, pautava-se nas práticas pedagógicas tradicionais, em que destacavam a exposição e a atitude receptiva do aluno ante a autoridade do professor. Tais ações consubstanciavam-se na repetição e recapitulação dos exercícios. As aulas eram expositivas, o professor era o Dono do saber, ocupava o lugar central.

O aluno não era estimulado a fazer perguntas. Ouvia tudo calado, ou seja, havia um grande distanciamento entre professor e aluno. (2011, p. 129).

O texto descrito acima condiz com os discursos dos nossos entrevistados, que em diversos momentos relatavam que o verdadeiro aprendizado ocorria dentro da sala de aula.

O Corpo docente do Colégio entre os anos 1935 a 1959 sofreu várias alterações, conforme esclarecemos anteriormente. Basicamente pelos estatutos do Colégio, apenas professoras da família Galvão poderiam lecionar e, somente após 1959, com a criação do Ginásio, é que professores não pertencentes à família puderam fazer parte dos seus quadros docentes. Quando da reestruturação do Colégio na década de 1940, empreendida pelas irmãs Maria Angélica (Dona Mariá) e Bernadete, somaram-se a elas as professoras Mariazinha, Sônia, Maria Auxiliadora (Flori) e Dona Amanda (todas retratadas na figura 18, na página 63).

As tarefas de ensinar as primeiras séries oferecidas pelo Colégio eram divididas da seguinte forma: Sônia e Maria Auxiliadora (conhecida como Flori) lecionavam no Pré-Primário; Dona Mariazinha no 1º Ano; Dona Bernadete no 2º Ano; Dona Amanda no 3º Ano e Dona Mariá no 4º Ano.

A partir de 1959, com a oferta do Ginásio, foram contratados professores fora do núcleo familiar dos Galvão para lecionar por disciplinas de acordo com o quadro 4:

Quadro 4 – Docentes contratados para lecionar no ginásio a partir de 1959

Professor	Disciplina que lecionou
João Costa	Português
Carmélia Alves de Oliveira	Latim e Francês
Roberto de Paulo Lima	Inglês
Olga Andrade Barreto	Matemática
José Rollemberg Leite	Ciências Físicas e Naturais
Hildete Caldas (substituta)	Ciências Físicas e Naturais
Josefina Leite Campos	Geografia e História
José Alexandre Felizola Diniz (substituto)	Geografia
Diana Maria de Faro Leal Diniz (substituta)	História
José Andrade Moraes	Desenho
Rosa Maria Lima de Nascimento	Trabalhos Manuais e Economia Doméstica
Alfeu Menezes	Canto Orfeônico
Edilberto Reis Cunha	Educação Física

Fonte: Processo de Funcionamento Condicional do Ginásio do Salvador, pesquisado nos arquivos do Colégio.

Na figura 21, aparecem no plano principal da esquerda para a direita a Professora Bernadete Galvão, Hildete Chagas, Olga Barreto, João Barreto, João Costa e Gilberto, componentes do quadro docente do Curso Ginásial, após 1959. Ao fundo alunos do Ginásio.

Não conseguimos apurar qual série e ano da fotografia, sabemos apenas que é do final década de 1950.

Figura 21 – Corpo docente do ginásio no Colégio do Salvador a partir do ano de 1959



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador - foto de autoria desconhecida - Digitalizada pelo autor em 2015.

Ex-membro do quadro docente, o professor Alexandre Diniz recordou o período em que lecionou no Colégio destacando a satisfação de ter feito parte daquela conjuntura. Em seu depoimento esclareceu como teve que vencer a resistência do Diretor da Faculdade de Filosofia, o Padre Luciano, que depositava pouca confiança em jovens estudantes à frente de salas de aulas. Rompendo aquela barreira, destacou a importância da sua experiência como docente na instituição na qual havia sido aluno:

Adorava ensinar no Colégio! Era muito bom! Eu estava começando a carreira, quer dizer... é... Padre Luciano (Luciano Cabral Duarte, atual Bispo Emérito de Aracaju) que era diretor da Faculdade de Filosofia não queria que a gente ensinasse. Ele brigava com a gente! Fazia uma confusão! Ele não admitia que a gente como aluno ensinasse, mas no meu caso Josefina tinha indicado, aí ele não criou confusão, então, quando eu fui para o Salvador, eu já conhecia a rotina do Colégio, porque eu já tinha feito o primário lá, tinha contato com elas, tinha mantido contato com elas! Então pra mim foi ótimo porque me deu muita experiência. O Colégio era de um nível muito bom, você dava aula tranquilamente, você indicava livros, você comprava livros para a biblioteca. Eu cheguei a montar, inclusive, uma sala de Geografia dentro do colégio, com equipamentos que elas compraram. Era excelente! As turmas eram muito boas, era excelente! [...] Só lecionei geografia! Já era Ginásio do Salvador, já não era mais educandário,

educandário era quando fiz o primário! Era Educandário do Salvador, mas quando eu dei aula já era o Ginásio... quando elas passaram a oferecer o ginásio aí mudaram o nome para Ginásio do Salvador. Um corpo docente muito bom, de muito bom nível, eu ensinava Geografia, Diana ensinava História, Hildete Caldas ensinava Biologia, João Costa ensinava Português, Olga Barreto ensinava Matemática, você veja! Eram pessoas de um nível muito bom, muito bom! Lecionei para as 1ª, 2ª e 3ª séries era uma turma de cada, o Salvador nunca duplica, pelo menos até o tempo que eu conhecia o Salvador nunca duplicava a turma, era uma turma do 1º ano, uma turma do 2º ano e uma turma do 3º. (DINIZ, J. 2015).

Eu sendo sobrinha de Dona Mariá e Dona Bernadete, e minha mãe ensinava lá também, elas eram mesmo que mãe, então me perguntaram se eu queria ensinar lá, eu disse que queria e pronto! [...] Gostava! Toda vida eu gostei de lecionar! Quando eu fui morar na Rua Dom Quirino, Aracaju ainda não tinha Chesf (Companhia Hidroelétrica do São Francisco) não é? Tudo era muito primário, a luz só chegava às nove horas da noite, dez... então o que eu fazia; quando chegava em casa ia dormir, e depois quando a luz chegava mamãe me acordava, eu ia estudar, estudava até as duas, três da manhã, quando chegava às cinco e meia, seis horas no máximo eu acordava porque às sete e meia tinha que estar no Colégio. [...] Iniciei minhas atividades no primário em 1947 e lá fiquei até o início de 1961. [...] Eu gosto muito de trabalhar com criança! Minhas tias queriam que eu ensinasse no Ginásio, mas eu não gosto de trabalhar com adolescente, gosto muito de trabalhar com criança! Eu era professora polivalente e quando faltava algum professor eu ia substituir, mas sempre preferi ensinar matemática, matemática é minha matéria preferida. Uma vez eu fui substituir Olguinha (Professora Olga), ela ensinava matemática, aí os meninos ficaram entusiasmados, os pais também e queriam porque queriam que eu continuasse, mas eu disse não! Adolescente não é comigo (risos), eu nunca gostei de aparecer assim, eu gostava, mais das crianças porque é mais tranquilo. Eu ensinei até 1995, eu ensinava no pré primário, eu uma parte e Sônia, minha irmã, em outra e, quando eu me casei passei seis meses em Itapetinga, quando eu voltei mamãe estava trabalhando sozinha na terceira série então comecei a ajudar a mamãe. Cheguei num dia e comecei a trabalhar no outro. Já comecei na terceira série, e na terceira série eu fiquei até 1995. (MELO, M. 2105).

Um fato digno de nota nessa fala da professora Maria Auxiliadora, estava no critério, segundo a entrevistada, para ter sido escolhida para lecionar: o parentesco com as diretoras, uma condição definida na ata de fundação para indicar a composição do quadro docente da escola, ainda que a mesma não tivesse experiência, além da pouca. Como foi lembrado pela entrevistada, ser menor de idade não era motivo de impedimento na época para o exercício da profissão. O trabalho de crianças e adolescentes em diferentes áreas estava longe de ser algo raro.

Pedimos aos professores que falassem sobre a proposta ou orientação pedagógica adotada no Colégio, os entrevistados manifestaram surpresa, pois segundo eles, a escola não oferecia direcionamento algum nesse sentido. Segundo os entrevistados, não existia a figura

do coordenador pedagógico, sendo esta uma função desempenhada pelos próprios docentes sob a supervisão direta da direção:

Não tinha Coordenação! Não existia isso; cada professor era autônomo e fazia o que queria, desde a escolha do livro didático e toda orientação era de cada docente, não havia essas Coordenações. Todo professor tinha autonomia. Havia muitas reuniões de pais e mestres, eu acho que era uma vez por mês, não afirmo com muita certeza, mas havia reuniões em que os pais iam discutir com os professores questões do Colégio e Mariá e Bernadete ficavam lá e ouviam tudo! Às vezes Mariá se irritava nas discussões. Havia muita... digo, era um colégio pequeno e havia muito entrosamento, por exemplo: eu lembro dialogando com Dona Olga de Matemática, porque a gente tinha que mexer no programa de Matemática e Geografia porque eu não poderia ensinar Coordenada Geográfica: latitude e longitude se ela não tivesse dado ângulo, em matemática entendeu? Quer dizer, havia... o Salvador era colégio pequeno, que a Coordenação era de Mariá e Bernadete em contato com os professores, não haviam esses Coordenadores Pedagógicos, não! (DINIZ, J. 2015).

Não se seguia uma orientação pedagógica, era muito eclético, sabe? Nós ensinávamos o que era à base da vida. Mariá ensinava sempre português muito bem, eu ensinava matemática muito bem, então a gente ensinava isso e mais as outras matérias. Por exemplo: eu fiz um livreto de História e Geografia de Sergipe porque eu gostava de estudar essas matérias e também fiz um livro de matemática junto com meu irmão que é Engenheiro, que até hoje eu acho que é usado pelo Colégio, não sei! (MELO, M. 2105).

No que se refere aos diários de classes, o professor Alexandre lembra apenas que havia e que eram bastante utilizados, sobre esse assunto a professora Auxiliadora explorou melhor a questão:

Tinha! E era até fornecido pela Secretaria de Educação. Fazíamos a chamada, mas era difícil faltar lá no Colégio! Era difícil faltar, a não ser por doença, por motivo de viagem, todo mundo sabia que se faltasse um dia tinha que trazer no outro o dever do dia não o da véspera, ou então tinha que estudar em casa a matéria dada. Porque procurávamos ensinar àqueles que estavam faltando, mas não tinha cabimento deixar a turma toda atrasada por causa de um que tinha faltado sem motivo, de modo que pouquíssimos faltavam, a ausência era muito rara. (MELO, M. 2105).

Os alunos ao se manifestarem sobre o tema evidenciaram algumas lembranças de como eram utilizados os diários, porém, Pedro Antônio e Renato Darcy informam que as lembranças são muito vagas, preferindo não expressar. As lembranças de Margareth de Carvalho vêm muito associadas à cobrança rigorosa da escola quanto à assiduidade e ao desempenho alcançado pelo estudante nas tarefas e expressas nas notas: “sim, fazia presença, chamada!” Diana também fala sobre as lembranças que tem sobre a caderneta pautada por avaliações diárias:

As notas eram colocadas todos os dias! Agora essa caderneta a gente já recebia impressa, certo? E dia por dia, por exemplo: hoje data... História Geografia, Português, Redação, Comportamento... tal... todos os dias tinham notas. (DINIZ, D. 2015).

Nós tínhamos assim... uma agenda do que iríamos estudar em casa para o dia seguinte. A gente levava os deveres já marcados, as lições para no dia seguinte retornar com tudo prontinho, tudo certo. (CRUZ, M. 2015).

A forma como as aulas eram ministradas, os livros utilizados ficaram melhor registrados nas memórias dos nossos depoentes. As aulas eram expositivas e as relações entre professor e alunos eram marcadas pelo “respeito e obediência”. Os alunos apenas recebiam as informações de forma respeitosa diante da autoridade do professor, não havendo a possibilidade de qualquer tipo discussão entre professor e aluno:

Basicamente eu utilizava aulas expositivas; algum estudo dirigido, com uso de equipamentos eu usava muito o projetor, é... blocos diagrama, maquete que eu fazia, usava muito projetor, depois eu montei uma sala de geografia com muitos mapas, mapas murais que elas compraram, uma preocupação muito grande com os equipamentos da escola, era muito difícil! Não era como hoje que tem tudo disponível, naquela época era tudo muito difícil. Eu lembro que para comprar diapositivo para projeção de slides eu fui consegui no IBGE²⁴. O IBGE vendia uma série de slides que eu usava tudo em preto e branco eu usava muito isso, mas era basicamente aula expositiva e estudo dirigido. Utilizava também mapas, slides, projeção, etc. [...] Sempre utilizavam livros didáticos, seguindo bem os livros didáticos, sempre adotávamos os autores, os livros que a gente queria, sem nenhuma interferência, nunca interferiram em nada! Não havia essa indústria mafiosa do livro didático de hoje, não! Era cada professor que escolhia o seu livro eu lembro que eu só usava o de geografia era Aroldo de Azevedo que era professor da USP, era um clássico, depois passei a usar muito Manoel Correia de Andrade que era professor de Pernambuco, quer dizer as editoras tinham a preocupação com os autores dos livros didáticos, eram pessoas de nome, de renome e competentes. Nilo Bernardes havia lançado um livro de Geografia, não era qualquer um que fazia livro didático, hoje, eles contratam qualquer um para escrever o livro didático. (DINIZ, J. 2015).

Nas minhas aulas, eu utilizava o quadro comum, era quadro negro mesmo e giz. Os livros utilizados? Havia principalmente de Português, de Redação, Matemática. Matemática era o que eu tinha feito com meu irmão Professor de Matemática e Engenheiro, que era para terceira e quarta séries. (MELO, M. 2015).

Em uma conversa não gravada, um dos ex-alunos nos confidenciou que lembrava que as salas de aulas possuíam uma espécie de tablado, onde os professores ficavam numa posição sempre superior a dos alunos, cujo objetivo era impor mais respeito. Esse tipo de estrutura, segundo ele, foi utilizada até o final dos anos setenta. Em relação aos métodos de ensino,

²⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Diana fala da supremacia das preleções e da existência de material didático elaborado pela própria escola e que se destacava pela excelente qualidade. Zelo, compromisso e sério rigor das professoras, sentidos na cobrança inclusive em torno da “letra reta” nas lições, eram fatores que segundo ela faziam a diferença de uma formação vista como exemplar, na medida em que era o resultado de uma atuação docente vigilante, que estava atenta aos menores erros:

Aulas explicativas! Parece que no quarto ano tinha o livro geral, mas na realidade os livros eram os cadernos. Tinha o caderno de Matemática de Dona Mariá, que era um espetáculo com regra de tudo. [...] A letra tinha de ser ou reta ou inclinada para a direita. Esquerda não, Dona Mariá e todas elas corrigiam todo o dever da cópia, se a letra inclinasse para a esquerda, tudo era corrigido e observado com cuidado. O que me encantou no Salvador foi o cuidado e a dedicação que elas tiveram. Dona Mariá! Ela saía da aula com uma pilha de cadernos pra corrigir com caneta vermelha, entendeu? Eu me lembro de um caderno grosso no terceiro ano e vários cadernos, como por exemplo, de Matemática. Esse caderno grosso era de capa dura, escrito Colégio Salvador e podia ter, suponhamos quatro matérias! Devia ser encomendado pelo Colégio. Eu não me lembro desse negócio de pagamento, de comprar material, essas coisas eu não me lembro não. O caderno era para a gente copiar as disciplinas. Outra coisa que eu lembro que raspar (ato de apagar com borracha), era pecado mortal no Salvador, borracha? Não senhor! Era caneta tinteiro se errasse você tracejava e colocava entre parênteses e no caso de uma cópia você fazia outra. Além de portar caderno, caneta, escrevíamos no quadro! (DINIZ, D. 2015).

Dona Margareth de Carvalho, por conseguinte, lembrou que as aulas eram ministradas com “entusiasmo e rigor”, enfatizando que: “tinham também aqueles trabalhos que a gente interagia, fazia uns trabalhos em grupo, cada grupo apresentava o seu, era muito interessante, eu curtia muito”!

Usavam sempre quadro negro, os mapas nas aulas de geografia! Tudo com a mais absoluta clareza para ministrar as aulas. Na minha época existia uma apostila feita por elas próprias, pelas diretoras do Colégio, essa apostila era de Português, Geografia, Matemática, História, a gente seguia aquela apostila feita, aquele programa anual, isso no primário, eu só fiz primário lá! Com a apostila a gente acompanhava as aulas e os deveres que eram enviados por elas. Produziam pra gente fazer em casa os deveres eram feitos por elas. A gente anotava os exercícios daquele dia que a gente faria em casa e retornava no dia seguinte para que elas corrigissem. A gente aprendia a ler rápido com sete anos, todo mundo já sabia ler e escrever e a tabuada também! Hoje em dia não se ensina mais tabuada não é? A tabuada era ali certinha, duvido que um aluno do Colégio Salvador não soubesse multiplicar, dividir, somar, diminuir duvido! É a base que nós tínhamos do primário a gente leva para o resto da vida porque o primário fica na cabeça, na lembrança da criança. Então Geografia, História são matérias que você tem que decorar se você não decora você não grava, então duvido também que um aluno do Colégio Salvador que fez o primário lá não saiba localizar no mundo todo um rio, uma montanha, um lago, uma serra qualquer coisa, duvido que um aluno do Colégio Salvador que fez o primário lá não saiba a História do Brasil toda, com todos os detalhes, porque a história é história, você não tem que compreender, você tem que decorar pra você saber, se

você não decora você não sabe não é? A história... então são matérias que realmente você tem que saber, pra você saber até falar sobre seu País, sobre seu Estado não é? Você tem que saber. (CRUZ, M. 2015).

Recordando-se sobre o cotidiano das aulas Pedro Antonio informou que quase não usavam recursos técnicos: “Algumas vezes, a depender da matéria, o conteúdo era trabalhado num teatro encenado criado pelos alunos. Nós gostávamos muito. Sempre usavam o quadro. Às vezes mapas. Sim! Havia livro didático sim! E era muito utilizado”. Sobre a didática utilizada, Renato Almeida destaca:

Os professores escreviam no quadro, explicavam a matéria, passavam exercícios. Marcavam páginas do livro pra os alunos ler. Sim! Caderno pra acompanhar a aula com anotações. Os livros eram muito utilizados, lembro-me do livro Crestomatia e de um texto chamado “Os últimos Touros em Salvaterra”, passado em Portugal, em que o filho do Rei morre em uma tourada; consultava-se o dicionário. Religião? Seguia-se pelo livro Nosso Mestre. (ALMEIDA, R. 2015).

Na fala dos depoentes, percebe-se riqueza de detalhes de como era o cotidiano na sala de aula e como eram regidas. Os registros são bastante esclarecedores, os ex-professores relataram que utilizavam as técnicas que tinham acesso na época como: *slides*, fornecido pelo IBGE e até mesmo a produção de seu próprio material didático, como foi relatado por Maria Auxiliadora que produziu o seu livro de Matemática. Os ex-alunos lembraram-se de “cor” as lições apreendidas como a correta aplicação das regras gramaticais, as lições de matemática, a utilização do quadro negro, os livros que ficaram marcados em suas memórias e até mesmo a postura dos professores e o rigor na correção das lições de casa.

Neste sentido, buscamos também saber qual o nível de aproveitamento dos conteúdos passados nas matérias de ensino e como eram feitas as avaliações; como era tratada a questão do comportamento e da disciplina e ainda; como eram estabelecidos os horários de entrada e saída das aulas. Ex-Professores e ex-alunos concordaram em vários pontos, porém, apresentaram, em alguns casos, respostas diferentes especialmente no que se refere aos horários instituídos e as marcas relacionadas às questões da civilidade e do respeito às regras estabelecidas.

Acho que o horário de entrada era uma hora, porque o Ginásio era à tarde, eu acho que era uma hora, eu tenho impressão que era às treze horas! [...] A questão do aprendizado, na realidade é aquele negócio, a gente sabe que na realidade a escola não acrescenta muita coisa, você entra num nível e sai no mesmo nível, ou seja, eles já entravam muito bons e saíam muito bons. Você conseguia fazer alguma coisa com eles porque o nível deles já era bom. Eu fazia muito seminário, agora estou lembrando, eu fazia os alunos discutirem

o assunto em grupos, assim cada grupo discutindo um assunto, eu fazia muito isso. (DINIZ, J. 2015).

Eu ensinava pela manhã que era no horário geral e de tarde dava-se banca. De manhã o horário de entrada era quinze para as oito, nós tínhamos que chegar lá, as professoras até sete e meia e os alunos quinze para as oito e íamos até as onze e quarenta e cinco. Pela tarde começava às duas horas e ia até onde terminasse, dependia do aluno, porque pela tarde era a recuperação e a parte de banca, daqueles que faziam a banca. [...] Os alunos aproveitavam bem os conteúdos! Depois eles tinham aula de religião, educação física, aula de civilidade e muitas aulas independente do currículo. (MELO, M. 2105).

Os pontos de concordância entre ex-professores e ex-alunos, além dos horários estabelecidos para entrada e saída das salas de aulas estão, principalmente, na formação recebida no Colégio e que segundo eles repercutiu e repercute ainda hoje de forma positiva na vida adulta desses egressos:

A entrada no Colégio era às quinze para as oito e no horário da tarde era destinado à banca daqueles que tinham mais dificuldade com as lições. O acompanhamento dos conteúdos era excelente. Tinha prova no final do mês! Além das avaliações diárias, tinham provas. Eu não sei quantas provas eram por ano, agora a classificação 1º, 2º, 3º e 4º lugares, elas eram extraídas das notas do mês. (DINIZ, D. 2015).

A entrada eram quinze para às oito e a saída, acho que era meio dia! Tinha um rigor com essa entrada! Horário, pontualidade se chegasse depois voltava pra casa, eu acho que foi isso que marcou muito meu temperamento, embora engraçada, mas eu sou uma pessoa extremamente rigorosa com pontualidade. Morei e trabalhei entre Rio e São Paulo por muito tempo. Eu sempre tive muito respeito, pontualidade, retorno. [...] Os conteúdos eram bem aproveitados! [...] Acho que tínhamos prova escrita, nesse tempo prova oral, acho que não! Provas escritas... acho que trabalhos... eu não lembro!... (CARVALHO, M. 2015).

Na minha época era sete e quinze, se entrava no Colégio e saíamos às quinze para o meio dia, na minha época como estudante. O aproveitamento dos conteúdos eram muito bons! Muito bons! Conheço vários alunos, várias pessoas de grande personalidade hoje em todo o Brasil, até que quando eles se referem ao currículo deles, dizem que a base que eles tiveram no Colégio Salvador, eles levam para a vida toda, vários expoentes, não só aqui de Sergipe, mas que hoje já andou no mundo todo. [...] As avaliações eram com notas diárias e no final eram de dois em dois meses, tinha uma prova e essa prova juntava no final do ano que seriam quatro provas pra tirar a média e você era avisado. E eu ainda peguei na minha época a prova oral também, tinha aprova escrita e a prova oral final. (CRUZ, M. 2015).

Entrava-se as sete e trinta e saía às onze e trinta horas, no período matutino. No vespertino das treze as dezessete ou dezoito, acho! [...] Sim! Os alunos aproveitavam bem os conteúdos e poucos alunos reprovavam. Acho que o perfil dos alunos daquele tempo era bem diferente do que tenho visto hoje. Eram mais responsáveis e conscientes. Não dependiam tanto de aulas de

reforços, o que, em minha opinião, limita. Eram alunos, nesse aspecto, mais autônomos. [...] As avaliações eram da seguinte forma: provas e recuperações para os menores. Feiras e gincanas, mini-testes e trabalhos, para os maiores. Não me lembro de outros tipos de atividades. Às vezes ganhávamos pontos extras em casos como: fazer cordão de isolamento para ajudar na organização da primeira comunhão, mas nesse caso, para os alunos mais velhos. (ANTÔNIO, P. 2015).

Renato Darcy informa que não se lembra dos horários de entrada e saída das aulas. No que se refere ao aprendizado, acredita que dependia de cada um e sobre as avaliações lembra que havia teste, mas era principalmente arguição.

As relações interpessoais são questões importantes e merecem ser analisadas quanto ao andamento das atividades em qualquer campo de estudos das sociedades modernas. Nesse sentido consultamos os nossos depoentes como eram as relações entre os professores; entre professores e a direção do Colégio; e entre professores e alunos e vice-versa. Mais uma vez prevaleceram as respostas que denotavam que o respeito à autoridade das dirigentes e a do professor, sempre prevaleceria a relação de domínio e cabia ao aluno acatar qualquer tipo de decisão ou determinação:

A relação entre os professores eram muito boas! Era uma relação muito amiga, muito boa, muito contato, muita troca de ideia, de acompanhamento do aluno. A gente sabia como todos os alunos estavam nas diversas disciplinas. Na realidade todos os alunos eram muito bons, quer dizer, o pior aluno seria hoje um excelente aluno. Era um nível muito alto, porque na realidade era alunos que já tinham vindo do primário lá e era muito difícil elas aceitarem um aluno de fora, porque eu lembro bem, como elas tinham no primário, tinham mais alunos. As salas do primário sempre foram mais cheias, elas faziam uma seleção para colocar no Ginásio. Não transferiam todos do primário para o ginásio, porque no ginásio eram no máximo 30 alunos por sala, nunca houve mais do que isso, no meu tempo era no máximo 30 alunos, era a nata que ia para o ginásio! [...] A relação com a direção muito boa! Muito amiga! Existe um estigma do Colégio do Salvador. As pessoas diziam que o Colégio Salvador era um monstro, não tem nada disso! Era um Colégio sério, bastante disciplina, entendeu? De responsabilidade, muito responsável, mas não havia esse terror, essa... nem por parte de Mariá e Bernadete, não! Imaginava-se que batiam nas crianças... batiam? Muita conversa fiada! Apenas ressalvo, por exemplo: no meu tempo de primário tinha um menino que apanhava muito! Mariá dava sopapos, mas era sobrinho dela. Eu nunca a vi castigar nenhum aluno que não tivesse sido o sobrinho dela, que era impossível, o garoto! Aí ela pegava de um lado e dona Amanda, que era a mãe dele (risos), só ele mesmo! (DINIZ, J. 2015).

Com os professores a relação era muito boa graças a Deus! A gente procurava ajudar um ao outro, tanto uns professores me procuravam quando precisavam de ajuda e quando eu precisasse de ajuda deles eu sempre as procurava, sempre foi muito boa! [...] Com relação à Direção era de obediência, porque eu era sobrinha e sempre tive que cumprir minhas responsabilidades. Graças a Deus nunca houve problemas. Quando eu deixei

de ensinar é porque eu já tinha me aposentado e minhas pernas já estavam começando a ter problemas, não aguentando subir escadas. Essas coisas que impõe dificuldade aí eu decidi sair da sala de aula. (MELO, M. 2105).

Os ex-alunos relataram que eram boas relações com as docentes, apesar do distanciamento que era mantido entre ambos. Alguns relataram que era algo natural para os professores da época, pois havia a necessidade de manter uma postura de austeridade para manutenção do respeito no ambiente escolar, indicando que ser “estudioso” e “respeitoso” era condição das mais importantes para evitar problemas com os professores, a exemplo de ter má fama ou ter a obrigação de voltar à tarde para as lições de reforço. Esforçar-se desde cedo em torno do enquadramento às regras era uma estratégia comum para quem não quisesse sofrer indesejadas consequências como a de ter que “voltar à tarde”. As falas deixam claro que os alunos se dividiam, vivendo o confronto entre a rigidez da escola e o desejo de liberdade. Na vida adulta, essas experiências passam a ser compreendidas como fundamentais para uma trajetória pessoal pautada pelo equilíbrio e por importantes conquistas. A passagem pelo Colégio é apontada como transformadora, na medida em que sem ela possivelmente muito do seu potencial teria se perdido sem a necessária solidez da formação por ele oferecida:

Minha relação com os professores? Ah! Tudo bem! Nunca tive problema nenhum, sempre fui estudiosa! No quarto ano, tinha dias que Dona Mariá perguntava: quem não vai voltar hoje? Porque se você fizesse desde o início o primeiro ano, não sei se no curso infantil tinha isso! A lição ou o dever feito em casa quem não atingisse nota X, que eu não me lembro de qual era, você tinha que voltar para à tarde para fazer o dever certo e os que tinham banca, para fazer a banca... Então era na realidade uma bola de neve não é? Que ia acumulando, mas realmente eu não me lembro de ter voltado de tarde. Mas o comportamento dos alunos perante os professores era sempre exemplar! [...] A minha primeira professora foi Dona Amanda que era irmã de Dona Mariá. E Dona Amanda já era uma senhora com filhos e tudo, a gente estudava numas mesas imensas sabe? No curso infantil que é o que eu lhe falei com Dona Amanda, era aquela mesa enorme que sentávamos juntas e aquela parte que eu lhe disse. [...] Dona Mariazinha era a professora que mais me encantou, embora respeite todas elas... Dona Mariazinha seria a tia de hoje, não que eu não gostasse das outras, porque não tinha nenhuma tia, ninguém chamava Dona Bernadete, Dona Maria e Dona Mariazinha de tia, mas eu achava ela muito doce, eu tinha uma boa recordação dela tanto que ela foi professora de um dos meus filhos e ela colocava José Alexandre (filho) junto para poder ensinar. (DINIZ, D. 2015).

Boa! Muito boa minha relação com os professores! Eu gostava demais dos professores. No primário a gente é mais jovem, muito criança não é? A gente não tem essa relação que você tem já no ginásio. No Ginásio eu adorava um professor que a gente tinha. [...] Nossa! Esse professor ele me deu régua e compasso pra vida, ele se chamava João Costa, ele nos ensinava Português e Francês. João Costa, esse era maravilhoso! Tanto que depois, teve uma época em que eu morei fora do país, em Paris, e eu nunca passei sufoco para falar meu Francês, porque eu usava o Francês do Colégio Salvador, pra você

ver! O Português, a gente quer queira, quer não, aprendeu a falar melhor, porque naquela época eu lembro como hoje. A gente fazia a análise sintática! A gente fazia pelos Lusíadas, difícil! O Francês eu não esqueço, a gente tinha assim: dissertação de trinta linhas, então você tinha que ter conteúdo para fazer uma dissertação de não menos de trinta linhas, você era obrigado a ter conteúdo pra isso, de verbos, de adjetivos, de substantivos entendeu? Nós tínhamos aulas de latim, tudo era muito grandioso, no sentido de que a gente pudesse fazer o melhor no Colégio, nós fomos da primeira turma do ginásio. Meu pai tinha uma ilha: o Pomonga, que era do outro lado na Barra dos Coqueiros, então eu era assim... Eu subia em coqueiro; eu remava; eu pegava caranguejo no mangue, então eu tinha uma alma muito livre e, ao mesmo tempo, era uma coisa diferenciada de estudar no Salvador. A minha mãe era mais espelhada no Salvador, ela era muito exigente e até autoritária e o Colégio era muito rígido, você tinha que seguir as regras do jogo e eu era assim... Eu sentia que ao mesmo tempo em que adorava estar no Colégio... eu ficava em alguns castigos, de voltar aos sábados para copiar frases, muitas e muitas frases! Por quê? Porque é... por esse meu lado mais livre não é? Às vezes estava na sala de aula, se eu não gostasse da aula, porque eu não prestava atenção era penalizada com justa razão. Mas eu tive uma coisa muito forte que me ajudou a desenvolver minha personalidade, enfim, que é esse confronto entre essa liberdade externa e trabalhar essa disciplina interna: esse eixo, então eu acho que isso contribuiu muito, pra minha estrada futura de vida, porque depois que eu fui embora de Aracaju, eu fui trabalhar com cinema que é uma linha de trabalho muito mais livre, solta, mas não tivesse eu o eixo do Colégio do Salvador talvez não tivesse tido um bom... como se diz? Um bom andamento desse trilho, entende? (CARVALHO, M. 2015).

A minha relação com as professoras era ótima! Até hoje, guardo grande amizade com a que ainda está lá, porque guardo lembranças grandes de dona Mariá e de todas elas que já partiram! Muita lembrança boa, da minha época, quase todas já faleceram, mas tem algumas que não, porque Sônia que era minha professora do curso infantil que ainda está aí dona de um Colégio, Flori também está viva, graças a Deus! [...] Eu tinha muita afinidade com Dona Bernadete, muita afinidade! Embora com elas todas, mas não sei se a gente se relacionava mais e conversávamos muito, então tinha muita afinidade com ela, Dona Bernadete. [...] Olha! Era um comportamento normal, todo mundo obedecia às regras do Colégio, apesar de ser rígido, mas todo mundo... principalmente os pais acreditavam que se estavam colocando o filho ali é porque queria aquele tipo de disciplina, não é? Ninguém estava ali obrigado, estava por conta de que seu pai queria que realmente você fosse educada daquela maneira então... Agora, é como em todo lugar, você tem aluno que gosta e aluno que não gosta não é? Da minha turma, do meu conhecimento todas tem essa lembrança do Colégio. (CRUZ, M. 2015).

A relação com os professores era respeitosa. Com uns tínhamos mais aproximação. Com outros, nem tanto! No primário era possível criar laços com alguma professora. [...] Em cada fase tive um predileto. Quando era menor, gostava das mais ternas, claro! Muitas professoras absorviam o perfil de Dona Mariá e Dona Bernadete, eram mais duras. Outras eram mais firmes, mas conseguiam manter a amorosidade. A criança sente essa diferença. Nenhuma delas era permissiva. Algumas eram realmente cruéis, indelicadas. Talvez fossem professoras em formação ainda, que deturpavam o significado de disciplina e educação. Acredito que viessem de uma condição social menor e faziam visivelmente diferença entre os alunos mais

ricos, por isso, nós notávamos aquelas e aqueles que mantinham uma relação amorosa e justa com todos. [...] Mas, lembro da Irmã Zilda não era nada doce. Às vezes áspera. Foi professora de religião e todos tinham muito medo dela. Algum tempo depois adoeceu, teve um problema na cabeça. Acho que um coágulo que a deixou com a fala comprometida. Morreu no convento ao qual pertencia em São Paulo. (ANTÔNIO, P. 2015).

Os comentários emitidos pelos professores expressaram simpatia pelas professoras Mariá e Bernadete, ressaltaram que a obediência era uma condição para a boa convivência, como esclarecido por Maria Auxiliadora, sobrinha das proprietárias. Alexandre Diniz enfatizou que a qualidade de ensino oferecida pelo Colégio foi motivo de atração para os alunos, chegando a preencher as salas com os limites possíveis.

Os alunos recordaram com simpatia de professores que segundo eles mais lhes marcaram. Diana Diniz lembrou com carinho da professora Mariazinha, a qual comparou com a figura atual da “tia”, professora responsável por acompanhar as crianças no início da vida escolar. João Costa foi lembrado por Margareth de Carvalho pela qualidade do seu trabalho como professor. Em suas palavras, foi o professor quem lhe deu “régua e compasso” para nortear a sua vida. Dona Bernadete foi lembrada de forma afetuosa por Maria Stael, que ressaltou sua afinidade com aquela professora. Pedro Antônio não se deteve em comentar um docente especificamente. Não obstante, fez questão de salientar que o comportamento comum entre os docentes era reproduzir o modelo de atuação de Dona Mariá e Dona Bernadete. Em seu relato destacaram-se as lembranças segundo as quais não era nada afetuosa a relação da Irmã Zilda, fundadora do Colégio, com a maioria dos alunos. Definiu-a, inclusive, como alguém “nada doce” e “às vezes áspera”.

Renato Darcy apenas respondeu que a sua relação com as professoras era muito boa, gostava de todas e que estas eram muito educadas e gentis. Informou que os alunos tinham um tratamento respeitoso em relação aos seus mestres. Reforça Renato Darcy, que o aluno do Salvador não fazia bagunça nem dentro nem fora do Colégio.

Os depoimentos acima, como os demais, foram bastante esclarecedores e reforçaram a ideia de um colégio que adotava em seus métodos a pedagogia tradicional autoritária, a semelhança dos colégios confessionais dirigidos por padres e freiras.

4 - ENTRE VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS: REGRAS, FESTAS, BRINCADEIRAS E TRAQUINAGENS DOS ALUNOS DO SALVADOR

Para continuar provocando a memória dos atores que vivenciaram os primeiros anos de funcionamento do Colégio do Salvador, solicitamos aos ex-alunos que discorressem sobre as disciplinas, os professores com os quais mais se identificavam, se praticavam “peraltices”, como ocorria a convivência com os outros colegas e entre outros relatos que viessem as suas memórias.

Ressaltamos que as falas dos nossos interlocutores contribuíram sobremaneira para elucidação das práticas educativas na instituição. Alguns entrevistados foram mais sucintos em seus comentários, mas todas as discussões forneceram dados elucidativos e definitivos para o enriquecimento da pesquisa.

O nosso interesse estava em saber como era o dia a dia das salas de aula na perspectiva dos alunos. Perguntamos também aos ex-discentes como eram divididas as salas de aula, pedindo que eles falassem como percebiam as relações entre os alunos e a direção, a relação entre os próprios alunos e destes com os professores.

4.1 – O CORPO DISCENTE E ATIVIDADES RECREATIVAS

Preferimos iniciar este item pelo relato de Diana Diniz, que tratou de forma mais detalhada o cotidiano das aulas, desde os espaços internos, as atividades letivas, os colegas que também eram do internato, sobre a funcionária que cuidava dos internos, dentre outros assuntos. Mais uma vez, destacamos a riqueza de detalhes, a nitidez e mesmo o entrelaçamento nos relatos vivenciados pela ex-aluna e ex-professora, nas dependências Colégio. O seu relato é reforçado pelo de Maria Stael Cruz, que assinalou as diferenças entre o ensino de sua “época” e o atual, reforçando os aspectos positivos do primeiro, no qual a efetividade da aprendizagem compensava o rigor dos métodos:

Naquela época, no início a gente aprendia de tudo. No infantil tinha uma cartilha, certo? Quando foi no primeiro ano eu tive um doce de professora foi Dona Mariazinha. Ela era de uma doçura e todo mundo pensa, ou algumas pessoas pensam, que ela era irmã de Dona Bernadete e de Dona Mariá, na realidade ela era uma prima e eu me lembro, eu adorava Dona Mariazinha! [...] As notas eram diárias tinha caderneta, perto de terminar a aula cada um ia até ela botava a nota do dia e inclusive comportamento e não se fazia nada não! Não! Todo mundo calado, quietinho ouvindo e não tinha ar condicionado e imagine que a sala do primeiro ano era um quarto porque essas salas grandes, essas mesas grandes, eu tenho a impressão que era uma

varanda e tinha até internato no Colégio Salvador.[...] No segundo ano: Dona Bernadete, aí já era um pouco mais puxado eu me lembro... porque sempre elas iam repetindo sempre as mesmas coisas: História do Brasil, essas coisas todas não é? Então a gente aprendia muito por repetição. Quando foi no terceiro ano; o meu terceiro ano foi com Dona Amanda... depois ficava Dona Mariá com o quarto ano. Quando Dona Mariá passava na sala do segundo ano, a gente já tremia nas bases, pensando quando estaríamos com ela. Dona Mariá sempre parecia séria demais, a gente já tremia. Dona Bernadete não! Dona Bernadete era mais suave entendeu? [...] O Colégio do Salvador começava as quinze para às oito quem chegasse atrasado ficava sentado numa cadeira do lado assistindo as aulas e não tinha nota, só era permitido atraso dia de chuva. Então chega o quarto ano com Dona Mariá. Todos os dias tinha o dever de casa, muita gente voltava para a banca, eu nunca voltei, fazia em casa, sabe? O quadro, com várias paisagens, motivos essas coisas... então, você tinha de olhar aquilo e fazer a redação em casa, eu acho que era em casa... e eu me lembro que tinha dificuldade de fazer essa redação, mas com o tempo fui superando, redação era uma coisa normal, Português, História, Geografia... verbo! Verbo!... a gente aprendia tempos, modos, tudo, tudo, tudo, entendeu? E primeiro se escrevia no caderno com lápis grafite. O verbo todo decorado e tudo isso era corrigido por elas. Tinham também umas lições de “100” ou “zero”... Você imagine que naquela época a gente decorava todos os Estados do Brasil, capitais, cidades principais, rios, montes, afluentes, tudo que era possível do Brasil e do mundo, daquela época! Isso com mapa que estava lá longe. Tinha uma lição assim: “cem” ou “zero”, depois de ter estudado um certo tempo! Ai você levantava respondia sem interrupção, se parasse, sentava e “zero”. Eu sempre tive muita facilidade para decorar sabe? A gente adorava estudar a África... imagine como elas conseguiam pesquisar tudo isso? A gente tinha de saber tudo de cor do Brasil e do mundo também. (DINIZ, D. 2015).

As disciplinas na época eram diferentes de hoje não é? Porque o primário não é como hoje, mas eu gostava de todas porque era uma professora só que ensinava todas as matérias então à medida que a gente cursava aquele ano a gente ficava entusiasmada com a maneira como era a didática dada, então a gente aprendia tudo com muita facilidade, era rigoroso? Era! Era cobrado? Era, mas a gente saía de fato aprendendo. (CRUZ, M. 2015).

Respondendo ao questionamento sobre as disciplinas que mais se identificavam Dona Margareth de Carvalho testemunhou que no ginásio sempre gostou demais do “Francês e Português. Eu sei do que não gostava: Matemática! Matemática, eu não suportava, mas a professora era maravilhosa, até hoje encontro com ela, fico feliz quando encontro a Professora Olga Barreto!”

Pedro Antonio relatou que sempre gostou de Português, de preparar os verbos para conjugar, gostava de redação e acrescentou que “escrever era muito prazeroso, escrever bem melhor ainda!” Para Renato Darcy Almeida, as disciplinas que mais se identifica eram Matemática e Português, ambas lecionadas por Dona Mariá, que no seu ponto de vista era excelente.

As falas dos ex-docentes foram interessantes e significativas para elucidar as discussões sobre o cotidiano das salas de aulas. Detalharam como eram os procedimentos intra e extraclasse e, por conseguinte, como ocorriam as relações com os discentes e vice-versa:

Não tenho ideia de quantos alunos e alunas tinham por turma, não! Acredito que fosse meio a meio, não tenho ideia disso não! Existiam no máximo 30 alunos, naquela época se dizia que pedagogicamente era limite. [...] No que se refere à relação entre os dirigentes da escola e os alunos era muito respeitosa, mas também muito amiga. Mariá, fazia carnaval lá e todo mundo dançava, era muito respeitosa, mas também muito amiga, na minha avaliação, entendeu? Havia brincadeiras no Colégio. [...] Normal, todos eram... muito bem educados, um pouco mais descontraídos talvez de que como Mariá entendeu? Mas tudo bem, nunca tive nenhum problema com aluno, tive problemas com alunos no Atheneu, mas no Colégio Salvador, jamais! (DINIZ, J. 2015).

Nas salas de aula às vezes tinha mais meninos, às vezes mais meninas, não tinha uma diferença muito grande não! A quantidade? Olha! Em todas as salas havia pelo menos duas professoras, no terceiro ano, já no fim não é? Quando eu já estava deixando de ensinar eram quarenta no meu e quarenta na de Ely, com duas professoras em cada turma, quer dizer, sempre uma que dirigia e a outra que ajudava. [...] No que diz respeito à relação dos alunos com as diretoras o que lembro é que Bernadete sempre foi mais acessível e Mariá sempre foi mais rigorosa, agora eu admiro muito Mariá! Até hoje eu a admiro por causa de disciplina que ela sempre impôs. Se ela chegar a um ambiente e os alunos estiverem fazendo algum barulho eles param. Há muita disciplina sabe? E depois havia mais entrosamento entre os pais e os professores. Os pais gostavam dos professores e os professores gostavam dos pais. [...] Sempre foi de muita cordialidade, obediência... quando havia qualquer problema, porque problemas sempre há, mas sempre era resolvido ali mesmo. Se um menino chegasse atrasado ia para a secretaria para não atrapalhar a aula. Não era punição, era para o aluno se acostumar a ter disciplina e chegar no horário. Elas nunca permitiram que chegasse fora do horário. Se chegasse até quinze minutos se tolerava, mais de quinze minutos, não! (MELO, M. 2015).

Durante o período estudado as turmas de alunos do Salvador eram mistas, realidade pouco comum nas escolas privadas das primeiras décadas do século XX. Na escola havia em torno de trinta alunos em cada turma, relataram nossos entrevistados. A higiene pessoal também era algo muito importante, os alunos ao chegarem ao colégio eram passados em revista, aqueles que não estivessem rigorosamente limpos corriam o risco de retornar para casa e só voltariam quando atendessem as exigências estabelecidas:

Eu tenho a impressão que tinha mais meninos porque no início, no meu tempo as carteiras... era carteira de madeira onde duas sentavam juntas de acordo mais ou menos com a altura que eu me lembro que Alexandre e Wellington ficavam na última carteira. Olhe! Chegar atrasado ao Salvador

era pecado! Havia a fiscalização das orelhas e das unhas dos alunos do Colégio Salvador, de quem estava com os ouvidos limpos e as unhas cortadas, eu nunca liguei para isso. Era uma média de vinte, vinte cinco alunos, não sei dizer com certeza, não! Talvez vinte e cinco porque eram três filas porque, por exemplo: terceiro ano eu me lembro três filas dois em cada (dois alunos por carteira), a primeira de meninas, a segunda e terceira de meninos, no quarto ano duas, uma de meninas e outra de meninos que era uma sala pequena, na minha época. Aos sábados tinha uma aula, se não me engano, se chamava aula de civilidade, na sala frente do Colégio, todo o Colégio se reunia, e aí, Dona Mariá ensinava boas maneiras, também alguns declamavam e Alexandre que tinha a voz bonita cantava, entendeu? [...] Minha relação com os colegas eram muito boas! Muito boas! Assim... tínhamos claro... você não tinha amigos na turma toda, por exemplo entre as pessoas mais amigas de quem eu posso lhe falar, que eu tinha mais contato e tudo! Aninha Mascarenhas filha de um comerciante, Dulce Mascarenhas também filha de outro comerciante e elas eram parentes. Ligia Leite, filha de Dr. Olavo Leite que foi professor da Faculdade de Direito, tinha Maria Luiza Cruz são as que eu mais me lembro. Tinham as meninas... mais ou menos duas alas de meninas, lembro-me de Alexandre no final da turma sentado junto de Wellington Ribeiro que o pai era dono da Fábrica Confiança e todos os irmãos dele estudaram lá. (DINIZ, D. 2015).

Acho que meio a meio, a quantidade de meninos e meninas na sala era dividido! Não sei rapaz, não sei mesmo!... [...] O colégio ele sempre foi muito rígido e exigente, obviamente que a gente não tinha uma relação como hoje. Atualmente eles têm atitudes mais soltas mais..., mais leve, no meu tempo a relação era um respeito dobrado, triplicado junto com medo, aquelas coisas não é? Mas existia isso! [...] Eu gostava muito de estar com os colegas! Eu gostava demais do lúdico e sempre fui uma aluna... Eu nunca fui uma aluna boa, uma aluna como meus irmãos que foram exemplo. Eu não buscava o primeiro lugar, ter que ser do primeiro lugar, eu aprendia, queria passar de ano e não estava preocupada se passava com sete, com oito, com cinco e meio, meu negócio era estar ali, curtir no Colégio e passar de ano. [...] A minha relação com as diretoras era assim: nesse esquema, eu era muito danada, vivia muito de castigo na Secretaria com Dona Bernadete (risos), eu não me lembro de ter tido essa relação com Dona Mariá. Dona Mariá dava mais aula e Dona Bernadete era mais ligada a essa parte de Coordenação e eu frequentava demais da conta o espaço dela (risos). (CARVALHO, M. 2015).

A quantidade de alunos em cada turma sempre variava, entretanto, pelos relatos de ex-professores e ex-alunos não ultrapassava o número de trinta, que segundo o depoimento do professor Alexandre Diniz tornava-se pedagógica e didaticamente mais aceitável e tornava mais viável o contato e o controle dos alunos.

Mais ou menos a mesma coisa, a quantidade de meninos e meninas era a mesma coisa, porque era um Colégio misto. A quantidade de alunos por sala? No meu tempo? Não lembro, não! Não tenho lembrança, mas era bastante. Eu tenho fotos, tudo das turmas, se o senhor quiser eu posso disponibilizar.[...] Olhe! Depende muito do aluno, na minha turma toda, a relação era uma relação boa, mas você sabe que todo colégio e em todo lugar tem os alunos indisciplinados, então esses alunos indisciplinados tinham

problemas, mas como eu disse a você, não tive nenhum problema nem comigo com meus irmãos, nem com os meus filhos e netos. Então não sei dizer se algum teve, foi uma coisa particular que eu não tive conhecimento. [...] Ah! Tinha relações muito boas com os colegas, até hoje mantenho um relacionamento muito grande com todos eles. Já tem alguns falecidos, mas os que estão vivos até hoje mantenho e quando a gente encontra sempre temos muito boas recordações. [...] Relação com as diretoras? Tranquila! Tranquilíssima! Era de amizade mesmo, como mantenho até hoje, as diretoras da época eram Dona Mariá e Dona Bernadete, eram as duas diretoras, além disso, eram professoras e grandes professoras. Quem assistisse a uma aula com Dona Mariá não precisava nem estudar porque saía pronto da aula! (CRUZ, M. 2015).

Na minha classe as meninas eram maioria. Acho que uns trinta alunos mais ou menos. [...] A relação da direção com os alunos era distante! Muitas vezes a distância era devida a certo temor mesmo. Acho que uns conseguiam transitar com certa tranquilidade. Outros tinham medo realmente! [...] Com os colegas era normal! Relacionava-me melhor com uns, que com outros. Frequentava a casa e a fazenda de um colega nos feriados prolongados. Na escola tínhamos um grupo de amigos e a relação era muito boa! [...] Da minha parte havia certo respeito misturado com temor. Queria sempre andar na linha para não ser repreendido. No geral a minha relação com as diretoras era boa! (ANTÔNIO, P. 2015).

Acho que havia mais alunas. No máximo 15 alunos. [...] Não me lembro de conflitos, havia, porém, os menos comportados e os que reprovavam e eram dispensados, quando assim continuavam! [...] As diretoras? Tenho muito afeto por elas, inclusive quando venho à Aracaju sempre lhes visito, uma vez fui visitá-las acompanhado de Bento Benjamin, filho de Dr. Benjamin de Carvalho, que também estudou comigo! (ALMEIDA, R. 2015).

O depoimento de Renato Darcy Almeida a seguir foi bastante representativo para indicar como o entrevistado avaliou o perfil socioeconômico dos seus ex-colegas de escola. O ex-aluno fez questão de relacionar entre os que estudaram consigo pessoas que notoriamente se destacaram ou ainda possuem destaque na sociedade local e em outros estados. Para ele, é um sinal da recorrência de egressos do Colégio que se tornaram bem sucedidos em suas atividades, quer seja nas carreiras públicas ou na iniciativa privada:

A relação com meus colegas eram muito boas! Lembro-me de Sizenando Vieira, que entrou no Banco do Brasil e foi para o Rio Grande do Sul. Sílvia Antônio Leite Neto, que foi estudar no Rio de Janeiro e fez ensino médio em Ouro Preto, depois Agronomia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e depois voltou pra Aracaju, trabalhava no Instituto de Açúcar e do Alcool e era também fazendeiro em Riachuelo/Divina Pastora, era filho de Francisco Leite Neto, deputado à época; Os filhos do Senador Júlio Leite também estudavam nessa época: Fernando Prado Leite, Júlio César, Luíza e Auxiliadora Leite. Antônio Augusto Leite Franco também era colega de turma, filho de Francisco Leite Franco e de dona Maria Izabel Leite, filha do Dr. Augusto Leite. Sua irmã Lourdinha Franco também estudava nessa época. Marisa Fonseca, que se casou com o médico Dr. Dalmo Melo; Getúlio Sobral, proprietário da Fazenda São João, no Mosqueiro; José de

Faro Sobral, Luís Carlos e Roberto Rezende (irmãos), filhos de Walfrido Rezende e dona Izalda, que são grandes profissionais e vivem em Aracaju; Ivanise Barbosa, que se tornou Procuradora da República; Ivo Peixoto, que se tornou capitão do exército; Lembro de uma colega Marli, filha de Dr. Fraga Lima e neta do Desembargador Gervásio Prata. (ALMEIDA, R. 2015).

Alguns alunos lembraram com carinho dos mestres e das suas matérias, outros disseram que gostavam dos professores, mas nem tanto de suas disciplinas; também relacionaram professores e disciplinas que menos simpatizavam. Durante as falas percebíamos um misto de necessidade e receio em comentar sobre a rigidez ou a doçura de alguns professores; porém, não queriam deixar muito claras essas diferenças. Lembraram-se das imposições e dos métodos de como as disciplinas eram lecionadas. Observamos que havia bastante comedimento nesse trânsito interno de aproximação com professores e diretoras.

Neste contexto, existiu uma percepção geral, que desde a fundação, o colégio foi o preferido pelos pais com melhores condições financeiras. Perguntamos aos atores, se na visão deles havia um perfil de alunos em relação à condição social, étnico-racial, entre outros. Ao lançarmos esse tipo de questionamento, houve algumas manifestações que exprimiram uma mistura de espanto e indignação; acreditamos que a palavra “perfil” foi interpretada como sondagem da existência de preconceitos étnicos e de classe social, nitidamente alguns saíram em defesa do Colégio. Outros entrevistados foram mais claros, corroborando com a visão geral de que na realidade as classes mais bem estabelecidas na sociedade preferiam o Colégio, pois era quase sinônimo do interesse de que a formação atuasse decisivamente na manutenção ou ampliação do *status* dos pais. Margareth de Carvalho afirmou que no seu tempo não havia percepção de diferenças em relação à classe social, etnia ou raça.

Era de nível social mais alto, os alunos do Salvador sempre foram das famílias mais tradicionais da cidade, não que houvesse... havia no primário assim... Era de um modo geral classe média alta ou a classe alta, era o predomínio. Eu tinha no primário um colega negro, mas do ginásio?... tinha! tinha que hoje é Médico foi meu aluno no Ginásio, como é o nome dele? Bernardo, ele é médico hoje e foi aluno de lá, a origem social não lembro! (DINIZ, J. 2015).

Não! Nunca houve! Tanto assim que lá no Colégio sempre foi proibido apelidar, de modo que aquele aluno Paulo Silva, que era do Sul Americano (antiga fábrica de Café em Aracaju), ele tinha uma deficiência física. Quando ele tinha que fazer qualquer coisa os alunos ajudavam, levavam a pasta dele lá pra cima, de modo que havia muita cooperação e mesmo porque era ensinado que deveria haver. Nunca houve *bullying*, isso eu ouvi falar agora. Estudavam pessoas de várias classes sociais, eu mesma era muito pobre, mas estudava, tanto quanto os ricos daqui. Alunos pobres? Tinham muitos, Zetinha (apelido atribuído a Professora Bernadete) era um

tipo de pessoa que se chegasse pra ela dizendo que estava com dificuldade ela não permitia que tirasse do colégio de jeito nenhum, o aluno continuava no Colégio e pagava quando pudesse, era quando pagava! Existiam negros? Toda vida! Você sabe?... Marco Aurélio, que fez livros de poesias, era muito negro, mas nunca houve, nem sequer um aluno que se fizesse diferença, pelo contrário! Jussara que era mais velha... estou citando porque eram muito negros, no entanto nunca! Nunca! Fez-se diferença, mesmo porque lá no Colégio sempre ensinou igualdade. Podia ser negro, deficiente, o que fosse era sempre “um colega de vocês”, “uma pessoa humana”, não se podia fazer diferença, todo mundo era igual perante Deus e quando a gente morria todo mundo ia para o mesmo lugar. Sempre se ensinou isso: a igualdade de todos... eu estou lhe dizendo que eu nunca ouvir falar ninguém nem mesmo podia apelidar. Às vezes até um apelido que era colocado em casa, era proibido lá, por exemplo: uma colega minha, era professora lá do Colégio, mas... o irmão dela se chamava José Alberto, Zezé a gente não podia chamar no Colégio de Zezé porque era apelido, mas Zezé mesmo ninguém chamava, a não ser um irmão é claro! Sempre houve muito rigor e muita disciplina nesse ponto, de modo que nunca houve nenhuma diferença pelo menos que eu me lembre, nunca houve! (MELO, M. 2105).

A pouca idade que os entrevistados tinham na época que estudaram no Salvador possivelmente dificultava a percepção acerca das diferenças de classes e etnias. Mesmo nos dias atuais, acreditam não ter havido preferências da escola por determinadas categorias sociais. Porém, alguns reconheceram que os indivíduos pertencentes aos segmentos sociais mais pobres teriam pouca chance de estudar em um Colégio onde a maioria dos alunos pertencia às famílias mais abastadas da cidade e do estado, com condições de enviar filhos para dar continuidade aos estudos em instituições tradicionais de ensino como o *Sacré Coeur*.

Depois que você colocou o problema eu fui ver, porque quando a gente ia fazer o exame de admissão nós íamos ao Serigy (local que abriga atualmente Secretaria de Estado da Saúde), para tomar a vacina e na Praça General Valadão, nós tirávamos no lambe-lambe (antigo nome dos fotógrafos de rua), o retrato 3 x 4 eu tenho todos os retratos da minha turma e você vê que há varias nuances em tons de pele, aí iam das famílias mais tradicionais, que depois nem iam estudar aqui, iam estudar em Salvador, iam estudar no *Sacré Coeur* (Colégio tradicional para famílias abastadas no Rio de Janeiro), depois voltavam no meio do ano. No fim do ano eram internas, já conversei com algumas que foram internas na época e disse até a Maria Stael, a irmã dela me disse que foi com nove anos para o Rio pra o *Sacré Coeur*, pra fazer o exame de admissão, aí é que as freiras do *Sacré Couer* permitiram que as alunas do Colégio Salvador que fossem pra lá, já podiam ir, já cursando. (DINIZ, D. 2015).

Também que eu percebesse, não! Porque inclusive eu tive colegas que até hoje são muito amigas minhas que eram também que... não eram da mesma cor que eu e eram tão... tão bem tratadas como todos os outros eu nunca percebi isso! Classe social também... também tive colegas de classe social menos abastada e que elas ajudavam e davam curso, com certeza! Eram caridosas praticavam o que ensinava. No meu exame de admissão que eu fiz no Atheneu porque eu ia estudar no Rio de Janeiro e só aceitava ser feito no

Colégio Estadual eu passei em primeiro lugar e era... eu tinha direito a uma bolsa lá no Colégio, mas como é... eu não podia usar a bolsa porque eu ia para o Rio de Janeiro, então elas mesmas indicaram uma coleguinha minha que necessitava da bolsa de estudo e essa bolsa foi repassada pra essa colega. (CRUZ, M. 2015).

Estudavam alunos de uma classe social privilegiada. Isso era notório. A maioria branca. Não sei dizer se a mensalidade da escola era maior que as outras escolas da época e por causa disso fazia-se uma seleção. A grande maioria era de pessoas com condições financeiras excelentes. (ANTÔNIO, P. 2015).

Renato Darcy de Almeida também interpretou na pergunta uma sondagem acerca de discriminação de etnia ou de classe social sendo categórico: “não! Não havia discriminação, eram todos tratados igualmente... de raças diferentes!” Lembrou-se de uma colega de turma chamada Olga, segundo ele “não era branca”, bem como de outra de origem chinesa cujo pai tinha uma lavanderia no centro da cidade, “por isso não acredito em tratamentos diferenciados”.

4.2 – CASTIGOS E PREMIAÇÕES

No início da pesquisa, imaginávamos que determinados depoimentos fossem apresentar críticas mais duras em relação às práticas educativas desenvolvidas na escola, sendo os castigos narrados de forma semelhante aos relatos que ouvíamos de algumas pessoas que disseram ter parentes ou conhecidos que sentaram nos bancos escolares daquele Colégio, fatos que não se confirmaram nas falas dos entrevistados. Alguns, de forma velada, relataram que de fato ouviram que castigos mais duros eram aplicados, tais como: ajoelhar-se no milho, ou a aplicação da palmatória, porém esclareceram que não foram alvo e nem testemunharam tais castigos. Enfatizaram o grande temor sentido diante da figura da Freira Zilda Galvão, da qual se comentava fazer uso de métodos disciplinares duros e que se entendia serem comumente utilizados nos conventos e instituições de ensino ligadas a ordens religiosas.

Essa ponderação comum aos entrevistados pode guardar relação com o fato de que a diretora está em atividade e o Colégio ainda atualmente gozar de grande prestígio social. Além disso, o exame sobre a própria trajetória e uma concepção conservadora sobre o ensino, são fatores que podem explicar essa postura. Indiretamente, é uma forma que os entrevistados encontraram de referendar práticas que, mesmo que condenáveis hoje, mostraram-se, nas suas percepções, importantes para a sua formação pessoal e para o sucesso em suas trajetórias

profissionais, representando em certa medida a base de uma formação pautada na disciplina e no respeito à hierarquia. Ou seja, são justificáveis em razão dos resultados alcançados.

O Colégio do Salvador desde a fundação mantém o modelo de escola que aplica a chamada “pedagogia tradicional de ensino”. Neste sentido, é conveniente acreditar que castigos e reprimendas pudessem fazer parte do cotidiano da escola visando à manutenção da ordem e da disciplina, “tão caros” à formação do cidadão, segundo a opinião de Dona Mariá. Para tratarmos desse assunto, a contribuição de Souza sobre castigos escolares enriquece o debate:

O interesse pelos castigos infligidos às crianças vem mobilizando pesquisadores há alguns anos. Diversas áreas do saber, como Pedagogia, Psicologia, História, Sociologia, Enfermagem, Medicina, entre outras dedicam-se a investigar as práticas de castigo direcionados ao público infantil, com enfoques diferenciados, transitando desde as representações infanto-juvenis sobre este tema, até as decorrências de tais práticas no desenvolvimento da criança e do jovem. (2015, p. 16).

Coletadas as manifestações dos depoentes acerca do perfil da clientela do Colégio, perguntamos aos ex-professores como era tratado o tema disciplina comportamental na escola. Laconicamente, relataram que as transgressões eram problemas a serem resolvidos pela direção, não tinham interferência nessas questões:

Não era problema nosso, era problema de Mariá! Geralmente Mariá, resolvia as questões de disciplina, era com ela. A gente entrava na sala e os alunos se levantavam todos, você dava sua aula, às vezes ela entrava, se ela visse algo errado, um aluno fazendo uma bobagem na sua sala, ela entrava para pegar o aluno. Uma amiga minha, que ficou no meu lugar quando eu fui embora, relatou que tomou um susto (risos), estava no quadro escrevendo alguma coisa e então Mariá entrou deu um grito no aluno, isso ela fazia, ela vivia passando pelo lado ali, pela entrada do lado e olhando para sala, se ela visse qualquer coisa errada ela caía em cima, eu nunca tomei conhecimento, eu nunca me perturbei com isso não. (DINIZ, J. 2015).

Os castigos físicos, ainda segundo Alexandre Diniz, não existiam, salvo o caso do sobrinho de Dona Mariá que levava “sopapos” dela e da própria mãe, embora esclarecesse que eram nesse caso específico eram punições merecidas pelo seu comportamento, pois o garoto era “impossível”, segundo ele. Nesse mesmo sentido, Maria Auxiliadora fala sobre a ausência de castigos físicos aplicados na escola, embora entendesse que naquele período poucos pais se insurgiam diante da possibilidade dos filhos serem castigados, algo muito diferente do que ela percebe nos dias atuais, onde essa ausência está associada à perda de controle e de respeito e que a levam a definir a profissão docente como “fator de risco”:

Olhe! Graças a Deus! Era bom por causa da disciplina que tinha no Colégio. Porque se fosse hoje em dia, Deus me defenda! Quando eu ouço falar nas coisas... Hoje ensinar é fator de risco, é ouvir desaforo, é pancadaria, é tudo não é? Ainda mais com o comportamento dos pais... mesmo naquele tempo havia pais que protestavam, mas outros, a maioria eram muito corretos. (MELO, M. 2105).

Os ex-alunos relataram de que maneira eram recebidos os professores e visitantes na escola, especificamente na sala de aula. Perguntamos também qual era a sua autoavaliação no aspecto do aprendizado e como julgaria seu comportamento. As respostas para as perguntas subsequentes convergiram basicamente para uma realidade: teria que ter comportamento exemplar e dedicação aos estudos, sob pena de sofrer as sanções aplicadas pela família e pelo Colégio. Neste e em outros momentos, são relatadas premiações para os alunos que mais se destacavam nas notas, no bom comportamento, provavelmente uma forma de manter sob controle as condutas infanto-juvenis e ainda, como mencionou Dona Mariá, manter o Colégio nas primeiras posições nos exames externos.

Nós só recebíamos na realidade os professores... como recebíamos? Eu não me lembro bem! Se a gente já estava já sentada no lugar, porque tinha lugar marcado, não era qualquer um não! Eu tenho a impressão que nós já estávamos acomodados quando elas entravam, eu sempre sentada na frente, não lembro se a gente levantava não! [...] Eu sempre gostei de estudar! Eu não era obrigada a fazer nada, eu escolhi a carreira que quis, papai nunca me proibiu de nada, entendeu? Minha mãe cuidava muito bem de mim em todos os aspectos. Para mim, no Salvador, eu tinha que estudar estudava. Pelo que eu obtinha de medalha de honra à vida toda. Era eu e Wellington sempre a frente não é? Mas não é que eu fizesse isso assim por competição, para ser a primeira, era uma coisa natural de mim e a base que eu adquiri no Colégio Salvador serviu por toda minha vida acadêmica, entendeu? Tinha também a classificação de primeiro, segundo terceiros lugares e a medalha de honra, quer dizer se você tivesse tirado naquele mês, primeiro lugar era uma medalha média, verde e amarela, a medalha de honra, estou dizendo o conjunto... e que você usava todo dia no Colégio? Eu acho que no início era medalha o primeiro lugar, o segundo eu não me lembro bem, o terceiro era uma fita verde, se você passasse dois meses em primeiro lugar você tinha a medalha de honra, eu chamo medalha mas era o conjunto como estou lhe dizendo, ela era amarela e verde e tinha no final, não me lembro bem se era uma cruz mais grossa. Eu tinha tudo guardado, mas há algum tempo eu me desfiz e para manter esta medalha de honra não era brincadeira. [...] Meu comportamento era excelente, me considerava muito boa aluna! A não ser essa peraltice que eu lhe contei, no início meu pai recebeu uma queixa porque eu conversava muito! (DINIZ, D. 2015).

As falas de Diana Diniz continuam sendo reveladoras no sentido de que mostraram claramente que o Colégio tinha grande preocupação que seus alunos fossem bem avaliados, especialmente nos exames externos, fato que naturalmente refletiu na opinião dos pais e das demais pessoas acerca da qualidade do ensino ali aplicado. Um exemplo dessa assertiva

encontrava-se publicado em um jornal da época, na figura 22 no Jornal Correio de Aracaju datado de 09 de fevereiro de 1957, em que tornou público os nomes dos alunos do Colégio do Salvador aprovados nos exames de admissão ao ginásio.

Os outros colegas manifestaram-se de forma semelhante à opinião de Diana Diniz, comparando as práticas de conduta ao cotidiano de uma instituição disciplinar que, apesar de não ser igual a de uma “caserna”, seguia parâmetros semelhantes, como foi lembrado por Margareth de Carvalho:

Professores, Diretores, visitantes... eram recebidos com muito respeito! A gente já se perfilava lá fora, não é? Na fila para poder entrar cada um na sua sala, então havia um ar, digamos... não digo de caserna, mas um ar de lugar específico pra você ter outra postura, você não podia chegar lá tagarelando! Eu era uma boa aluna naquilo que me interessava: Português, Francês, então era uma coisa muito é... como se diz, tinham uns nuances, mas eu nunca fui boa aluna, era uma aluna de porte médio, veja bem! Eu era uma aluna bolsista nunca senti, em nenhum momento diferença de atenção por parte do Colégio, da diretoria e como bolsista eu não podia perder de ano, então era um grande stress na minha vida era passar (risos), só que às vezes passava “arrastadíssima”, mas passava. A média? Sei lá, acho que era cinco, a média acho que era cinco, eu passava com cinco vírgula sete, seis, não era aquela aluna que passava folgada, que... nada! Eu queria brincar, eu queria chegar em casa, brincar, subir nos telhados, brincar, jogar bola entendeu? (risos). (CARVALHO, M. 2015).

Figura 22 – Jornal Correio de Aracaju, tornando público os nomes dos alunos do Colégio do Salvador aprovados nos exames de admissão ao ginásio.

ANO L — NÚMERO 6.091 — ARACAJU — SABADO, 9 DE FEVEREIRO DE 1957

Correio de Aracaju

Director: CARVALHO DEDA — x x x — Gerente: JOSÉ EDUARDO DE OLIVEIRA

“COLÉGIO DO SALVADOR”

As Irmãs Galvão Leite cumprimentam às Exmas. Famílias dos seus prezados alunos, e caríssimos amigos do “Colégio do Salvador” desejando a todos um novo ano pródigo de bênçãos e graças.

Aproveitando o ensejo, e com a alma genuflexa, agradecem a Deus o feliz êxito dos seus alunos, nos exames aos diversos ginásios da Capital, parabenizando a todos, principalmente aos seguintes que obtiveram o 1º lugar.

Escola Normal Ruy Barbosa — Maria Idalina W. Almeida. Ginásio Nossa Sra. de Lourdes — Aida Nabuco de Menezes. Ginásio Jackson de Figueiredo — José Mendonça Gonçalves. Colégio Salesiano — Luiz Otávio N. Sobral. Ginásio Patrocínio S. José — Ana Maria M. de Melo. No Colégio Estadual de Sergipe — Hélio Rezende Bezerra.

No Colégio Estadual de Sergipe, foi a seguinte a classificação dos nossos alunos:

1º lugar — Hélio R. Bezerra 9,5.
2º lugar — Francisco da Costa

Batista Neto 9,3; Antônio J. Caldas de Moraes 9,3; Maria Clara A. Barreto 9,3; Walter Rezende 9,3.
3º lugar — Mário Sérgio E. S. de Carvalho 9,2.
4º lugar — Leonor A. Figueiredo Barreto 9,1; Suzana Dantas Batista 9,1.
6º lugar — José Marcelo Figueiredo Barreto 8,8; Rosalinde M. Melo 8,8.
7º lugar — José Aécio A. Carvalho 8,7; Maria Emília A. Gentil 8,7.
8º lugar — Alfredo Gentil Filho 8,6.
12º lugar — Geraldo M. Melo 8,2.
13º lugar — Luiz Eduardo Moraes 8,1.
14º lugar — José Osmar Melo 8.
15º lugar — Milton Rabelo Barreto 7,9.

FERNANDO VALADÃO
Advogado

Av. 13 de Maio, 47 —
Grupo 901/2
RIO DE JANEIRO

Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

Ah! Com todo respeito, quando o professor entrava nós levantávamos, recebíamos o professor depois que ele desse o sinal, todo mundo sentava e havia um respeito grande, muito grande ao professor! Ninguém falava na sala de aula, concentração total! [...] Eu acho que sim, porque sempre tive bons resultados... existia a classificação não é? E eu sempre estava entre as primeiras (risos) então eu me considerava boa aluna. [...] Também! Eu sempre fui uma pessoa tranquila nunca tive problema nenhum, obedecia todas as regras do colégio e nós éramos educados também pra isso, meu pai e minha mãe diziam que o Colégio estava em primeiro lugar, meu pai e minha mãe eram pessoas que olhavam a educação dos filhos também com rigidez para poder educar. (CRUZ, M. 2015).

Tínhamos que nos levantar quando os professores entravam na sala. O aluno não podia entrar depois do professor. Os professores, sabedores disso, iam para a sala devagar e conversando uns com os outros, acho que para dar tempo aos alunos entrarem antes deles. Se o aluno não chegasse a tempo, deveriam ir para a Secretaria e ficar fora da aula. [...] Sim, bom aluno! Com direito a medalha por ficar entre os dez melhores, quando era menor. Já adolescente não concorria mais as melhores classificações, mas nunca tive

maiores dificuldades com as notas. [...] Sim, muito obediente, enquadrado! Acho que além do que devia. (ANTÔNIO, P. 2015).

Renato Darcy Almeida esclareceu que quando os professores entravam na sala de aula os alunos “levantavam-se respeitosamente”, que era bom aluno e bem comportado, não oferecendo maiores detalhes.

Mais uma vez, torna-se bem claro como o respeito às regras, às autoridades e aos professores eram tidas como normas que deveriam ser rigorosamente acatadas, mesmo por aqueles mais impetuosos, sob pena de que a desobediência pudesse vir a acarretar um pedido de desligamento do aluno.

Discutidas as questões relativas ao comportamento individual dos alunos, passamos a questionar de que forma eram tratadas as transgressões. Inicialmente, perguntamos aos professores com a questão era tratada, se havia punição para os transgressores, quem não atingia a média nas disciplinas era punido, se recordava de alguma expulsão. Mais uma vez os professores prestaram poucos esclarecimentos, pois, como haviam informado anteriormente, essas questões eram tratadas diretamente por Dona Mariá:

Não havia isso! Que eu saiba não. Era todo mundo tão bom, a minha lembrança é muito positiva os alunos eram muito bons, muito educados, muito estudiosos, muito atenciosos, não havia conflito, não havia opressão, não havia isso, não havia isso não! Aluno expulso? Lembro não! Se houve algum caso específico não lembro não! Às vezes elas pediam para tirar aluno do Colégio, mas já tem tanto tempo! [...] Bernadete e Mariá não eram iguais, Mariá era mais rígida, era mais disciplinadora Bernadete era mais mãe, entendeu? Eram bem diferentes uma da outra, mas eu não sei se havia isso não, sabe por quê? Eu fiz o primário no Salvador, eu fui aluno do Jackson com Benedito e Judite Oliveira, alí sim havia opressão, no Jackson de Figueiredo sim, eu saí do Jackson pequenininho e fui para o Colégio Salvador infantil! Eu não sabia nada, logo passei para o primeiro ano, eu me senti livre no Colégio Salvador, lembro como hoje, eu tinha pavor do Jackson de Figueiredo, me senti livre no Colégio Salvador e fiz o primeiro, segundo e terceiro ano no Colégio Salvador, quando eu estava mais velho minha mãe queria que eu fizesse exame de admissão, eu lembro bem até hoje quando ela foi dizer a Bernadete que ia me tirar para fazer exame de admissão no terceiro ano. O Tobias Barreto aceitava fazer exame de admissão do terceiro ano, o Atheneu não! Eu lembro, ela me tirando da sala e eu chorando porque não queria sair do Colégio, então eu acho é porque eu gostava, senão eu não teria a reação de chorar na frente da turma toda, entendeu? E fiz exame da admissão no terceiro ano. [...] Entretanto, eu lembro de uma traquinagem minha quando fazia banca... eu sempre fiz banca! É que minha mãe e meu pai nunca souberam disso, dessa minha pequena transgressão! A banca era com Dona Amanda no terceiro ano, a gente fazia naquele corredor do prédio velho, numa mesa bem comprida e Dona Amanda ficava lá na cabeceira com uns meninos de um lado e eu estava na cabeceira do lado oposto. Então Dona Amanda pediu os cadernos para conferir, para que a gente pudesse ir embora. Eu queria ir embora logo

para brincar, aí eu peguei meu caderno e fiz assim (faz um gesto de arremesso), e infelizmente bateu em dona Amanda (risos). Não deu certo porque eu só saí quase de noite (risos). Agora olhe bem! A banca era para a gente estudar mais a cópia, porque todos os dias tinha uma bendita cópia, ou seja, escrever direito, de caneta tinteiro, se errasse tinha que fazer de novo até fazer certo, mas a gente não fazia isso tudo na banca não! Para não perder tempo à gente saía da banca e ia fazer de noite, em casa. (DINIZ, J. 2015).

Todos eram muito comportados! Raramente havia punição. [...] Sempre tinha recuperação, a recuperação era diária se tirasse nota baixa, fazia novamente, ou então voltava a tarde para refazer, para estudar, se tirasse nota baixa no mesmo dia tinha que recuperar, acho que a média era 6,0 e global 7,0 não tenho muita certeza não! Tinham alguns que ficavam para a recuperação. Havia alunos mais fáceis outros mais difíceis, esses mais difíceis ficavam para a recuperação e eles faziam novamente a prova. Castigos físicos? Não que eu tivesse visto! Expulsão? Também isso eu não sei. (MELO, M. 2105).

As manifestações dos ex-alunos do Salvador, sobre o tema anteriormente proposto aos professores foram mais detalhadas. Relataram as subordinações, as traquinagens, os castigos recebidos (apesar de merecidos, segundo alguns) e as insubordinações mesmo as mais subliminares. O prazer de ter passado por aquelas experiências é algo que ganha relevância em suas memórias. Nem mesmo a distância dos fatos mitigou detalhes de tempos mais distantes. Como nos lembra Carmem Pimentel, esse se constitui um aspecto recorrente nos relatos:

Porque, ainda que afastados no tempo cronológico, os sujeitos, quando chamados a narrar sobre suas lembranças escolares, parecem ter vivenciado experiências muito semelhantes no que diz respeito às marcas que a escola lhes infundiu à memória, o que leva a supor que, talvez, a reconhecida evolução das práticas pedagógicas por que passaram o ideário e a estrutura do sistema educacional brasileiro não tenha sido suficientemente sedimentada. (PIMENTEL. 2014, p. 34).

Professores e alunos relataram em suas entrevistas que não presenciaram ou desconheciam o fato de que alguém tivesse sofrido castigos físicos, entretanto, a punição aplicada a um dos sobrinhos de Dona Mariá, relatada a seguir, não deixa de caracterizar tal ato, mesmo sendo ele um membro da família, uma vez que o castigo como uma prática que visa desestimular comportamentos vistos como nocivos incide não apenas sobre quem o recebe diretamente, mas também sobre a subjetividade de quem o assiste. Em conversas informais, dois entrevistados relataram que ouviram comentários, que na época da Irmã Zilda havia a aplicação da palmatória e do ato de ajoelhar-se no milho como pena disciplinar. Voltar aos sábados, escrever frases inúmeras vezes, receber gritos e palavras duras, embora

não possam ser interpretados como castigos físicos, compunham o conjunto mais comum de punições aplicadas no Colégio, atingindo assim o objetivo de desestimular o cometimento de atos considerados como transgressores ou que dificultassem o cumprimento de metas estabelecidas para os alunos:

A única punição física que eu lembro foi a de Luis Augusto, filho de Dona Amanda, que era professora do terceiro ano. Luis Augusto foi meu colega até o terceiro ano, no quarto ano não me lembro mais. Ele era danado, então Dona Amanda morava na casa ao lado, quando Luis Augusto fazia alguma coisa errada, Dona Mariá vinha de um lado de Dona Amanda vinha do outro e dava um sacolejo, puxava no ombro, era o único caso que eu lembro, mas era parente delas! nunca vi nada a mais do que isso. Outros tipos de punição não lembro, não! Se ocorria eu não lembro, o comportamento de todos era exemplar. Punição para quem não obtivesse a nota? Veja bem! No caso dos alunos que não obtinham as notas mínimas ocorria o seguinte: se você tinha uma lição de matemática se você não atingisse nota X, você teria que voltar à tarde pra fazer o dever novamente até acertar e como eu lhe disse. Quem tinha banca além de fazer o dever, tinha banca que aí virava uma bola de neve, mas eu nunca vi punição, não! A punição era estudar mais. [...] Não! Palmatória? Nunca! Ninguém sentava no milho! Agora o pessoal até hoje “faz severas críticas” ao Salvador, mas nunca assisti castigos físicos lá no Salvador. Aluno expulso por alguma coisa eu não lembro, não! Agora acredito que alguém pode até ter deixado o Colégio porque não acompanhava. (DINIZ, D. 2015).

Todos nós, meninos e meninas transgrediam. Íamos para a sala da Coordenadora; eu fiquei em pé na parede, olhando para a parede muitas vezes não é? É... mas é coisa que... isso nunca ficou marcado em mim, nunca tive castigos mais medievais, no meu tempo não existia isso, castigo físico não! Nunca... nunca! As punições eram assim: é... fique em pé, volte no sábado, eu não lembro porque eu nunca peguei nenhum castigo de palmatória, de milho, essas coisas que se falavam muito que antigamente que os colégios tinham. Tinha outro colégio que era brabo, que era o de Dona Judite que não era brincadeira. Então veja bem! Eu fiquei oito anos nesse Colégio, não fui uma aluna exemplar, não fui uma aluna modelo, mas ganhei muito estudando lá. Tive meus castigos inerentes as minhas... ao meu jeito de ser, as minhas transgressões (risos), irreverências não é? Mas nada que hoje aos sessenta e sete... eu tenho saudade desse tempo! Acho que foi um tempo tão bom! Demais, muito... muito bom! Muito lúdico! (risos).[...] Reprovação? Não sei! Acho que perdia o ano, não é? Não conseguia passar, não é isso? Tinha reprovação, tinha reprovação sim! Não tenha dúvida, tinha reprovação, elas eram muito exigentes. Não me lembro de expulsão! Deve ter havido alguma, mas eu não lembro, sinceramente eu não lembro! (CARVALHO, M. 2015).

Maria Stael afirmou não lembrar de a escola aplicar castigos físicos, mas reconheceu que “toda turma tem os mais danados” e complementou “e aí existiam as regras do Colégio, se você não cumprisse as regras do você era penalizado”. Assim como outros entrevistados, a punição se destaca nos discursos como uma consequência lógica de um erro cometido e não

como algo já definido, sendo ele apenas direcionado aos alunos “danados” ou com “mau comportamento”:

Ah, sempre tem! Toda turma tem os mais danados. Você conhece alguma turma que não tenha um aluno que não seja mais levadinho? Eu fui professora também, então como professora de primário tive vários alunos que eram danadinhos não é? E aí existiam as regras do Colégio, se você não cumprisse as regras do Colégio você era penalizado por aquelas regras. [...] As pequenas transgressões eram resolvidas assim, por exemplo: se você não acertasse a lição, tivesse uma nota baixa daquele dia que foi mandado fazer, você voltava à tarde porque o Colégio era pela manhã pra você fazer... consertar os erros... pra você aprender a corrigir os erros que você cometeu, a punição era essa! Escrever verbos, que por causa disso todo mundo sabe conjugar um verbo, que hoje ninguém exige mais conjugação de um verbo. Todo aluno do Colégio Salvador sabe conjugar um verbo, dos regulares aos irregulares. Era assim! [...] Retornar? Já retornei sim! Alguma lição que eu não soube... voltava muito pouco, mas já voltei à tarde. As punições eram mais por conta das lições, comportamento não! Pelas lições. A punição era essa! Por exemplo: se você não alcançasse as notas exigidas pra passar eram aquelas mesmas coisas que todo colégio tem não é? Você tem que fazer uma recuperação, segunda época, era isso. [...] Olhe! Eu nunca presenciei castigo físico, na minha turma eu nunca presenciei. Eu não tenho lembrança de ninguém que tenha sido expulso, não! Mas eu passei só quatro anos no Colégio não é? Então de minha turma... é..., lembrança não tenho nenhuma, e é como eu digo, eu entrei com seis anos e saí com dez, então naquela época, com dez anos era uma criança mesmo não é? (CRUZ, M. 2015).

Pedro Antônio admitiu a existência de punições, informando que em algumas ocasiões a punição foi aplicada em razão da demonstração de solidariedade entre os alunos frente ao erro de um colega. Como nos contou: “minha turma inteira ficou de castigo após o horário de saída porque não deduramos um colega”. Pedro Antônio e Renato Darcy Almeida reconheceram a existência de transgressores, porém não aceitaram a ideia de que puxões pelos braços, gritos e palavras duras pudessem ser caracterizados como castigos físicos:

Punição sim! Desde copiar verbos, ficar fora de aula, voltar no sábado, suspensão. Levar broncas aos “berros” de Dona Mariá. Ir para a secretaria e aguardar os pais para conversar com a direção. Deixar uma turma inteira sem recreio ou além do horário de saída. [...] Minha turma inteira ficou de castigo após o horário de saída porque não deduramos um colega. [...] Para quem não obtivesse as notas mínimas, não! Às vezes constrangimentos verbais. Os alunos que repetissem mais de uma vez a série não poderiam permanecer na escola. Acredito que essa regra não tenha durado por muito tempo. [...] A direção sempre determinava castigos e punições, aplicados pelas professoras. Os castigos eram assim: às vezes pegavam o aluno pelos braços com certa rigidez e dava umas sacudidas, quando o aluno se comportava muito mal ou respondia de forma mais agressiva. Não havia castigos físicos, mas gritos, palavras duras, constrangedoras. Nos padrões de hoje, um absurdo, com certeza! Lembro de um aluno que foi expulso porque danificou um dos banheiros. (ANTÔNIO, P. 2015).

Havia transgressores sim! A punição era escrever uma frase cem vezes e ficar de braços abertos junto à parede por minutos. Não! Eu nunca fui punido. As expulsões eram comuns e muitos entravam e saíam do Colégio porque não aguentavam o rojão... Eu era muito estudioso e fui presenteado por um morador da Rua de Boquim, uma pessoa da Família Garcez, que me via na varanda do primeiro andar da casa estudando numa mesa. No final do ano, me deu de presente uma caneta em homenagem à minha capacidade de estudo. (ALMEIDA, R. 2015).

Alguns de nós, em alguma ocasião da nossa vida estudantil, especialmente quando fomos crianças, passamos por situações inusitadas e até mesmo vexatórias, que, ao longo do tempo, tornam-se engraçadas, mesmo que nos tenham rendido alguma punição. Incitados a falar sobre esses momentos, convidamos os depoentes a compartilharem conosco de suas experiências:

Olha! Tenho uma história bem interessante para te contar: é que eu fiz uma peraltice no Colégio Salvador, que Dulce Mascarenhas disse: todo ano, primeiro de abril eu me lembro de você! Dona Amanda chamava todo mundo em silêncio e ela ia chamando de um em um para colocar a nota, aí, passou uma, eu não sei se foi Isabel... Isabel ela é prima de Albano Franco e de Walter. Walter foi meu colega, Walter Franco... Era primeiro de abril, passava Isabel eu falava: Dona Amanda está chamando, passava outra... Dona Amanda está chamando, quase todo mundo procurou Dona Amanda, quando ela descobriu deu uma coisa! Porque ela não estava chamando ninguém, agora eu não me lembro o que aconteceu (risos), não sei se fui castigada, porque Dona Amanda era séria. Ela já era uma senhora sabe? E eu fiz essa peraltice ainda!(risos). [...] Sim! Lembro que era obrigatório a todos irem à missa aos domingos, quando eu não ia minha mãe que sempre ia, e eu pedia a ela para dizer qual era o evangelho do dia, que elas poderiam perguntar, sabe? E em certa ocasião eu e Rabel, que é a prima de Walter Franco e de Albano, então quando a professora perguntou quem foi à missa? Porque na segunda-feira tinha reunião com os alunos todos e elas perguntavam. Perguntava um por um, qual foi o evangelho do domingo? Então, Alexandre (seu esposo) disse que não tinha ido porque estava doente, aí eu cochichei com Rabel: ele disse que estava doente, mas ele estava no cinema! Então Rabel denunciou Alexandre (risos), mas o castigo eu não me também lembro. (DINIZ, D. 2015).

As ações mais ousadas aparecem nos discursos como sendo tramadas pelos meninos. Na época investigada, a cobrança pelo recato feminino era maior, o que não quer dizer que elas não participassem de algumas ações que tinham como objetivo por vezes desafiar as regras a partir do cometimento de pequenas transgressões, hoje relatadas com especial graça por elas. Os meninos, apesar de cometerem suas traquinagens, fizeram questão de declararem-se mais contidos em relação aos outros garotos da época. Pesava certamente o rigor dos pais e da instituição. A seguir dois deles dão exemplos jocosos de algumas situações vividas:

Olha, veja bem! Eu sempre tive esse lado muito engraçado, no Colégio eu sempre olhei... olhava com o lado lúdico, então eu gostava de brincar, Nossa! Eu adorava na hora do recreio e na sala de aula às vezes eu tinha que receber uns castigos, não é? Às vezes falava demais, sempre gostei de falar, quando eu tive meus filhos... Veja bem! Eu tenho uma traquinagem, mas eu era bem criancinha, devia ter uns cinco anos logo que eu entrei no Colégio como eu era muito acostumada, já nessa idade em subir em árvore, meu pai tinha uma ilha: o Pomonga, não é? Você lembra-se da Cinelândia? (sorveteria da época, hoje não mais existe), então! A gente catava mangaba e trazia pra vender na Cinelândia, manga, caju era uma beleza, uma fartura de frutas, eu lembro que eu pequena entrando no Salvador, mal entrando no Salvador, o Colégio era antigo então existia ainda quintal não é? Mal deu o primeiro, segundo recreio não tenha dúvida eu olhei fui direto olhar aquele quintal ali, Nossa! Mas tinha uma goiabeira, as goiabas brancas enormes... vou subir! As minhas coleguinhas... vamos, então deixe que eu subo, eu pego e tiro... não esqueço nunca! Quando eu vejo Dona Bernadete grita: Margareth! Desça daí!... Jesus, que foi que eu fiz pra descer da goiabeira, eu já com a goiaba na mão, linda! (risos) entendeu? E foi uma coisa que ficou assim... se houve eu era muito criança pra entender aquilo porque eu achei assim, era árvore com uma goiaba linda que precisava ser colhida (risos). (CARVALHO, M. 2015).

Lembro-me de um aluno do colégio (não consigo recordar seu nome), que para fazer gracejos para os colegas, introduziu um esquadro de madeira no pescoço. Esse esquadro era grande, era material usado pelo professor no quadro negro. Ocorre que o professor estava chegando e o aluno não conseguia tirar o esquadro da cabeça (risos). Ficou com o colar de madeira até o professor entrar na sala. Assim que viu aquilo, encaminhou o aluno para Dona Mariá. Claro que ele ficou de castigo (risos). Todos no Colégio comentaram o fato, foi muito engraçado! (risos). (ANTÔNIO, P. 2015).

Atividades físicas, jogos, recreações e outras atividades lúdicas fazem parte do universo escolar que são desenvolvidos principalmente nos recreios das aulas e também estão inseridos nos estudos que englobam Cultura Escolar e Cultura Material Escolar. Meninos e meninas têm sido historicamente direcionados para atividades definidas pela sociedade como mais “condizentes” com as chamadas diferenças físicas e psicológicas que caracterizam cada gênero.

Tomando como base essas discussões, perguntamos aos entrevistados como as práticas recreativas eram desenvolvidas no Colégio e acrescentamos se recordavam da existência de grêmio, associação estudantil ou grupos de estudos?

Pela manhã tinha o intervalo às nove e meia, tocava o recreio que ia até às dez horas e às dez horas voltávamos para sala. As professoras sempre acompanhavam os alunos. No final eu já não acompanhava porque não aguentava (risos), já estava com sessenta anos. Mas, no início, todo o recreio era assistido pelos professores, aliás, acho que até hoje é! (MELO, M. 2015).

Não! Na época não tinha isso não! Você está se transportando para os dias de hoje. Era estudar de oito horas, eu não sei se era ao meio dia que

terminava e ainda tinha aquilo que eu lhe falei, os que voltavam para banca porque não tinham obtido nota X e voltavam para fazer o dever. De esportes, essas coisas, não, não! E até hoje eu não gosto de esportes, nem na época de mocinha não tinha academia. Você viu Alexandre dizer que não dava nem tempo de fazer a cópia, tinha que fazer em casa! Mas não tinha intervalos entre as aulas! Só tinha um recreio, a aula era das oito ao meio dia. Tinha um pequeno intervalo e todo mundo levava seu lanche, o recreio era só lanche, conversar um pouco. O tempo era estourando, estourando, quinze minutos! [...] Grêmio, associação estudantil essas coisas, nada disso existia! Eu tinha um monte de livro de historinhas que eu lia em casa mesmo, o patinho feio, branca de neve, cinderela, etc. Não tinha orientação sexual nenhuma, apenas no dia de sábado aquela aula da civilidade, que eu acho que esse era o nome. Dona Mariá reunia na casa da frente principal todos os alunos e aí ela dizia algumas noções de comportamento, alguma coisa desse tipo e depois alguém declamava, alguns também cantavam, como foi o caso de Alexandre, como ele tinha voz bonita, ele cantava! (DINIZ, D. 2015).

Quando questionamos nossos entrevistados sobre as atividades recreativas, queríamos saber como se desenvolviam as interações entre os alunos e professores durante o intervalo das aulas. A pergunta foi interpretada como atividades direcionadas por profissionais aos moldes atuais, como os professores de Educação Física, porém preferimos não interromper as falas e deixá-los livres para suas respostas:

Atividades recreativas, não! O que tinha era recreio; o recreio era se danar muito, jogar bola, se acabar, não tinha nada específico era ótimo todo mundo curtia, todo mundo se danava (risos). Atividades físicas tinham! Tinha, eu me lembro de aula de ginástica, essas coisas, mas não me lembro de jogos, nada disso, eu não me lembro, não!... Eu acho que não era dessa época ainda que tivessem essas coisas! Associações, grêmios? Não lembro! (CARVALHO, M. 2015).

Sim! Sim! Todo recreio tinha jogo, existia cada série era um jogo apropriado não é? Para a idade, aí tinha bola queimada... lembro assim, muito pouco (risos), mas sei que tinha isso! De jogos, de brincadeiras entre as próprias alunas, não tinha nada de extraordinário. Grêmio não! Não, existia não! (CRUZ, M. 2015).

Jogos, recreações atividades físicas, eram pouco comuns na época! O conteúdo sempre foi mais importante. “Verbo” e “contas” sempre pesaram mais que recreação. Tínhamos nossos momentos lúdicos. Teatros em sala, nas aulas de português, era uma festa! Gincanas, festivais, campeonatos esportivos, apresentações de algum grupo de fora. Não havia recreação! O intervalo era livre. Cada um fazia sua brincadeira e brincava como queria. Podia levar bola, corda para pular, álbuns de figurinhas, essas coisas. O Centro Cívico... acredito, que foi na época do Ginásio, que funcionou por um tempo, mas foi desativado, não lembro o motivo. (ANTÔNIO, P. 2015).

O Professor Alexandre Diniz informa que por lecionar no Ginásio, o contato com os alunos fora da sala era mínimo e ainda porque “o intervalo era de 10 minutos entre as aulas, não dava tempo para recreações, o intervalo era mínimo!”, esclarece.

Renato Darcy informou que não se lembra de muitas atividades físicas: “só estudo, mas no recreio se jogava bola”. Relata também que “nos recreios separavam meninos de meninas”. Não se lembra de Grêmios nem de Associações Estudantis.

Apesar dos declarantes informarem que não se recordavam de alguma associação voltada para o interesse dos alunos, catalogamos e digitalizamos dos arquivos do Colégio uma Ata de Criação do Clube de Ciências do Colégio, fundado em dezenove de março de 1962, Coordenado pela Professora Lindalva Cardoso Dantas, contando inclusive com a assinatura (em um abaixo assinado) de Margareth de Carvalho, uma das nossas entrevistadas.

Esclarecidos sobre as questões relacionadas especificamente aos discentes com suas atividades recreativas, punições, castigos e premiações, passamos a investigar como ocorriam os eventos e religiosos, as festas regionais e as comemorações cívicas.

4.3 – COMEMORAÇÕES RELIGIOSAS, FESTAS CÍVICAS E REGIONAIS, VIAGENS DE ESTUDOS E EXCURSÕES

Partindo da premissa de que o Colégio oferecia uma educação pautada nos princípios que regem a religião católica, iniciamos o eixo de perguntas, questionando a professores e alunos sobre a sua participação nas missas e em outros eventos religiosos. Queríamos inicialmente saber se o Colégio oferecia esse ritual, com qual frequência, se eles se faziam presentes e com qual constância:

As missas eram no começo do ano e no final do ano e nas primeiras sextas feiras do mês. Havia a missa do Sagrado Coração de Jesus eu sempre frequentava. Havia os párocos que davam assistência. Dava-se muito valor a missa do domingo. Quando os alunos chegavam na segunda feira Zetinha perguntava quem é que foi pra missa? Quem levantava o braço ganhava um dez por ter ido à missa, quem não tinha ido, ficava caladino! (MELO, M. 2105).

Frequentava! Mas deixe eu lhe dizer: naquela época, a gente, ainda criança, apesar de rezar não entendia porque era pecado mortal não ir à missa aos domingos. Então, quando eu estava com preguiça de ir dia de domingo, a gente estudava dia de sábado também não é? Aí minha mãe ia e eu pedia: mãe! Olhe qual é o evangelho do dia? Ela prestava atenção para me dizer, mas eu nunca fui arguida no outro dia, quando perguntavam quem foi à missa? E eu ficava quieta, nunca ninguém desconfiou peraltices da época (risos). Quando a gente ia confessar na Catedral todo mundo ia andando, mas isso só depois de fazer a primeira comunhão claro! Depois da primeira comunhão, é porque eu entrei mais tarde, acho que eu fiz no segundo ano primário. Então, a gente ia todos andando em fila para a Catedral acompanhado sempre delas, porque não tinha funcionário para acompanhar não! Elas mesmas acompanhavam, sempre! O Pároco da Catedral que era o

Monsenhor Olívio, que na época a gente chamava Padre Olívio e a gente gostava muito quando ia se confessar com ele, pelo menos eu acho que nós gostávamos... porque quando a gente chegava fazia o sinal da cruz e tudo aí ele já sabia que era o Colégio Salvador, claro não é? Aí ele dizia: minha filhinha, minha filhinha diga quais são seus pecadinhos aí eu dizia: ah! Eu respondi mal a minha mãe, eu nem sei mais qual era o pecado naquela época, a gente nem tinha pecado não é? Então num instante, tá, tá minha filhinha, aí fazia a benção final, a gente rezava a Salve Rainha e saía, isso era uma fila imensa! Era para todo mundo confessar, porque não tinha isso de comungar sem confessar. Eu não sei de quanto em quanto tempo a gente ia confessar, assim... eu não sei se era toda semana, eu não sei! (DINIZ, D. 2015).

Dona Margareth de Carvalho lembrou que participava de tudo que fosse cerimônia: o “Colégio era muito religioso”, afirma. “Tudo que dizia respeito à religião, a gente tinha que participar, tinha que ir. Ir à Novena de Nossa Senhora lá na igreja da Catedral, preparar para a primeira comunhão, tudo tinha um *mise-en-scène*, a gente tinha que estar ali, fazer jus!” Dona Maria Stael informou que frequentava a missa no Colégio, lembrou que todo ano tinha primeira comunhão na escola e ainda tinha a crisma. Lembrou ainda que: “depois quando o Colégio foi crescendo elas passaram a fazer na Catedral, na Igreja São Salvador, mas teve muita solenidade no próprio Colégio”.

Renato Darcy Almeida recordou que participava das missas que eram na Igreja São Salvador, na Rua Laranjeiras com João Pessoa. Lembrou-se do Padre Avelar Brandão Vilela, que depois se tornou Cardeal Primaz da Bahia.

As comemorações religiosas do Colégio também tornavam-se públicas através dos jornais da época, especialmente em A Cruzada, ligado à Igreja Católica e que tratava de assuntos geralmente de interesses eclesiásticos. Observamos na figura 23 uma chamada para festejo religioso promovido pelo Colégio:

Figura 23 – Jornal A Cruzada datado de 04 de junho de 1950, convidando os pais dos alunos para celebração da Páscoa do Colégio.



Colégio do Salvador

No próximo dia 10 do corrente, os alunos deste estabelecimento católico de ensino farão a sua Páscoa Coletiva, na Igreja São Salvador.

Para o ato que começará às 6 1/2 horas, a Direção do Colégio Salvador está convidando os snrs. Pais afim de, com a sua presença, abrilhantarem esta tocante solenidade religiosa.

Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Como relatado por alunos e professores as comemorações religiosas sempre foram muito prestigiadas pelo Colégio, as famílias vestiam seus filhos com os melhores trajes, especialmente quando tratava-se da primeira comunhão. Na figura 24 podemos observar a festa de primeira comunhão no espaço interno do Colégio na década de 1940.

Figura 24 – Alunos participando da solenidade de Primeira Comunhão nas dependências do Colégio, na década de 1940



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador - foto Walmir Studio - Digitalizada pelo autor em 2015

Os meninos trajavam camisas e calças ou bermudas brancas, às vezes escuras, acompanhados de gravata borboleta ou gravata longa preta e as meninas com vestidos brancos bem elaborados, alguns semelhantes aos usados por noivas da época. Para celebrar essas solenidades eram convidados o Pároco da Catedral ou da Igreja São Salvador e sempre contava com autoridades públicas do Estado e do Município. A figura 25 complementa as informações dos depoentes que lembraram que, quando o Colégio aumentou a quantidade de alunos, as solenidades passaram a ser realizadas nas Igrejas de São Salvador e Catedral Metropolitana. Observa-se o cuidado com os trajes tanto dos meninos, mas principalmente das meninas com vestidos muito requintados.

Figura 25 – Alunos do Colégio dirigindo-se a Igreja da Catedral para realização da Primeira Comunhão, no final da década de 1950



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador - foto de autoria desconhecida - Digitalizada pelo autor em 2015.

Sobre a questão da religiosidade, os professores fizeram um breve relato de como o tema era tratado no Colégio, lembrando, a despeito da forte orientação religiosa da escola, a existência de docentes e alunos que não eram católicos, além da tolerância da direção em relação a um dos professores que era ateu e com formação política distinta da direção da escola. Sobre os eventos religiosos promovidos pelo Colégio, teceram comentários mais detalhados:

O Colégio Salvador sempre foi explicitamente católico certo? Quer dizer ninguém que não fosse Católico não deveria estudar no Salvador, porque era explicitamente católico. Existia Ensino Religioso desde o primário. No ginásio também existia Ensino Religioso, acompanhamento religioso. No ginásio sempre foi muito tradicional na religião, muito tradicional! Naquela

época eu era católico, hoje sou ateu! O Professor José Romário de inglês era marxista, explicitamente ateu e nunca houve perseguição nem cobrança, não! Ele só não poderia professar as coisas dele na aula não é? Nunca teve casos alunos não católicos, porque acho que não tinha ninguém que não fosse católico. Eu acho que não! Era um colégio tradicionalmente católico, ninguém que não fosse católico não iria botar filho lá, depois você não tinha essas Igrejas Evangélicas como você tem hoje, acho que 99% da população brasileira era católica ou se dizia católica. (DINIZ, J. 2015).

Primeiro: ninguém chegava nem saía do Colégio sem rezar e sempre rezava com Zetinha, Mariá, Marco Antonio, eu os demais professores. Pelo que eu saiba todos, professores e alunos eram católicos, porque todos eram da família e todos eram católicos, principalmente no primário. Havia alguns ajudantes que não eram da família, mas tomando conta de cada série era uma pessoa da família. No Curso Infantil, primeiro éramos eu e Sônia; depois no primeiro ano tinha Mariazinha e Marco Antonio; no segundo ano Zetinha; no terceiro eu e mamãe, depois Eli quando minha mãe adoeceu; no quarto Mariá e Terezinha, quer dizer sempre tinha uma pessoa da família e todos católicos. Agora no Ginásio... no ginásio eu não sei! [...] Eu mesma tive duas alunas americanas que chegaram no meio do ano só falavam em inglês e dois meses depois já falavam português, faziam prova da matéria e tiravam notas ótimas eram meninas formidáveis. Mas os pais não gostavam que elas frequentassem as aulas de catecismo e religião, porque lá todo mundo era católico e eles eram Protestantes. Eles pediram para retirá-las da sala nesta hora. Elas iam para a Secretaria e faziam outras atividades, só não tinham a nota de religião. Elas rezavam com todo mundo. Depois os pais foram lá e pediram que nas aulas de religião elas não assistissem, elas poderiam rezar no meio das outras como todo mundo estava rezando, mas quando chegava, por exemplo, o mês de outubro que era diariamente rezado o terço elas não participavam. No mês de maio, no final do mês havia a coroação de Nossa Senhora, também elas não participavam. Os pais delas sabiam que o Colégio era Católico, nós é que não sabíamos que elas eram Protestantes. Elas eram muito inteligentes, boas alunas, aplicadas, ordeiras, tudo! Disciplinadas... É um Colégio que sempre primou pela disciplina, por isso está aí até hoje! (MELO, M. 2105).

A figura 26 retrata um dos momentos mais intensos da religiosidade praticada no Colégio. Trata-se da Coroação de Nossa Senhora, solenidade relatada por alunos e professores como a mais importante homenagem a Maria, onde havia uma grande mobilização no Colégio para a realização do evento.

Figura 26 – Alunos do Colégio participando da solenidade da Coroação de Nossa Senhora na Catedral Metropolitana de Aracaju, na década de 1950



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador - foto de autoria desconhecida - Digitalizada pelo autor em 2015

Ainda sobre a questão da religiosidade, o aluno Pedro Antonio foi enfático: “A religião sempre foi algo muito precioso para o Salvador. Havia pregação sempre! Isso deveria, de alguma forma influenciar os que não eram da mesma religião”, “sinceramente não lembro, mas com certeza devia ter algum”. Renato Darcy informou que lembrava de duas irmãs americanas que eram protestantes, mas que não sabia o nome delas. No que se refere aos docentes, os alunos lembraram que no período em que estudaram no Colégio do Salvador todos eram membros da família Galvão e sendo assim, eram “Católicos Fervorosos” e completaram suas opiniões sobre a existência de alunos ou professores de outras denominações religiosas com os seguintes depoimentos:

Naquela época não se falava nos evangélicos atuais, quando a gente estudava História na Faculdade a gente falava da Reforma de Lutero, o rompimento de Lutero com a Igreja Católica, a criação das primeiras Igrejas Presbiterianas, etc., mas se matriculassem no Colégio Salvador... tinham outros Colégios, se colocava no Colégio Salvador porque era católico! As professoras eram elas e todas eram católicas. (DINIZ, D. 2015).

Não! Não lembro porque se não professasse também não dava a entender que não professava, porque o Colégio era realmente religioso, quem não fosse católico participava e não demonstrava, pelo menos, nós nunca percebemos nada, nem nunca foi perseguido por conta disso! (CRUZ, M. 2015).

Era comum para as escolas da época, promoverem atividades cívicas antes do início das atividades letivas. Apuramos que no Colégio do Salvador eram desenvolvidas não só

atividades religiosas como cívicas. Nesse sentido, pedimos aos alunos que falassem sobre suas participações nesses eventos e como eles ocorriam:

O horário do Salvador era quinze para as oito e os quinze minutos antes era de oração, onde a gente já sabia Ave Maria, Padre Nosso, Salve Rainha, Santo Anjo do Senhor e pontualmente às oito horas, a gente entrava em sala de aula. No mês de maio que é o mês de Maria rezávamos o Terço que eram os quinze minutos e no mês de outubro que era o mês do Rosário também. Então a formação era Católica Apostólica Romana, você podia dizer que estava em um pequeno Colégio de Freiras! (DINIZ, D. 2015).

Tinha! Tinham atividades cívicas, porque a gente tinha que ficar na fila lá, não sei se tinha bandeira... eu não me lembro! Mas tinha umas coisas assim e religiosa quando entrava na sala tinha que fazer algumas orações que eu também não lembro, sabia que rezava, mas não lembro! (CARVALHO, M. 2015).

Ah sim! Todo mundo antes da... quando chegava no Colégio, você tinha o momento de oração e quando era época de qualquer solenidade cívica a gente aprendia a cantar os hinos: o Hino de Sergipe o Hino Nacional era uma obrigação, uma obrigatoriedade. Todos os dias sempre uma atividade religiosa, a cívica quando havia alguma data a ser comemorada. (CRUZ, M. 2015).

Sobre as festas, Pedro Antonio lembrou que: “dependendo da época acontecia a Via Sacra ou Reza do Terço. O Hino Nacional era executado toda segunda-feira”. Por sua vez, Renato Darcy Almeida salientou que sempre se rezava na entrada da aula e em outras oportunidades. “E no mês de maio as atividades eram mais frequentes como homenagem a Nossa Senhora”.

Apuramos também, que além de atividades religiosas, o Colégio promovia festas cívicas e regionais e pedimos a professores e alunos que discorressem como ocorriam essas manifestações e qual as suas participações:

Eu tenho mais lembranças das coisas do primário; da primeira comunhão, de quando fui aluno no primário, mas no tempo do ginásio, não lembro mais não! Sei que havia muitos festejos, se comemoravam as coisas, até carnaval! Inclusive, Mariá sempre gostou muito de carnaval, ela dançava e os meninos, mas acho que eu não participava não! Eu lembro participando de Gincana, eu como professor participando de Gincana do Colégio, mas muito vagamente... isso já tem muitos anos não é? (DINIZ, J. 2015).

Ah! Tudo se festejava, tanto os religiosos como os regionais, tudo! Agora... na minha época não tinha folclore, não tinha estudo do folclore, era mais civismo, especialmente na época da ditadura, na década de 1960. Todos os dias cantava-se o Hino Nacional e todo dia se fazia a parte religiosa repetindo os mandamentos, os sacramentos e ainda havia uma vez por semana aula de religião e de civilidade. Os professores e a diretoria eram os organizadores das festas. Na reunião dos sábados nós acertávamos quem era

que ia fazer o quê, dependendo do jeito e da disponibilidade: Carnaval, São João, Natal, o Natal era festejado no ultimo dia de aula geralmente no final de novembro. [...] Todo mundo participava! Todos os professores. Primeira comunhão todo mundo ia, não era só a professora da turma. Depois o Colégio já estava muito grande aí passou mais a ser escolhida: a que cantava, a que fazia os ensaios, essas coisas, mas antes era todo mundo. No dia sete de setembro, tinha a parada todo Colégio participava. Antes da parada havia os ensaios, quando a banda de música dos bombeiros era chamada. O Colégio todo saia, aliás, como os demais Colégios. (MELO, M. 2105).

Olhe! Regionais, regionais, não tinha o folclore na época, entendeu? O que tinha?... eu me lembro que participei de um evento que eu... lembro era cantando “Capelinha de Melão”. Não me lembro de ter quadrilha, porque na época de São João eu não me lembro de ter participado de quadrilha no Colégio Salvador. O grande evento era a primeira comunhão, o Sete de Setembro Cívico, que a gente ensaiava, marchava e tudo! Agora festa de São João, se teve na minha época eu não me lembro, se tivesse na certa eu teria retrato e eu não tenho. (DINIZ, D. 2015).

Ah! Que maravilha! Só não me pergunte dos religiosos que eram chatos! Agora tinham os regionais, as festas de São João eram maravilhosas! Peguei festa na Rua da Frente depois entrou pro Colégio na parte de cima quando construíram, enfim... é... e outra coisa na... na religiosa é... tinha a festa da Coroação de Nossa Senhora que era uma coisa imensa, uma festona, grande... tinha a Semana Santa a qual eu me identificava plenamente com o ritual de cada dia, as músicas sacras, o lava-pés, a Procissão do Senhor Morto, a Santa Missão. Tinha umas coisas assim, que a gente participava não é? E tinha umas idas pra a Catedral que eu não lembro, mas era... a gente ia em fila lá pra Catedral rezar, eu sempre achava uma desculpa de passar mal e passava mesmo e terminava meio que do lado de fora (risos). Eu participei de tudo, o dizer o meu nível de gostar ou não gostar é interno, mas você está lá, se você observar, no Colégio as regras do jogo são aquelas que você tem que participar que obedecer não é? Se é do seu gosto tudo bem! Se não é do seu gosto você vai fazer que nem um guerreiro faz. Você me perguntou estou dizendo, não é uma coisa que eu gostasse de fazer. (CARVALHO, M. 2015).

Maria Stael salientou que as festas cívicas e regionais também eram muito bem comemoradas. “A gente comemorava as datas religiosas, a gente comemorava as datas cívicas, a gente tinha recreação, tudo normal”. Lembrou que sempre participava. “Tínhamos festejos juninos, sempre participava de quadrilha, a coroação de Nossa Senhora no mês de maio, até hoje tem”!

Na minha época os festejos eram simples. Os festejos eram apenas festejos! O objetivo era outro. A ideia educativa, de aproximação, de integração, de participação estava além do desfilar. Não sei explicar, mas os pais eram mais comprometidos com o “significado” do que com a “forma”. Com o subjetivo muito mais do que a aparência! Sim, eu participava quase todos! (ANTONIO, P. 2015).

Renato Darcy Almeida, por outro lado, afirmou que “não havia festejos, só se estudava!” Completou que raramente se cumpriam os feriados, somente os estritamente obrigatórios. Reforça: “apenas tenho lembrança de uma festa em louvor a São Tarcísio e foi organizado no teatro Cine Vitória, em que eu era o Soldado Quirino, personagem desse auto”. Lembrou que nessa peça São Tarcísio foi apedrejado e quem fez esse personagem foi Antonio Augusto Leite Franco (membro de família influente da região).

Alguns dos depoimentos de professores e alunos contêm algumas discrepâncias, acreditamos que, por terem lecionado ou estudado em épocas diferentes as práticas variavam, por outro lado, os lapsos de memória podem ter interferido nas respostas. A figura 27 corrobora com algumas fala, onde mostram alunos do Colégio comemorando certa data festiva cujas vestes indicam algo nesse sentido. Cremos tratar-se de festa junina devido às roupas que os alunos estavam trajando. Mais uma vez percebemos o cuidado com a elaboração das roupas das crianças para os festejos e que pelos relatos se destacavam como importantes elementos de distinção social, conforme observamos na figura 27.

Figura 27 – Alunos do Colégio comemorando festa típica ou regional, na década de 1940



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador - foto de autoria desconhecida - Digitalizada pelo autor em 2015

Outras questões em comum que foram relacionadas nos depoimentos se referem ao fato de que o Colégio sempre primou pelos eventos religiosos, dando a eles tanta importância quanto às atividades em sala de aula. Nesses eventos a participação de autoridades religiosas como o Padre Luciano Cabral (que se tornaria o futuro Bispo de Aracaju), Padre João de Deus e o Bispo da época Dom José Vicente Távora, mostrado na figura 28, eram entre tantos outros, presenças praticamente obrigatórias nas solenidades religiosas promovidas pelo colégio, evidenciando o prestígio do qual a instituição gozava junto a autoridades religiosas.

Figura 28 – Alunas do Colégio participando da Primeira Comunhão na década de 1950. Ao centro o Bispo Dom José Vicente Távora



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador - foto de autoria desconhecida - Digitalizada pelo autor em 2015

Políticos influentes também eram presenças constantes nos eventos promovidos pelo Colégio, segundo os entrevistados. Uma assertiva que pode ser confirmada pelas fotografias que foram por nós digitalizadas no acervo do Colégio, a exemplo da figura 29 onde aparece o Governador Seixas Dória (segundo da direita para a esquerda) acompanhado pelo influente médico e político Carlos Melo (primeiro à direita).

Figura 29 – Solenidade cívica realizada no Colégio do Salvador no final da década de 1950, com as presenças do Governador Seixas Dória e o Médico Carlos Melo.



Fonte: Acervo do Colégio do Salvador - foto de autoria desconhecida - Digitalizada pelo autor em 2015

Ao longo da investigação podemos perceber que os diversos depoimentos prestados por docentes e discentes trataram das questões relativas ao comportamento dos alunos dentro e fora da sala de aula, o qual recaía a cobrança de ser exemplar. Havia a preocupação com o civismo, com a obediência aos professores e principalmente à direção do Colégio, bem como em relação à participação dos alunos e professores nos festejos religiosos e outras atividades que demandariam a adoção de regimento ou normas internas. Baseados nessas premissas, perguntamos a docentes e discentes como esse processo ocorria naquela instituição escolar, tema que passamos a tratar a seguir.

A inclusão do tema viagens de estudos e excursões em nosso roteiro de perguntas justificou-se pelo fato de que ser comum as instituições de ensino da época incluírem como atividades extraclasse as excursões e viagens de estudos, pois tratava-se da inserção dessas experiências como reforço do aprendizado de professores e alunos. Porém, poucos depoimentos testemunharam tais exercícios, acreditamos que a pouca idade dos entrevistados à época não favoreciam essas atividades ou mesmo o desinteresse do Colégio em sua realização.

Perguntamos então se o Colégio oferecia excursões e se o entrevistado participava e com qual frequência:

Todo final de ano! Em geral na quarta série, promoviam-se sempre viagens para os Estados Unidos, ia para a Amazônia, para o Paraguai, Argentina, Uruguai, Rio Grande do Sul... Eu ia a alguns, não todos porque em algumas viagens precisava ter dinheiro para ir! Cada dez alunos que fossem ganhava uma passagem. Uma vez fui eu, outra foi minha irmã e outra foi minha sobrinha. (MELO, M. 2105).

Então, essa descoberta de trabalhar com cinema foi através de uma excursão a cidade de Paulo Afonso pra mim foi marcante. Eu deveria ter uns doze anos de idade. Ao chegarmos lá no hotel dos Engenheiros, no Hall, aquele... sabe aquela movimentação de gente diferente que você vê que não é gente de Aracaju? Aí eu disse, mas o que é isso? Estava... muito interessante essa história, tava lá é... os atores que estavam filmando o “Cangaceiro” e estavam hospedados no Hotel. Tinha uma mulher muito bonita, a atriz principal, chamada Marlene França e aí eu vi aquilo ali, aquele movimento, eu disse: quero trabalhar com isso um dia, quero trabalhar com esse negócio de cinema, gostei da descontração dos atores não é? (risos). Cumpri a minha meta determinada e escolhida aos doze anos de idade. Agradeço muito ao Colégio do Salvador. (CARVALHO, M. 2015).

Promovia! Eu participei, porque a excursão era sempre na última série, era o quarto ano primário, eram passeios assim, perto. Hoje onde é o Seminário da Diocese, lá do Bairro Industrial, no meu ano foi para lá! As classes menores não, porque eram muito pequenos e naquela época não havia muito esse costume, mas no quarto ano primário sim! As excursões eram só locais. Na

época dos meus filhos eles participaram de excursões fora do Estado. No meu tempo não! Porque só ia até dez anos de idade e eram muito pequenos pra sair. (CRUZ, M. 2015).

Pedro Antonio informou que participava muito pouco, porém, completou: “lembro das excursões a São Cristóvão e lembro vagamente de uma viagem que os alunos fizeram para Manaus de Navio”.

4.4 – NORMAS ESCRITAS OU REGRAS DE CONDUTA?

A escolha do título acima justifica-se, porque professores e alunos declararam que ignoravam qualquer tipo de regulamento escrito existente no Colégio durante o período em que estiveram ali vinculados. Em nossas visitas aos arquivos do Colégio encontramos e digitalizamos um documento elaborado em junho de 1973, intitulado Regimento Interno do Ginásio do Salvador sendo este documento elaborado para que o Colégio passasse a oferecer os primeiros e segundos graus de ensino a partir do ano seguinte. Provavelmente, nossos entrevistados não tenham tido conhecimento ou não tenham alcançado a aprovação do citado documento.

Inicialmente, perguntamos aos professores se o Colégio era regido por normas, caso positivo como eram aplicadas, se professores e alunos opinavam sobre o estabelecimento delas e se havia reação diante dessas normas. Perguntamos ainda se tinham conhecimento de algum docente que foi punido por cometer algum tipo de falta:

Não havia nada escrito não, havia muito sermão! De vez em quando elas reuniam o colégio todo pra falar de várias coisas... não havia nada escrito, que eu saiba não. [...] Naquela época a disciplina era relativamente rígida. Nunca fui chamado a opinar sobre nada disso não! [...] Era tudo muito acatado, nunca presenciei nada de reação não, nem de professor nem de aluno. O discurso era esse: a norma é essa se você quiser você fica se não quiser você saia. [...] Eu não sei, porque eu não sou Psicólogo nem Sociólogo, era como se fosse uma disciplina consentida, todo mundo sabia que as normas eram aquelas e que todo mundo tinha que se comportar daquele jeito, então... não havia esse conflito não! (DINIZ, J. 2015).

Na caderneta de notas tinha todo o regulamento do Colégio. Todos os pais que colocavam lá já conheciam as normas do Colégio (risos), as normas eram rígidas. [...] Não existia discussão sobre as normas! Lá de quinze em quinze dias, nós tínhamos a reunião de professores com a diretoria, quando se discutiam os assuntos de aula e qualquer dificuldade que tivesse em qualquer matéria, aí era discutida. [...] Todos acatavam, o Colégio era muito rígido e todos aceitavam. Eu acho que ninguém questionava, eu acho que não, isso só Mariá pode dizer! A gente vivia mais preocupada com outras

coisas, eu tinha a casa para cuidar, tinha a escola para ensinar. Nunca ouvi falar em professor que fosse punido, de jeito nenhum! (MELO, M. 2105).

Sobre as normas, fizemos perguntas semelhantes aos ex-alunos que foram mais sucintos nas respostas. Esse fato se explica, pois em face da época investigada, se dava pouca abertura para discussões desse nível e ainda eram muito jovens para ter esse tipo de participação.

Nem precisava ter (risos), as normas eram delas mesmas, eram elas quem faziam as normas e quem entrava no Salvador já sabia que tinha que obedecer e tanto que botei meus filhos lá! Não existiam normas escritas. Não tinha norma nenhuma (risos) nem se sabia o que eram normas. (DINIZ, D. 2015).

Normas verbais! Eu não lembro ter nada por escrito, eu não lembro, acho que tudo era verbal. Mesmo no ginásio acho... eu, os meninos e meninas não estavam preparados para essa discussão, naquela época era tudo muito, já! Como se diz, tudo de cima para baixo, não me lembro dessa coisa participativa. (CARVALHO, M. 2015).

Não elas não adotavam normas! Nós não tínhamos acesso a isso não, elas faziam sempre reuniões com os pais e determinavam então como deveria proceder à disciplina, tudo enfim! Elas sempre estavam fazendo reuniões com os pais para poder administrar essa parte, era tudo verbal. Opinião dos pais sim! Porque eu já participei como mãe de aluno, em reuniões e a gente opinava dava sugestão, como mãe. Quando eu era aluna, meu pai e minha mãe participavam das reuniões e eles davam opinião. (CRUZ, M. 2015).

As duas. Porém, as normas verbais eram usadas com mais frequência. Após a execução do hino e após a reza, novas regras se houvessem, eram explicadas. Eram aplicadas quando surgia a necessidade. Os alunos já sabiam como se comportar, como proceder. Os professores eu não sei dizer, acredito que podiam opinar. Os alunos, dificilmente! (ANTONIO, P. 2015).

O aluno Renato Darcy Almeida apenas respondeu que as normas verbais existiam, eram apresentadas aos alunos e professores pelas diretoras, sendo acatadas por todos.

Ao analisarmos esses depoimentos, inferimos que ex-alunos e ex-professores eram impelidos a adotarem comportamentos que se coadunavam com a visão de ordem e de disciplina tão almejadas pela equipe diretiva do Colégio, semelhantes àquelas narradas em diversos trabalhos que trataram das instituições religiosas da época, a exemplo da obra de Cruz e França. Partindo desse princípio, concluímos que no Colégio do Salvador as “regras de condutas” foram definidas a partir da visão das diretoras, sendo impostas aos professores, alunos e outros atores que estivessem sob o comando das professoras Bernadete e Mariá. A elas devia-se a obediência, caso contrário, seria solicitada à retirada do aluno do Colégio ou demissão do professor que insistissem em não cumprir essas determinações.

Professores e alunos, em diversos momentos de suas entrevistas, deixaram claro que as prioridades do Colégio eram às atividades letivas, seguidas das comemorações religiosas e o exercício do civismo. Entretanto, apesar dos poucos relatos, também ocorriam viagens de estudos e excursões, ainda que não fossem atividades regulares como as demais.

4.5 – MEMÓRIAS AFETIVAS, RECORDAÇÕES E LIÇÕES DE VIDA

No transcorrer dos depoimentos, nossos atores ponderaram os pontos positivos e os pontos negativos dos métodos de ensino e o controle exercido sobre os alunos, que eram utilizados no Colégio naquele período. Entretanto, não deixaram de manifestar grande satisfação de terem vivenciado aquelas experiências e o prazer de ter passado pelos *bureaux* e pelos bancos do Colégio do Salvador, como alunos e professor posteriormente, ou somente como alunos. E ao final dos testemunhos, resolveram transcrever as suas maiores lições e aprendizados, fruto da experiência de ter sido professor e aluno do Colégio do Salvador:

Pouco antes do golpe de 1964, várias pessoas lideradas por uns estudantes do Atheneu, não sei se Gama estava no meio, alguns estudantes do Atheneu não posso lhe dizer os nomes porque não lembro, (risos) saiu pela Rua da Frente com o objetivo de invadir o Colégio Salvador. Achavam que o Colégio era o antro do fascismo, e seria um motivo para que o exército caísse em cima. Lembro que nós fomos defender o colégio, os professores foram pra lá para defender o Colégio pra ficar na porta, mas eles não chegaram a se aproximar, não! Mas nós fomos, eu lembro, alguns professores foram lá para defender o Colégio, mas foram até onde é o atual Museu do Homem Sergipano mas ali eles se dispersaram e foram embora é uma lembrança muito vaga. Mas isso quer dizer, que nós tínhamos muito carinho pelo Salvador. (DINIZ, J. 2015).

As experiências foram boas! Mesmo porque às vezes, quando eu estava em casa, estava pensando como era que eu ia facilitar o aprendizado dos alunos e em geral até dos professores. Gostava de assistir as aulas, porque aprendia muito assistindo sabe? Geografia de Sergipe, História de Sergipe, Matemática... eu sempre procurei uma maneira de facilitar os métodos para os meninos, de modo que até eles gostavam de estudar matemática comigo, de modo que aprendi muito com isso conseguindo facilitar o estudo era um trabalho a menos que eu tinha. Até hoje eu sonho que estou dando aula (risos). Sonho muito, não é pouco não! Tenho saudade de dar aula porque gostava muito. Em certa ocasião quando eu disse aos pais que eu ia deixar de dar aula, às vésperas dos alunos fazerem a primeira comunhão, foi em 1997, uma mãe de aluno me confidenciou que quando foi confessar diante do Padre, chorava! Chorava! (risos), e o Padre perguntou: porque você está chorando? Não tem pecado que não mereça perdão! (risos), Ela respondeu: não é não! É porque o Colégio que meu filho estuda vai fechar! (risos) Daí chocou, não sabe? Ensinar desde cedo me facilitou. Sempre fui responsável mas sempre foi uma coisa que me agradava, depois eu acho que a gente aprende muito com elas. Além disso, tem que se atualizar para poder ensinar. (MELO, M. 2015).

Assim como os ex-professores, os ex-alunos também falam com bastante entusiasmo sobre o Colégio. Nas declarações é nítida a referência à rigidez das regras, à religiosidade ali imposta, ao zelo em relação à defesa da moral e do civismo, sendo pelos diversos atores apontados como fatores que moldaram positivamente os comportamentos:

As experiências religiosas foram muito importantes na minha vida. Era o tempo de uma religião muito tradicional entendeu? Eu lembro que quando eu era mocinha ia para a Igreja com missal e véu. Eu lembro de todos os evangelhos, eu sei todos os evangelhos e isso é fruto de lá. A parte religiosa inicial de uma Igreja Tradicional onde o Pai lhe castigava, esse início foi lá. E eu lhe digo sinceramente que até hoje, eu tiro o chapéu para o Colégio Salvador! A grande lição que eu tive do Colégio Salvador foi de um colégio que me transmitiu a fé, o caráter, a dignidade e, sobretudo, a dignidade perante meus alunos. Mesmo na UFS, nunca permiti indisciplina nem nada, inclusive quando eu entrei na UFS no início, eu fiquei muito angustiada, eu queria transformar aquelas turmas diante de mim, com raras exceções, na disciplina do Colégio Salvador depois é que eu relaxei. (DINIZ, D. 2015).

Muitas experiências! Boas, ruins, a que você quiser. Aprendi de tudo que a gente aprende, vá ver que para uma criança foi muito ruim ter que voltar dia de sábado pra fazer frases não é? Mas foi isso que me deu firmeza na minha integridade como pessoa. Naquele momento o remédio foi ruim, mas era o que precisava para formatar o meu eixo, entendeu? E não desviou nada meu, pelo contrário, eu continuo sendo a mesma pessoa olhando a vida com essa ótica lúdica. Ser simples e sabendo que a gente está aqui nessa escola que é a terra apenas pra aprender e crescer e evoluir espiritualmente, pra mais nada se quiser agregar mais coisas vai agregar à toa porque fica tudo. Minha vida estudantil foi das melhores (risos). Foi o colégio que me deu essa disciplina interna, militar. Tudo isso fez parte do meu dia-a-dia. O Pomonga a ilha do meu pai, foi o outro lado da moeda que me ensinou a ser livre, amante da natureza. Pegar camarão em noite de lua. Tudo isso é uma vida muito rica, não é? O meu mundo era, ou o Colégio uma parte e o resto era o mundo: os livros que eu lia, eu com dez anos já tinha lido... eu fui autodidata ninguém me mandou ler nada! Eu com dez anos já tinha lido Dostoiévsk, já tinha lido Tolstoi, então meu universo estava montado na minha cabeça, já tinha corrido as culturas por aí. Imagina uma menina de onze anos já estava lendo François Sagan, já estava lendo Simone de Beauvoir, Sartre aí você diz é gênio? Não! [...] Mas eu tive uma coisa muito forte que me ajudou a desenvolver, minha personalidade, enfim, que é esse confronto entre essa liberdade externa e trabalhar essa disciplina interna: esse eixo, então eu acho que isso contribuiu muito, pra minha estrada futura de vida, porque depois que eu fui embora de Aracaju, eu fui trabalhar com cinema que é uma linha de trabalho muito mais livre, solta, mas não tivesse eu o eixo do Colégio do Salvador talvez não tivesse tido um bom... como se diz? Um bom andamento desse trilha entende? (CARVALHO, M. 2015).

Acho que o que aprendi no Colégio eu levo pra minha vida! Só boas recordações, como o aprendizado que me faz hoje considerar que estou pronta nessa parte do aprendizado, apesar de ter feito só até o quarto ano primário, mas foi à base de tudo! Se eu não tivesse essa base talvez eu tivesse dificuldade de desenvolver as outras fases que eu tive, então, pra mim, eu considero o Colégio assim, um colégio que até hoje é um Colégio

moderno, atual, mesmo que mudem todo o ensino, que tem as maneiras de ensinar diferente, mas ainda acho que a maneira que o Colégio Salvador ensina é a mais certa. Vejo isso em mim e vejo isso nos meus filhos e vejo isso no meu neto. Eu tenho um neto que hoje está fazendo o primeiro ano científico e ele diz isso, ele disse: minha avó, quando Dona Mariá dá aula, ele não gosta de estudar, vamos dizer até de passagem isso, Dona Mariá dá aula eu não preciso mais estudar com ninguém porque não tem quem não fique prestando atenção na aula que ela dá! Quer dizer, a aula que ela dá hoje na idade que ela está é a mesma que ela dava na minha época de aluna, o Colégio até hoje, oitenta anos, ela começou ali bem novinha, então é isso! [...] Minha vida estudantil é isso, que eu já passei tudo aí pra você não é? É uma vida de recordação boa e que se eu tivesse que recomeçar, recomeçaria tudo de novo, se tivesse mais filhos, seguiria o mesmo processo. (CRUZ, M. 2015).

O Colégio do Salvador me ensinou muito. Além do conteúdo, para mim não existia escola melhor em termos de aprendizagem, a disciplina e organização. O convívio e respeito pelos mais velhos. Aprendi também com as experiências ruins. Uma bagagem que faz parte de mim e que construiu, formou o que sou e o que acredito. Os exemplos e fatos que não gostei de viver me mostraram o que não quero pra minha vida, de como não repetir na educação dos meus, o que sempre desaprovei. Dos momentos bons, além das lembranças e saudades, o exemplo que tento seguir e, de alguma forma, ser. Experiências boas e ruins eu teria também em qualquer outra escola. Mas foi lá que minha formação se deu, juntamente com a educação de casa. Me sinto satisfeito e feliz. Cada experiência lá foi muito importante e contribuiu para ser a pessoa que sou. (ANTONIO, P. 2015).

Disciplina, organização, compromisso com tudo o que empreendi e empreendo, honestidade e cortesia no trato com todas as pessoas, independentemente do nível de renda e de educação que elas possuam. Um período de denso aprendizado e muitos relacionamentos com colegas e professores, e sempre que venho a Aracaju e visito o Colégio, sou muito bem recebido. Admirava e admiro as pessoas que levaram essa obra educativa à frente, como D. Bernadete, Mariá, Sonia, Amanda, Flory e outras. De fato um projeto educacional no qual não entraram os interesses financeiros, mas sim o ideal da educação. (ALMEIDA, R. 2015).

Diante das manifestações aqui apresentadas e apesar dos relatos de ex-alunos e ex-professores que disseram desconhecer a existência de normas escritas, a submissão desses atores a padrões rígidos de conduta torna claro que a sua inexistência não fez muita diferença para que fossem observadas, uma vez que estavam pautadas num mecanismo informal eficiente de vigilância responsável pela sua aplicação. Os erros e acertos, as boas e más experiências eram acompanhadas de perto por professores e diretoras constituindo as práticas educativas instrumentos para modelar comportamentos e marcar memórias. A maioria dos testemunhos ouvidos demonstrou grande satisfação pela oportunidade de ter passado pelos corredores, sentado na cadeira de professor ou nos bancos como alunos. Os ensinamentos, que comportavam refazer lições, chegar no horário, participar de missas, brincadeiras, dentre

outros, fizeram, nas palavras daqueles que viveram esse tempo a matéria-prima responsável por torná-los hoje o que são, um resultado melhor que aquele que os seus olhos na atualidade têm observado. O rigor, ontem razão de temor, atualmente é carregado de outros sentidos. Conforme nos disse a ex-aluna Margareth de Carvalho, convicta e com inegável entusiasmo sobre a educação recebida sobre o seu tempo de Colégio: “[lá tive] muitas experiências! Boas, ruins, a que você quiser. Aprendi de tudo que a gente aprende, vá ver que para uma criança foi muito ruim ter que voltar dia de sábado pra fazer frases não é? Mas foi isso que me deu firmeza na minha integridade como pessoa”.

5 - CONCLUSÃO

Ao iniciar este trabalho de pesquisa, sabíamos que algumas barreiras teriam que ser enfrentadas e rompidas, em razão não apenas de se tratar de uma investigação histórica sobre uma escola privada, com destacada orientação religiosa e fundada há mais de 80 anos, mas pela ainda incipiente produção sobre o ensino privado em Sergipe. Somados ao papel desenvolvido pelo Colégio na formação de várias gerações a partir de métodos rigorosos e tradicionais de ensino, com a consequente disposição ou resistência de ex-alunos e ex-professores em falar sobre o tema, entendemos a relevância do desafio que teríamos.

Quando fomos autorizados a ter acesso aos arquivos do Colégio do Salvador, sentimo-nos na ocasião acolhidos pela direção e pelo seu corpo administrativo, mas também experimentamos o peso da responsabilidade de tratar com as informações e as memórias pessoais depositados em seus arquivos. Apesar de bem preservados, os documentos não estavam devidamente organizados e catalogados seguindo as normas da arquivologia, o que demandou certa dificuldade em nosso trabalho de coleta e pesquisa.

Durante a pesquisa, digitalizamos centenas de fotografias, atas, avaliações de alunos, cadernetas, regimentos, plantas baixas e outros documentos ali arquivados. Esse material foi de importância fundamental para que fizéssemos o cotejamento dos dados com a pesquisa bibliográfica, adicionados às entrevistas, à pesquisa em jornais da época, bem como da análise de conversas informais que mantivemos com alguns interlocutores e de outros documentos encontrados em arquivos públicos.

O material coletado, somado as outras fontes, nos permitiu confirmar as hipóteses investigadas sobre as práticas educativas adotadas no Colégio do Salvador. Identificamos as ideias e práticas empregadas ao longo das primeiras duas décadas de existência do Colégio, analisando assim o seu processo de desenvolvimento e os efeitos sobre a formação dos alunos lá matriculados, em seus diversos aspectos, tendo como referência fontes documentais e as memórias de ex-alunos e ex-professores.

Compreendemos que desde a sua fundação, o propósito da professora Zilda Galvão, uma de suas fundadoras, era criar um estabelecimento de ensino pautado nos mesmos preceitos religiosos, morais e cívicos do Colégio onde concluiu o curso Pedagógico, batizando assim a instituição com o mesmo nome, ou seja, Colégio do Salvador. Essa iniciativa foi levada adiante por suas irmãs mais jovens, responsáveis por sucedê-la e assumir o desafio de conduzir, em meio a muitas adversidades, o empreendimento familiar.

O negócio criado e administrado por mulheres da mesma família, conforme determinação oficializada em ata de criação, na primeira metade do século XX, estaria fadado ao descrédito ou à falência não fosse à qualidade do ensino oferecido, somado à ação de membros muito influentes da sociedade, como os empresários que faziam parte do conjunto de relações sociais criadas pela família que se mostraram fundamentais, por exemplo, no processo de aquisição das casas geminadas na década de 1940, localizadas numa das principais avenidas da cidade, assegurando a sua permanência em uma área central e bastante valorizada por várias décadas.

Dentre as relações influentes angariadas e que apoiaram o andamento das atividades da instituição podemos citar personagens públicos como o médico Carlos Melo, Napoleão Dórea e políticos influentes a exemplo dos ex-governadores Leandro Maciel e Seixas Dória, presentes nas solenidades promovidas pelo Colégio e que possivelmente colaboraram para o fortalecimento dos vínculos com o Estado e com setores influentes da sociedade sergipana. Destaque principalmente para os representantes do clero sergipano que agindo em favor do Colégio, atingiam o objetivo de difundir e ampliar a fé católica, em um momento de declínio da influência da Igreja no ensino público. Ressalta-se que o catolicismo já utilizava na época os diversos meios disponíveis, inicialmente através de jornais e outras publicações; de emissoras de rádio como a Rádio Cultura de Sergipe, bem como através das instituições de ensino confessionais, adicionando a esse projeto o apoio direcionado aos colégios privados que prestavam os serviços educacionais aliadas às práticas religiosas, com aulas de catecismos, missas nas dependências internas e comemorações oficiais da Igreja, como foi o caso do Colégio do Salvador.

Essas premissas aparecem claras nas falas de Dona Mariá, quando esta expõe os fortes laços que a Família Galrão mantinha com os elementos mais influentes da Igreja Católica em Sergipe. Essas relações próximas com a Igreja serviram como um componente facilitador para que padres, freiras e bispos de diversas paróquias do estado estivessem presentes nas comemorações religiosas promovidas pelo Colégio, a exemplo da atuação do Padre João de Deus, clérigo muito atuante no período, no processo criação do Clube da Ciência em suas dependências. Dentre as fontes consultadas, pudemos observar a presença nas fotografias referentes às comemorações do Colégio, dos bispos Dom Fernando Gomes, Dom José Vicente Távora, Dom Avelar Brandão Vilela, o Padre Luciano Cabral Duarte, atual Bispo Emérito de Aracaju, Padre Zezinho Cardoso e o Missionário Frei Damião, somando-se a essa assertiva os testemunhos de ex-docentes e ex-alunos que afirmaram que a relação de proximidade e confiança com membros influentes da Igreja funcionou como fator de grande

atração para que famílias católicas quisessem matricular seus filhos naquela instituição de ensino. Dona Mariá reforça seu pensamento com três referências muito nítidas: a religião, a disciplina e a língua, como elementos que mantiveram sólida a estrutura do Colégio que funciona desde a década de 1930.

As pessoas contatadas para colaborar como entrevistados, foram escolhidas de forma aleatória, não tínhamos conhecimento da origem social, queríamos que tivessem trabalhado ou estudado no Colégio dentro do nosso marco temporal, porém no decorrer das entrevistas, investigamos que a maioria era originária das classes mais favorecidas de Aracaju e todos de famílias declaradamente católicas. Pudemos aferir, pelos relatos, que os métodos de ensino lá aplicados, somados as normas rígidas, a reverência ao civismo e principalmente o respeito e veneração à fé católica foram instrumentos utilizados para que a maioria dos egressos mantivessem posições de prestígio e a posição social herdada de suas famílias.

Apuramos que o Colégio também acolheu alunos bolsistas, originários de famílias menos favorecidas e afrodescendentes, que também, em grande parte dos casos, se destacaram na vida pública e privada. É digno de nota que houve matrículas de elementos não católicos nos quadros do Colégio. Apesar de não participarem das cerimônias religiosas, não encontramos registros de diferenciação no tratamento dispensado a esse público, a despeito da forte orientação religiosa ofertada pela escola. Um elemento possivelmente minimizado em virtude dos métodos tradicionais de ensino, que constituíram um fator de atração junto aos segmentos mais abastados da sociedade.

Em pesquisa realizada nos diários de classe da primeira turma do Ginásio em 1959 investigamos que em um total de vinte e um alunos, a maioria vinha de famílias mais abastadas, sendo que dez alunos eram filhos de comerciantes (atividade bastante próspera naquele período), quatro eram filhos de médicos, dois eram filhos de fazendeiros e um de cada, eram filhos de industrial, engenheiro, advogado, funcionário público federal e bancário.

A religiosidade, o civismo e os preceitos morais sempre estiveram presentes nas práticas cotidianas do Colégio e perpetuada nas diversas logomarcas adotadas desde a sua criação. A figura de Jesus Cristo de braços abertos e logo abaixo um desenho de livro onde está escrito Deus – Pátria. Este foi o grande lema que sempre impulsionou as atividades desenvolvidas no Salvador, como atestou Dona Mariá.

As melhores colocações nos exames, as melhores notas expostas em jornais para mostrar a qualidade dos seus alunos eram sempre obrigatórias ao final de cada ano letivo, constituindo estratégias para preservar e propagar o prestígio alcançado pelo Colégio. Os alunos do Colégio eram muito competitivos como testemunhou Diana Diniz, quando lembra

que uma das suas professoras solicitou ao seu pai que a matriculasse na banca para não ser ultrapassada nas notas por um dos seus colegas de sala. Estava em jogo a disputa por medalhas e outras formas de reconhecimento.

As regras de condutas foram melhor acatadas que normas ou estatutos escritos, caso existissem. A obediência ao que era estabelecido como norma comportamental, foi uma das condições básicas para manter-se matriculado naquela escola.

Os castigos físicos aos alunos de forma generalizada não foram relatados, entretanto, aplicava-se o constrangimento de voltar à tarde ou aos sábados, para aqueles que não obtivessem as notas mínimas desejadas pelo colégio que visava a excelência e como foi relatado por Margareth de Carvalho. Voltar às tardes ou aos sábados fazia parte de sua rotina, pois seu interesse, segundo ela, era por aprender e não em participar da competição pelas melhores notas e pelas medalhas.

As atividades extraclases, a exemplo das excursões e viagens de estudo, ocorreram com mais frequência a partir da década de 1950, por isso alguns dos depoentes afirmam não ter participado, mas em registros escritos e jornais encontramos alguns relatos e fotografias tratando do tema.

Boas ou ruins as experiências foram proveitosas segundo nossos entrevistados, evidenciando, com base nesses discursos, que o colégio se mostrou eficiente em marcar o rigor pedagógico como um elemento importante de sua identidade e do prestígio por ele alcançado.

Aprendizado para o resto de suas vidas, formação e propagação da fé, obediências às regras, disciplina, organização, compromisso, amor à pátria e principalmente às práticas educativas e culturais que ficaram gravadas em suas memórias; como as regras de português antes de P e B ou as de matemática para multiplicar 10, 100, 1000 e ainda os outros métodos de ensino apreendidos e aplicados como foi por diversas vezes citados por nossos depoentes.

Esses fatores foram fundamentais para que pudéssemos entender e até mesmo afirmar que as práticas educativas desenvolvidas do Colégio do Salvador, dirigido por mulheres de uma mesma família, fundado na primeira metade do século XX, época pouca favorável ao trabalho feminino, atendiam a essa proposta Educacional Pedagógica com preceitos bastante vinculados aos valores da Igreja Católica, a moral e o respeito aos símbolos pátrios. Destacamos nesse processo o apoio do clero local, que se constituiu como fator decisivo para reafirmação, crescimento e desenvolvimento daquele estabelecimento nos primeiros vinte e quatro anos de sua criação e funcionamento.

As características dos métodos educacionais adotadas no Colégio do Salvador foram muito mais que semelhantes aos colégios confessionais, procuraram de certa forma imitá-los nos diversos aspectos. É importante destacar, neste sentido, que a sua fundadora Zilda Galvão mais tarde tornou-se freira e retornava esporadicamente para lecionar aulas de religião no Colégio que ajudou a fundar e, nas palavras de Diana Diniz: “você podia dizer que estava em um pequeno colégio de freiras!”

Destacamos, portanto, a importância da pesquisa focada no Colégio do Salvador para a compreensão do funcionamento do ensino privado em Sergipe, enfatizando a complexidade e a riqueza dessa experiência para a compreensão das mudanças vivenciadas pela educação no estado.

Por fim, chamamos a atenção para a importância dos resultados alcançados como também para a necessidade de desenvolvimento de pesquisas sobre essa instituição, compreendendo assim outros períodos de sua história, de modo a elucidar as transformações em seu funcionamento ao longo das suas oito décadas de existência e as possíveis influências sofridas pelas mudanças no campo da história da educação e da sociedade brasileira.

6 - REFERÊNCIAS

ANDRADE, Adênia Santos, BRITO FILHO, José de Oliveira. **O ir e vir das ruas João Pessoa e Laranjeiras (1920-1940)**. Monografia para obtenção do grau de Licenciatura em História. UNIT, 2007.

AZZI, Riolando. **A Igreja no Brasil: da apologética à renovação pastoral (1912-1944)** Belo Horizonte. O Lutador, 1981.

BERGER, Miguel André. **Igreja x Educação: O papel do Colégio Nossa Senhora de Lourdes na formação da elite feminina**. Uberlândia. EDUFU. **Cadernos de História da Educação**. Número 3 – Janeiro a dezembro de 2004. (p. 147-154).

BONIFÁCIO, Nadja Santos. **Acolher, evangelizar e educar: contribuição do Oratório Festivo São João Bosco para Educação Feminina em Aracaju (1914-1952)**. Dissertação de Mestrado. NPGED/UFS, 2011.

BONTEMPI Junior, Bruno. **História da Educação Brasileira: o terreno do consenso**. Dissertação de Mestrado. São Paulo. PUC, 1995.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. 6ª Ed. São Paulo. Brasiliense, 1983.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo. Ateliê Editorial, 2013.

BRANDÃO, Zaia. **A intelligentsia educacional – Um percurso com Pachoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil**. Bragança Paulista/SP. EDUSF. 1999.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2005.

CRUZ, Maria Helena Santana; FRANÇA, Vera Lucia Alves. **Educação Feminina: Memória e Trajetórias de Alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Estância-Sergipe (1950-1970)**. São Cristóvão. Editora UFS. 2011.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe – República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2004.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. **Dicionário de Filosofia**. Campinas/SP, Papirus 2ª edição. 1996.

FERREIRA, Jurandir Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. 2. IBGE. Dez 1959. (p. 229-231).

FIGUEIREDO, Maria Bernadete G. de A. **As irmãs Galvão Leite**. Monografia apresentada como requisito parcial de avaliação da disciplina Tópicos Especiais de Ensino. NPGED/UFS. São Cristóvão, 2005

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. A cultura material escolar e a produção das dissertações de Mestrado no Núcleo de Pós-Graduação em Educação. In. BERGER, Miguel André (org.) **A pesquisa educacional e as questões da educação na contemporaneidade**. Maceió: Edufal, 2010. (p. 139-153).

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco**: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: FAP-SE, 2003.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política**: Sergipanas no Início do Século XX. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34. 2006.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **Pés-de-anjo e letreiros de neon**: ginásianos na Aracaju dos anos dourados. São Cristóvão. Editora da UFS, 2002.

GONÇALVES E FREITAS, Barbara Sheila. A ocupação periférica do quadrado de Pirro: Aribé (1901-1931). In **REVISTA DE ARACAJU**. Aracaju. Ano LX. Nº 10. 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Centauro Editora, 2006.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação Brasileira**: leituras. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2005.

HORTA, José Silvério Baia. **O hino, o sermão e a ordem do dia**: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945). Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 1994.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**. Guia prático de linguagem Sociológica: tradução Ruy Jungmann, consultoria Renato Lessa. Rio de Janeiro. Zahar, 1997.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, Janeiro/Junho, 2001. (p. 9-43).

KOSOY, Boris. **Fotografia & História**. Ateliê Editorial. 3ª edição revista e ampliada. 2009.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques **História e Memória**. 5ª ed. Campinas. Editora da UNICAMP, 2003. (p. 419-476).

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo. Editora Contexto, 2010. (p. 443 a 481).

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia Educacional Sergipana: uma crítica aos estudos da história da educação**. Editora UFS, 2003.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Os embates teóricos e a produção historiográfica educacional nos 15 anos do NPGED. In. BERGER, Miguel André (org.) **A pesquisa educacional e as questões da educação na contemporaneidade**. Maceió: Edufal, 2010. (p. 105-124).

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **Educação Física Escolar e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência**. Bragança Paulista. EDUSF. 2003.

PERES, Eliane Teresinha. **Aprendendo formas de pensar, de sentir e de agir a escola como oficina da vida: discursos pedagógicos e práticas escolares da escola pública primária gaúcha (1909-1959)**. Tese de Doutorado em Educação. UFMG. Belo Horizonte. 2000.

PIMENTEL, Carmen Regina de Carvalho. **Instruir e Educar: Práticas de Formação no Colégio “Jackson de Figueiredo” (1938-1980)**. Dissertação de Mestrado. PPGED/UFS. 2014.

PORTO, Fernando de Figueiredo. **Alguns nomes antigos de Aracaju**. Gráfica Editora J. Andrade. 2ª edição. Aracaju, 2011.

SANTANA, Josineide Siqueira de. **Entre bordados, cadernos e orações: a educação de meninas e as práticas educativas no orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição (1922-1969)**. Dissertação de Mestrado. NPGED/UFS. 2011.

SILVA, France Robertson P. da. **Sob o manto da Imaculada, Sergipe se devota a Maria – Séculos: XVI a XIX**. Monografia para obtenção do grau de Licenciado em História pela Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão. 2001.

SOUSA, Mons. José Carvalho de. **Presença Participativa da Igreja Católica na história dos 150 anos de Aracaju**. Gráfica Editora J. Andrade. Aracaju, 2006.

SOUZA, Milena Cristina Aragão Ribeiro de. **Representações docentes sobre os castigos escolares**. Tese de Doutorado. PPGED. São Cristóvão. 2015.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In. BENCOSTTA, Marcus Levy (org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. (p. 163-189).

SCHWARTZMAN, Simon. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra/EDUSP, 1984.
THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1981.

VIDAL, Diana G; SCHWARTZ, Cleonara M. Sobre Cultura Escolar e História da Educação: questões para debate. In: VIDAL, Diana G; SCHWARTZ, Cleonara M. **História das Culturas Escolares no Brasil**. (orgs.) Vitória: EDUFS, 2010. (p. 13-35).

ENTREVISTAS

ALMEIDA, Renato Darcy Ferreira de. **Entrevista concedida ao autor por e-mail, recebida em 11 de setembro de 2015**. (ALMEIDA, R. 2015).

ANTONIO, Pedro (nome fictício). **Entrevista concedida ao autor em 22 de agosto de 2015**. (ANTONIO, P. 2015).

CARVALHO, Margareth do Espírito Santo de. **Entrevista concedida ao autor em 22 de junho 2015**. (CARVALHO, M. 2015).

CRUZ, Maria Stael Carvalho da. **Entrevista concedida ao autor em 22 de junho de 2015**. (CRUZ, M. 2015).

DINIZ, Diana Maria de Faro Leal. **Entrevista concedida ao autor em 11 de junho 2015**. (DINIZ, D. 2015).

DINIZ, José Alexandre Felizola. **Entrevista concedida ao autor em 28 de maio de 2015**. (DINIZ, J. 2015).

LEITE, Maria Angelica Galvão. **Entrevista concedida ao autor em 20 de agosto de 2015**. (LEITE, M. 2015).

LEITE, Maria Bernadete Galvão. **Entrevista concedida a Claudia Lobão Quaranta em 1995. Gentilmente cedida para o autor**. (LEITE, B. 1995).

MELO, Maria Auxiliadora Leite de. **Entrevista concedida ao autor em 18 de junho 2015**. (MELO, M. 2015).

PERIÓDICOS

CORREIO DE SERGIPE. **Informes da reportagem fornecidas pela Família Galvão Leite**. Aracaju, 12 de agosto de 2007.

REVISTA DE ARACAJU. Aracaju. Ano LX. Nº 10. 2003

INFORMATIVO SALVADOR. Aracaju, Novembro de 1996, Ano 1, número 01.

REVISTA A CRUZADA – Aracaju, 26 de novembro de 1944

REVISTA A CRUZADA - Aracaju, 27 de novembro de 1949

REVISTA A CRUZADA - Aracaju, 04 de junho de 1950

REVISTA A CRUZADA - Aracaju, 09 de dezembro de 1951

REVISTA A CRUZADA - Aracaju, 24 de outubro de 1953

REVISTA A CRUZADA - Aracaju, 11 de janeiro de 1958

REVISTA A CRUZADA - Aracaju, 15 e 16 de dezembro de 1962

REVISTA A CRUZADA - Aracaju, 26 de novembro de 1960

CORREIO DE ARACAJU - Aracaju, 14 de fevereiro de 1952

CORREIO DE ARACAJU - Aracaju, 15 de dezembro de 1954

CORREIO DE ARACAJU - Aracaju, 09 de fevereiro de 1957

SITES E BLOGS ACESSADOS

www.aracaju.se.gov.br/154anos - Acessado em 12 de outubro de 2015.

www.colégiosalvador.com.br – Acessado em 2014/2015 (várias datas).

www.infonet.com.br. Acessado em 03 de fevereiro de 2015.

<http://aracajuantigga.blogspot.com.br/2009/07/formacao-do-centro-comercial-de-aracaju.html>
- Acessado em 12 de outubro de 2015.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



TÍTULO DO TRABALHO: EDUCAÇÃO E PRECEITOS DA FÉ: O COLÉGIO DO SALVADOR (ARACAJU 1935-1959)

AUTOR: FRANCE ROBERTSON PEREIRA DA SILVA

ORIENTADORES: PROFA. DRA. ANAMARIA GONÇALVES B. DE FREITAS.
PROF. DR. MARCOS SANTANA DE SOUZA

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA SER APLICADA A PROFESSORA MARIAÁ

Nome:

Naturalidade:

Cor:

Sexo:

Estado Civil:

Profissão:

Religião:

Endereço:

Telefone:

- 1) A senhora tem recordações de sua infância na sua cidade de origem?
- 2) Como foi sua infância? Quais lembranças que a senhora tem desse período?
- 3) Era uma família pequena ou numerosa?
- 4) A senhora poderia falar sobre sua formação familiar? Como eram seus pais na educação dos filhos?
- 5) Há algum ensinamento recebido dos seus pais que a senhora guarda até hoje?
- 6) Em sua opinião, qual o papel da família na formação do indivíduo? E a religião?
- 7) Como foi a sua experiência na escola como estudante? Onde a senhora estudou?
- 8) Como era a educação naquele período?
- 9) E os professores?
- 10) A senhora teve alguma experiência anterior de trabalho além de professora?
- 11) Em qual momento decidiu ser professora? Como se deu o seu ingresso no magistério?
- 12) O que chamava a sua atenção no magistério?

- 13) A senhora pode falar sobre a sua geração de professores? Como era o relacionamento entre os colegas?
- 14) Algum professor/a serviu como modelo para a sua atuação? Havia algo em sua prática profissional que a senhora procurava sempre desenvolver junto aos alunos?
- 15) Sendo a senhora uma das pioneiras na administração do Colégio do Salvador, pode falar sobre as dificuldades encontradas?
- 16) Em relação aos primeiros anos de funcionamento do Colégio, que fatores levaram a ampliação do número de alunos?
- 17) Como eram as instalações das primeiras sedes do Colégio e que fatores contribuíram para o seu crescimento?
- 18) Para a senhora o que é educação?
- 19) Como encara a educação nos dias atuais? Em relação à educação existente naquele período considera que houve alguma perda? Se afirmativo, qual?
- 20) Há algo nas práticas educativas utilizadas no passado que a senhora considera que deveria ser retomado?
- 21) O que para a senhora representa o Colégio do Salvador?
- 22) O Colégio do Salvador completou 80 anos, algo pouco comum entre as escolas particulares, o que a senhora considera que foi fundamental para a longevidade dessa instituição?
- 23) A Senhora quer fazer mais algum comentário sobre sua experiência como ex-aluna, professora e diretora do Colégio do Salvador?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



TÍTULO DO TRABALHO: EDUCAÇÃO E PRECEITOS DA FÉ: O COLÉGIO DO SALVADOR (ARACAJU 1935-1959)

AUTOR: FRANCE ROBERTSON PEREIRA DA SILVA

ORIENTADORES: PROFA. DRA. ANAMARIA GONÇALVES B. DE FREITAS.
PROF. DR. MARCOS SANTANA DE SOUZA

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA EX-ALUNOS/AS

Nome:

Naturalidade:

Cor:

Sexo:

Estado Civil:

Idade:

Profissão:

Religião:

Endereço:

Telefone:

- 1) Em que ano de ingressou no Educandário/Colégio do Salvador?
- 2) Você recorda em qual sede (endereço) estudou no Educandário/Colégio do Salvador?
- 3) Lembra até que ano estudou no Salvador?
- 4) O que levou a estudar no Educandário/Colégio do Salvador?
- 5) Você gostava de estudar no Colégio do Salvador?
- 6) Quais disciplinas você mais gostava?
- 7) Você residia próximo ao Colégio do Salvador?
- 8) O educandário/colégio tinha refeitório para Professores/as, alunos/as e funcionários, caso positivo, você fazia refeições?
- 9) Havia cantina para venda de lanches?
- 10) No período em que estudou no Salvador era internato, externato ou os dois? Era masculino, feminino ou misto?
- 11) Você foi residente do internato do Colégio do Salvador?

- 12) Você lembra-se de colegas que residiam no Educandário/Colégio?
- 13) Como era sua relação com os colegas
- 14) Como era a relação com os professores?
- 15) E a relação dos alunos com a direção do Colégio do Salvador?
- 16) E a sua relação com os dirigentes era boa?
- 17) Havia no colégio um perfil dos alunos em relação à classe social, cor, etc.?
- 18) Na sala de aula havia mais alunos ou alunas?
- 19) Havia em média quantos alunos por turma?
- 20) Como os alunos recebiam os professores, diretores e os visitantes na sala de aula?
- 21) Na ocasião havia diários de classe?
- 22) Como eram ministradas as aulas?
- 23) Havia livro didático, caso afirmativo, era sempre utilizado?
- 24) Além do livro didático, você utilizava outros meios para o acompanhamento das aulas?
- 25) Os alunos/as aproveitavam bem os conteúdos das aulas?
- 26) Havia algum/ns professor(es/as) que você mais simpatizava? Se afirmativo, pode dizer por quê?
- 27) Como eram feitas as avaliações de aproveitamento das disciplinas?
- 28) O Colégio era regido por normas escritas ou verbais?
- 29) Caso positivo, como eram aplicadas essas normas?
- 30) Professores e alunos poderiam opinar sobre o estabelecimento de normas?
- 31) Você se considerava um bom aluno no aspecto do aprendizado?
- 32) Você se considerava um bom aluno no aspecto comportamental?
- 33) Havia punição para os alunos transgressores/as?
- 34) Caso positivo, como eram essas punições?
- 35) Você já foi punido por alguma transgressão?
- 36) Como era o comportamento dos alunos /as perante os professores/as?
- 37) Havia punição para alunos que não obtivessem notas mínimas para aprovação nas disciplinas?
- 38) Caso afirmativo, quem determinava as punições?
- 39) Caso afirmativo, como eram essas punições? Havia castigos físicos?
- 40) Lembra-se de algum aluno que tenha sido expulso do Colégio em decorrência de alguma transgressão? Caso afirmativo, como ocorreu?
- 41) Lembra-se de alguma situação engraçada ou inusitada ocorrida dentro ou fora do Colégio envolvendo professores/as ou alunos, comente?

- 42) Qual era o horário de entrada e saída no Colégio e na sala de aula nos turnos matutinos (caso houvesse) e vespertinos (caso houvesse)?
- 43) Existia alguma atividade cívica ou religiosa antes do início das aulas?
- 44) Como eram as instalações físicas do Colégio? Eram adequadas para o bom desenvolvimento de suas atividades como aluno?
- 45) Como eram os festejos típicos, regionais e religiosos?
- 46) Você participava dos festejos?
- 47) Havia atividades físicas, jogos, recreações e outras atividades lúdicas no Salvador?
- 48) Lembra-se de algum professor/a ou aluno/a que não professasse a religião católica?
- 49) Havia orientação da direção acerca de como deveria se portar o docente ou aluno/a que não professasse a fé católica?
- 50) Você frequentava as missas promovidas pelo Colégio do Salvador?
- 51) O Colégio promovia excursões, caso afirmativo, fale sobre elas?
- 52) Você participava das excursões?
- 53) Como eram as recreações nos intervalos de aula, você sempre participava?
- 54) Existia no Colégio grêmio, associação estudantil ou grupos de estudos?
- 55) Você continua em atividade ou está aposentado/a?
- 56) Quais as maiores lições/aprendizados que você percebe na sua vida fruto da experiência de ter sido aluno/a do Salvador?
- 57) Quer fazer mais algum comentário sobre sua vida estudantil no Colégio do Salvador?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



TÍTULO DO TRABALHO: EDUCAÇÃO E PRECEITOS DA FÉ: O COLÉGIO DO SALVADOR (ARACAJU 1935-1959)

AUTOR: FRANCE ROBERTSON PEREIRA DA SILVA

ORIENTADORES: PROFA. DRA. ANAMARIA GONÇALVES B. DE FREITAS.
PROF. DR. MARCOS SANTANA DE SOUZA

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA EX-PROFESSOR/A

Nome:

Naturalidade:

Cor:

Sexo:

Estado Civil:

Idade:

Profissão:

Religião:

Endereço:

Telefone:

- 1) Em que ano de ingressou no Educandário/Colégio do Salvador?
- 2) Você recorda em qual sede (endereço) lecionou no Educandário/Colégio do Salvador?
- 3) Lembra até que ano lecionou no Salvador?
- 4) Como era rotina entre o trabalho e sua residência?
- 5) O que levou a lecionar no Educandário/ Colégio do Salvador houve alguma indicação?
- 6) Você gostava de lecionar no Colégio do Salvador?
- 7) Qual disciplina lecionou?
- 8) Quais séries ou turmas você lecionou?
- 9) O educandário/colégio tinha refeitório para Professores/as e alunos/as e funcionários, caso positivo, você fazia refeições?
- 10) Havia cantina para venda de lanches?
- 11) Qual era a orientação Pedagógica de ensino para o Colégio?
- 12) Como era a relação entre os professores?

- 13) E a relação com a direção do Colégio?
- 14) Como era a relação entre os dirigentes da escola e os alunos?
- 15) Havia no colégio um perfil dos alunos em relação à classe social, cor, etc.?
- 16) Na sala de aula havia mais alunos ou alunas?
- 17) Havia em média quantos alunos por turma?
- 18) Na ocasião havia diários de classe?
- 19) Como eram ministradas as aulas?
- 20) Havia livro didático, caso afirmativo, era sempre utilizado?
- 21) Além do livro didático, eram utilizados outros meios para o desenvolvimento da disciplina?
- 22) Os alunos/as aproveitavam bem os conteúdos da sua disciplina?
- 23) Como era tratado o tema disciplina/comportamento na escola?
- 24) O Colégio era regido por normas? Caso positivo, como eram aplicadas as normas?
- 25) Professores e alunos poderiam opinar sobre o estabelecimento de normas?
- 26) Como docentes e alunos reagiam às normas?
- 27) Havia punição para professores/as, caso cometessem alguma falta?
- 28) Caso positivo, como eram essas punições?
- 29) Como era o comportamento dos alunos /as perante os professores/as?
- 30) Como eram as punições para os alunos transgressores/as?
- 31) Havia punição para alunos que não obtivessem notas mínimas para aprovação nas disciplinas?
- 32) Caso afirmativo, quem determinava as punições?
- 33) Caso afirmativo, como eram essas punições? Havia castigos físicos?
- 34) Lembra-se de algum aluno que tenha sido expulso do Colégio em decorrência de alguma transgressão? Caso afirmativo, lembra-se de como ocorreu?
- 35) Lembra-se de alguma situação engraçada ou inusitada ocorrida dentro ou fora do colégio envolvendo alunos ou professores/as, comente?
- 36) Qual era o horário de entrada e saída no Colégio e na sala de aula nos turnos matutinos (caso houvesse) e vespertinos (caso houvesse)?
- 37) Como eram as instalações físicas do Colégio? Eram adequadas para o bom desenvolvimento de suas atividades docentes?
- 38) Como eram os festejos típicos, regionais e religiosos?
- 39) Você participava dos festejos?
- 40) Como o tema religiosidade era tratado na escola?

- 41) Lembra-se de algum professor/a ou aluno/a que não professasse a religião católica?
- 42) Havia alguma orientação da direção acerca de como deveria se portar o docente ou aluno/a que não professasse a fé católica?
- 43) Você frequentava as missas promovidas pelo Colégio?
- 44) O Colégio promovia excursões, caso afirmativo, fale sobre elas?
- 45) Você participava das excursões?
- 46) Como eram as recreações nos intervalos de aula, você acompanhava os alunos?
- 47) Você continua lecionando ou está aposentado/a?
- 48) Quer fazer mais algum comentário sobre suas atividades docentes no Colégio do Salvador?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



TÍTULO DO TRABALHO: EDUCAÇÃO E PRECEITOS DA FÉ: O COLÉGIO DO SALVADOR (ARACAJU 1935-1959)

AUTOR: FRANCE ROBERTSON PEREIRA DA SILVA

ORIENTADORES: PROFA. DRA. ANAMARIA GONÇALVES B. DE FREITAS.
PROF. DR. MARCOS SANTANA DE SOUZA

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA EX-FUNCIONÁRIOS/AS

Nome:

Naturalidade:

Cor:

Sexo:

Estado Civil:

Idade:

Profissão:

Religião:

Endereço:

Telefone:

- 1) Em que ano de ingressou no Educandário/Colégio do Salvador?
- 2) Qual atividade o/a senhor/a exercia no Educandário/Colégio do Salvador?
- 3) Como o senhor/a desenvolvia suas atividades?
- 4) Você recorda em qual sede (endereço) exerceu atividades no Educandário/Colégio do Salvador?
- 5) Lembra até que ano exerceu atividades no Salvador?
- 6) O que levou a trabalhar no Educandário/Colégio do Salvador houve alguma indicação?
- 7) Você gostava de trabalhar no Salvador?
- 8) Você residia próximo ao Educandário/Colégio do Salvador?
- 9) O colégio tinha refeitório para Professores/as e alunos/as e funcionários, caso positivo, você fazia refeições?
- 10) Havia cantina para venda de lanches?

- 11) No período em que trabalhou no Salvador era internato, externato ou os dois? Era masculino, feminino ou misto?
- 12) Como era a relação entre os funcionários e professores?
- 13) Como era a relação entre os principais dirigentes do Colégio e os funcionários/as?
- 14) E a sua relação com os alunos era boa?
- 15) Como era a relação entre os dirigentes da escola e os alunos?
- 16) Havia no colégio um perfil dos alunos em relação à classe social, cor, etc.?
- 17) Na sala de aula havia mais alunos ou alunas?
- 18) Como era o comportamento dos alunos de forma geral?
- 19) Como era o comportamento dos alunos /as perante os funcionários/as?
- 20) O Colégio era regido por normas? Caso positivo, como eram aplicadas as normas?
- 21) Professores e alunos e funcionários poderiam opinar sobre o estabelecimento de normas?
- 22) Como docentes e alunos reagiam às normas?
- 23) Havia punição para funcionários/as, caso cometessem alguma falta?
- 24) Caso positivo, como eram essas punições?
- 25) Professores e alunos e funcionários poderiam opinar sobre o estabelecimento de normas?
- 26) Havia punição para funcionários/as, caso cometessem alguma falta?
- 27) Caso positivo, como eram as punições?
- 28) Havia punição para os alunos transgressores/as, caso afirmativo como eram?
- 29) Havia punição para alunos que não obtivessem notas mínimas para aprovação nas disciplinas?
- 30) Caso afirmativo, quem determinava as punições?
- 31) Caso afirmativo, como eram essas punições? Havia castigos físicos?
- 32) Lembra-se de algum aluno que tenha sido expulso do Colégio em decorrência de alguma transgressão?
- 33) Caso afirmativo, como ocorreu?
- 34) Lembra-se de alguma situação engraçada ou inusitada ocorrida dentro ou fora do colégio envolvendo funcionários, professores ou alunos?
- 35) Qual era o horário de entrada e saída no Colégio e na sala de aula nos turnos matutinos (caso houvesse) e vespertinos (caso houvesse)?
- 36) Como eram as instalações físicas do Colégio? Eram adequadas para o bom desenvolvimento de suas atividades administrativas?
- 37) Como eram os festejos típicos, regionais e religiosos?
- 38) Você participava dos festejos?

- 39) Lembra-se de algum funcionário, professor/a ou aluno/a que não professasse a religião católica?
- 40) Havia alguma orientação da direção acerca de como deveria se portar o docente ou aluno/a ou funcionários que não professasse a fé católica?
- 41) Você frequentava as missas promovidas pelo Colégio?
- 42) O Colégio promovia excursões, caso afirmativo, fale sobre elas?
- 43) Você participava das excursões?
- 44) Como eram as recreações nos intervalos de aula, você acompanhava os alunos?
- 45) Você continua trabalhando ou está aposentado/a?
- 46) Quer fazer mais algum comentário sobre suas atividades administrativas no Salvador?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



TÍTULO DO TRABALHO: EDUCAÇÃO E PRECEITOS DA FÉ: O COLÉGIO DO SALVADOR (ARACAJU 1935-1959)

AUTOR: FRANCE ROBERTSON PEREIRA DA SILVA

ORIENTADORES: PROFA. DRA. ANAMARIA GONÇALVES B. DE FREITAS.
PROF. DR. MARCOS SANTANA DE SOUZA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS

Eu _____, CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores FRANCE ROBERTSON PEREIRA DA SILVA – Mestrando, PROFA. DRA. ANAMARIA GONÇALVES B. DE FREITAS e o PROF. DR. MARCOS SANTANA DE SOUZA – Orientadores da dissertação intitulada “EDUCAÇÃO E PRECEITOS DA FÉ: O COLÉGIO DO SALVADOR (ARACAJU 1935-1959)”, a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes e utilizar as entrevistas nos meios que se façam necessárias e ao mesmo tempo, libero a utilização desses depoimentos em favor dos pesquisadores mencionados, para fins científicos e de estudos da dissertação que poderá ser apresentado: nos relatórios parcial e final, em apresentação audiovisual, livros acadêmicos e periódicos científicos, em artigos publicados em anais de encontros científicos nacionais e internacionais, assim como, disponibilizadas no banco de dados resultante da pesquisa e na Internet, com fins não comerciais, fazendo-se constar os devidos créditos ou resguardando o sigilo dos depoentes, se assim preferir, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).
Aracaju, 28 de maio de 2015.

Pesquisador responsável pela Dissertação

Entrevistado (a)